

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA
BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI)
SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da
Complexidade

Vinícius Fagundes Dos Santos

Anápolis – Goiás
2022

VINÍCIUS FAGUNDES DOS SANTOS

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA
BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI)
SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da
Complexidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para o processo de defesa e obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias. Área de Concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias. Linha de pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Suanno.

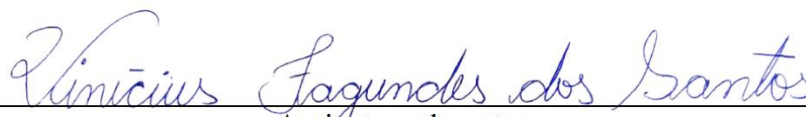
Anápolis – Goiás

2022

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE PRODUÇÃO
INTELLECTUAL EM MEIO ELETRÔNICO**

Eu, Vinícius Fagundes dos Santos, autor da obra intitulada **SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI) SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da Complexidade** apresentada em 27/05/2022 como pré-requisito para obtenção de diploma de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias, AUTORIZO a Biblioteca Setorial do Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas disponibilizar para fins de leitura, consulta, impressão e ou *downloading* pela *Internet*, a título de divulgação da produção científica gerada no âmbito da Universidade Estadual de Goiás, sem abdicar dos direitos autorais e patrimoniais que envolvem a utilização da obra, estando ciente que o teor do conteúdo disponibilizado é de minha inteira responsabilidade.

Anápolis, 30 de Junho de 2022.


Assinatura do autor

Ficha catalográfica

S237s

Santos, Vinícius Fagundes Dos.

Sentidos e significados das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial do Centro de Ensino em período integral (CEPI) São Sebastião [manuscrito] : uma análise possível à luz da epistemologia da complexidade / Vinícius Fagundes Dos Santos. – 2022.

170 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Suanno.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior. Anápolis, 2022.

Inclui bibliografia.

Inclui tabelas.

1.Banda Marcial – Sentidos e significados. 2.Banda Marcial – Aprendizagem - Epistemologia da complexidade. 3.Ensino de Banda Marcial. 4.Dissertações – PPGIELT - UEG/UnuCSEH. I.Suanno, João Henrique. II.Título.

CDU 37:785.12(043)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus

Bibliotecária/UEG/UnuCSEH

CRB1/2385

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA
BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI)
SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da
Complexidade**

Essa dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 27 de maio de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Henrique Suanno (Universidade Estadual de Goiás / UEG)
Orientador / Presidente da Banca

Prof. Dra. Yara Fonseca de Oliveira e Silva (Universidade Estadual de Goiás / UEG)
Membro Interno

Prof. Dra. Monique Andries Nogueira (Universidade Federal do Rio de Janeiro /
UFRJ)
Membro Externo

Prof. Dra. Enny Parejo (Faculdade Integral Cantareira / FIC-SP)
Membro Externo

*Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! E
quanto mais excelente, adquirir a prudência do que a
prata! (Provérbios 16:16)*

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno Deus seja minha gratidão, fé, força, disposição, alegria, vitória e todas as conquistas recebidas e as vindouras. A quem confio plenamente, mesmo sem vê-lo, creio na sua existência e na influência que tem sobre minha vida. Enquanto judeu-messiânico que sou, faço deste momento um momento de agradecimento em hebraico e em Português:

ברוך אתה ה' א-לוהינו, מלך העולם, שהחינו וקימנו והגענו לזמן הזה.

Barukh ata Adonai Eloheinu, melekh ha'olam, she'heheyanu v'kiy'manu v'higi'anu la'z'man ha'ze.

Bendito és tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos manteve vivos, que nos sustentou, e que nos permitiu chegar a esta época.

À minha esposa Kamilla Fagundes e meus filhos Nathan Felipe, Ana Júlia e Isabeli que com muita paciência e amor me deram todo o suporte possível para chegar até aqui. Amo vocês!

À minha mãe que esteve comigo em todos os passos dessa caminhada, me dando palavras de carinho, conforto e apoiando em tudo. Te amo, mãe!

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Henrique Suanno por todo apoio, suporte, orientação, momentos de ampliação de olhares, modificação de trajetos e por valorizar cada palavra nesta dissertação, jamais excluindo minhas ideias, minhas análises e concepções, mas ampliando, religando e considerando, sempre com uma maestria e cavalheirismo sem igual. Obrigado, professor!

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, o nosso PPG-IELT, pela oportunidade de realizar um curso público, gratuito e de tanta qualidade! Estendendo também meus agradecimentos aos docentes do programa que, com maestria e humanidade, nos deram o suporte necessário em pleno período pandêmico. Meus agradecimentos sinceros!

À Banca Examinadora composta pelas professoras Dra. Enny Parejo, Dra. Monique Andries que com seus conhecimentos na área musical contribuíram sobremaneira para esta investigação e à Dra. Yara Fonseca que, com muito carinho e respeito, me deu o suporte necessário para o polimento desta pesquisa. Muito obrigado!

Ao Comitê de Ética e Pesquisa por analisar o projeto e me habilitar na realização da pesquisa empírica. Gratidão!

À duas professoras que marcaram minha caminhada docente, pessoas que me inspiram e que admiro muito: Professora Lucivânia Rosa e Professora Ederlaine Braga. Sem o olhar de vocês e a oportunidade que me deram eu não estaria onde estou! Meu reconhecimento e gratidão!

À Prefeitura de São Luís de Montes Belos, na pessoa do Prefeito Eldecírio Silva por conceder minha licença para aprimoramento. Gratidão!

A todos os participantes que integraram este projeto investigativo e que abrilhantaram ainda mais as páginas deste texto, uma vez que, sem eles, este projeto não teria acontecido. Gratidão!

OBRIGADO!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os sentidos e significados das aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, pautando-se a partir do olhar da Epistemologia da Complexidade, fundamentada em Edgar Morin e balizada pelos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo enquanto categorias de análise e do pensamento. Para podermos dialogar sobre a Complexidade, nosso olhar se voltou para a Banda Marcial CEPI São Sebastião, que tem como sede o Centro de Ensino em Período Integral São Sebastião, no município de São Luís de Montes Belos, estado de Goiás. Visamos nos debruçar sobre uma questão problema que nos inquieta: Quais os sentidos e significados das aprendizagens construídas pelos egressos da Banda Marcial do CEPI à luz dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo? Lançando mão de uma pesquisa de campo, sustentada por um levantamento de dados documentais e empíricos, realizados presencialmente e por meio de plataformas digitais gratuitas, buscamos compreender os sentidos e significados das aprendizagens de egressos que integraram a banda marcial, desde o ano de sua criação em 1996 até o ano de 2019 e se tais construções de conhecimento se aproximam dos conceitos dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo. Como resultado desta investigação percebemos que as aprendizagens construídas pelos egressos da banda não somente dialogam com a epistemologia que investigamos, mas também apresentam diversos aspectos que são paralelos e intrínsecos aos operadores analisados. Obtivemos a construção de 7 (sete) sentidos e significados que foi resultado da observação, análise e triangulação dos dados empíricos que também se ligam à Epistemologia da Complexidade.

Palavras-chave: Sentidos e significados. Banda Marcial. Epistemologia da Complexidade. Ensino de Banda.

RESUMÉN

El objetivo principal de la presente investigación es analizar los sentidos y significados de los aprendizajes de los ex alumnos de la Banda Marcial del CEPI São Sebastião, a partir de la Epistemología de la Complejidad, fundada en Edgar Morin y orientada por los Operadores Cognitivos del Pensamiento Complejo como categorías de análisis y pensamiento. Para poder dialogar sobre la Complejidad, nuestra mirada se dirigió a la Banda Marcial del CEPI São Sebastião, que tiene su sede en el Centro de Educación Integral de Período de São Sebastião, en la ciudad de São Luís de Montes Belos, estado de Goiás. Nos propusimos abordar una pregunta problema que nos preocupa: ¿Cuáles son los sentidos y significados de las experiencias de aprendizaje construidas por los egresados de la Banda Marcial del CEPI a la luz de los Operadores Cognitivos del Pensamiento Complejo? Haciendo uso de una investigación de campo, apoyada en un relevamiento de datos documentales y empíricos, realizada en forma presencial y a través de plataformas digitales gratuitas, buscamos comprender los sentidos y significados de los aprendizajes de los egresados que han integrado la banda marcial, desde el año de su creación en 1996 hasta el año 2019 y si tales construcciones de conocimiento se acercan a los conceptos de los Operadores Cognitivos del Pensamiento Complejo. Como resultado de esta investigación nos dimos cuenta de que los aprendizajes construidos por los egresados de la banda no sólo dialogan con la epistemología que investigamos, sino que también presentan varios aspectos que son paralelos e intrínsecos a los operadores analizados. Obtuvimos la construcción de 7 (siete) sentidos y significados que resultaron de la observación, análisis y triangulación de datos empíricos que también se conectan con la Epistemología de la Complejidad.

Palabras clave: Sentidos y significados. Banda marcial. Epistemología de la complejidad. Enseñanza de la banda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Infográfico correspondente aos instrumentos de levantamento de dados	45
Figura 2 – Gaita galega.....	75
Figura 3 – Tamboril português	75
Figura 4 – Infográfico conceitual sobre o modelo de triangulação de dados adotado.....	83
Figura 5 – Estrutura cognitiva do efeito retroativo/ <i>feedback</i>	114
Figura 6 – Estrutura cognitiva do princípio recursivo	123
Figura 7 – Infográfico conceitual sobre os Sentidos e Significados percebidos.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 01.....	24
Quadro 2 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 02.....	25
Quadro 3 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 03.....	25
Quadro 4 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 04.....	26
Quadro 5 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 05.....	27
Quadro 6 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 06.....	28
Quadro 7 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 07.....	29
Quadro 8 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 08.....	30
Quadro 9 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 09.....	32
Quadro 10 – Lista dos sujeitos participantes entrevistados	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Discriminação Da Estrutura Física Do CEPI São Sebastião	86
Tabela 2 – Quadro Funcional Dos Servidores Da Unidade	92
Tabela 3 – Discriminação Das Quantidades De Instrumentos.....	98

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEPI	Centro de Ensino em Período Integral
CNE	Conselho Nacional de Educação
COVID	Corona Virus Disease
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
CSEH	Ciências Socioeconômicas e Humanas
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GO	Goiás
PCD	Pessoa com deficiência
PDE	Plano de Desenvolvimento Escolar
PPG-IELT	Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
PPP	Projeto Político Pedagógico
REANP	Regime especial de aulas não presenciais
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
UEG	Universidade Estadual de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PROCESSO METODOLÓGICO	21
1.1 A Pesquisa e seus fundamentos	21
1.2 A pesquisa de Abordagem Qualitativa	33
1.3 Objeto da pesquisa	37
1.4 A Pesquisa de Campo.....	38
1.5 Conceito de sujeito participante e critérios de inclusão e exclusão	40
1.6 Problematização	42
1.7 Instrumentos de levantamento de dados – conceitos teóricos e apresentação dos instrumentos escolhidos.....	44
2 RESSIGNIFICANDO CONCEITOS E CONHECENDO A EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE	48
2.1 Edgar Morin – o pai da Epistemologia da Complexidade	54
2.2 Epistemologia da Complexidade – constructos teóricos.....	56
3 VAMOS FALAR DE MÚSICA?.....	61
3.1 A música em terras brasileiras – bandas musicais, retrospecto histórico e tessituras pertinentes	69
3.2 Banda marcial: concepções e apontamentos	78
4 A BANDA MARCIAL CEPI SÃO SEBASTIÃO SOB A ÓTICA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE – RELATOS, DISCURSOS E VIVÊNCIAS.....	82
4.1 Olhar sobre o campo – Centro de Educação em Período Integral (CEPI) São Sebastião.....	84
4.1.1 Breve contexto histórico do CEPI São Sebastião.....	85
4.1.2 Estrutura física da unidade	86
4.1.3 Marcos legais.....	87
4.1.4 Objetivos e Missão da Instituição.....	88
4.1.5 Apresentando os profissionais	92

4.2 Batuta em punho – apresentando a Banda Marcial CEPI São Sebastião.....	93
4.2.1 A Banda Marcial CEPI São Sebastião enquanto projeto didático-pedagógico	94
4.3 Conceituando e entrelaçando: Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, vivências e experiências	101
4.3.1 Princípio Sistêmico-Organizacional.....	103
4.3.2 Princípio Hologramático	107
4.3.3 Princípio Retroativo.....	112
4.3.4 Princípio Dialógico	117
4.3.5 Princípio Recursivo	122
4.3.6 Princípio Auto-eco-organizador.....	128
4.3.7 Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente	132
CONSIDERAÇÕES PARA O MOMENTO	141
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A.....	153
APÊNDICE B.....	154
APÊNDICE C.....	156
ANEXO I.....	159
ANEXO II.....	170

INTRODUÇÃO

O trabalho que propus advém de conhecimentos científicos das Ciências Humanas, tendo como área de concentração os processos Educativos, Linguagem e Tecnologias pertence à Linha 01: Educação, Escola e Tecnologia que percebe tais pressupostos como partes integrantes de práticas socioculturais humanas. Esta pesquisa é o resultado final de uma ação de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CSEH), situada na cidade de Anápolis, Goiás.

Este texto é apresentado, basicamente, em duas pessoas do discurso. Há momentos em que é utilizada a primeira pessoa do singular (eu) referente aos meus intentos, análises, considerações, reflexões e apontamentos que são oriundos de experiências individuais, históricas, afetivas pessoais, no quais, não podem ser tecidas aqui por outrem. Houve momentos em que utilizei a 1ª pessoa do plural (nós) nos quais, nestes momentos, me referi às construções orientadas, pensadas em coletivo, análises e reflexões mediadas e tecidas em conjunto com meu orientador, Prof. Dr. João Henrique Suanno.

A presente investigação foi motivada a partir de um desejo pessoal como profissional da Educação e também como docente que atua com formação de professores da Educação Básica. Este processo investigativo ancora-se nas construções da Epistemologia da Complexidade, pelas lentes de Edgar Morin, e às conexões desta epistemologia com as aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião que tem como unidade de alocação o Centro de Ensino em Período Integral (doravante nomeada a partir da sigla CEPI) situada no município de São Luís de Montes Belos (GO). O recorte temporal no qual os egressos se encaixaram inicia-se em 1996 (ano de criação da banda) à 2017 (último ano limite relatado por um dos egressos).

Isto posto, existe um desejo pessoal, como profissional de formação, de estabelecer conexões entre os pressupostos teóricos da Epistemologia da Complexidade e as aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, por meio de uma análise que este processo investigativo empreendeu.

Investigar a educação nos dias atuais, pautando-se numa perspectiva complexa, é pensar em um processo de ensino e aprendizagem que não seja

fragmentado e disjuntivo, mas religado, interconectado, que leva em consideração “a aceitação do outro como legítimo outro na convivência, na conduta de respeito” (MATURANA, 2005, p. 26), suas apreensões, aprendizagens, construções simbólicas, ontológicas, filosóficas, sociais, cognitivas, enfim, sua multidimensionalidade humana (SUANNO, 2010; SUANNO, M.V.R., 2015).

Para esta pesquisa se buscou construir justificativas em três perspectivas: acadêmica, social e pessoal. Enquanto justificativa acadêmica, propomos investigar a Epistemologia da Complexidade em um âmbito específico da educação que está diretamente ligada à música e à formação do sujeito, fundamentando todas as inferências, análises e olhares nos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo¹ propostos por Edgar Morin. Percebemos a relevância, uma vez que, realizamos um levantamento de teses e dissertações no banco de dados da CAPES e na Plataforma Scielo por meio da Pesquisa Booleana² e não foi encontrado nenhum texto que aborde sobre a análise de uma banda marcial sob a ótica da Epistemologia da Complexidade. Notando, portanto, este ineditismo acreditamos que esta pesquisa contribuirá na abertura de portas a outros pesquisadores para que, conhecendo este estudo, investiguem perspectivas outras acerca desta epistemologia, ampliando os olhares para a formação musical e percepção humana através da educação.

Justifica-se também socialmente, uma vez que este estudo promoverá um resgate histórico da Banda Marcial CEPI São Sebastião, dos seus egressos, dos profissionais que atuaram/atuam, das transformações na vida dos que dela fizeram parte e/ou de alguma forma foram influenciados por ela, trazendo visibilidade e elevando a integração e valorização do papel social da banda e da própria unidade escolar à comunidade monte-belense, que continua atendendo alunos oferecendo a modalidade de Ensino Fundamental (anos finais).

Como justificativa pessoal, trago o respeito e o amor pela música, pela educação e ciente da potência que elas juntas carregam. Desta forma, poder

¹ Segundo Moraes e Valente (2008), os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo ou seu sinônimo Princípios Organizadores do Pensamento Complexo “são os instrumentos ou categorias de pensamento que nos ajudam a pensar e a compreender a complexidade e a colocar em prática esse pensamento” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 35)

² A Pesquisa Booleana é um tipo de pesquisa que utiliza determinados operadores para refinar a busca de textos científicos em plataformas acadêmicas. Os operadores booleanos fundamentam-se na álgebra de Boole e nos permite realizar buscas e refinamento de caráter lógico-matemático. Tais operadores são: AND (E), OR (OU) e NOT (NÃO) e eles são usados na combinação de palavras-chave por período na busca em bases de dados eletrônicos. A utilização deste método de pesquisa auxilia a busca mais enfocada, demonstrando maiores resultados e apresentando respostas mais diretas na procura científica.

investigar as reverberações que o ensino da música provocou na vida de egressos da banda, as possíveis transformações de caminhos e experiências, as construções de relação de sentido e significado entre os sujeitos que participaram da banda, fazem com que este processo investigativo tenha relevância pessoal, teórico-acadêmica e significado para este pesquisador.

Como professor efetivo da Rede Municipal de Educação de São Luís de Montes Belos, município situado no centro-oeste do estado de Goiás, sempre me ative a analisar e estudar a educação pública como sendo elemento essencial para a promoção de uma educação de qualidade, que prima pelos princípios da igualdade, equidade, humanismo, ética, profissionalismo e gratuita, assim como a formação desses professores atores nas unidades. Além disso, sempre busquei analisar as práticas docentes destas unidades, tentando perceber até onde tais ações transcendem práticas cartesianas e tradicionais, fazendo com que os alunos tenham acesso às atuações didático-metodológicas criativas, atrativas e que dialogam com princípios formativos mais humanos.

Ao conhecer a Epistemologia da Complexidade, percebi que os estudos de Edgar Morin com seu olhar religado, multirreferencial e multidimensional me proporcionariam possibilidades de enxergar a educação de forma ampliada, percebendo a importância do todo e das partes, das interconexões entre os saberes e os elementos que os constituem, e assim, vislumbrar um projeto de pesquisa que aliasse a educação, a formação humana e a música com essa epistemologia. Desta forma, pretendo direcionar o processo reflexivo a partir dos operadores cognitivos complexos ao processo de aprendizagem dos egressos da Banda, e assim enxergar elementos da Epistemologia da Complexidade nas práticas, nas aprendizagens e nos processos que envolvem os sujeitos que dela participaram.

A aprovação no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) aconteceu no último trimestre de 2019, momento este de alegria e de realização de um sonho pessoal e profissional. Infelizmente, em dezembro do mesmo ano, ocorreu-nos o início e disseminação da pandemia de COVID-19.³ Muitos foram os percalços que se apresentaram durante o

³ A COVID-19 foi anunciada na cidade de Wuhan, na China, como um vírus de alto contágio havia sido descoberto, causando a morte de diversos chineses por complicações do sistema respiratório. Em pouco mais de dois meses, a doença nomeada se alastrou mundo a fora, tendo seu primeiro caso confirmado em terras brasileiras no dia 26 de fevereiro de 2020. Por ter alto risco de contágio e estar próximo ao feriado de carnaval no Brasil, a doença disseminou-se por todos os estados brasileiros de

processo de construção desta investigação. O surgimento da COVID-19, a adequação das aulas presenciais para formas alternativas de mediação via tecnologias, a perda de milhares de vidas, amigos, parentes e conhecidos Brasil e mundo à fora, o temor que rondava (e ainda ronda) as pessoas. Todas essas situações, levantaram problematizações e análises de como passaria este processo investigativo, uma vez que, dada a quarentena instaurada no mês de março de 2020 em nosso estado (Goiás), todas as unidades escolares fecharam suas portas, os professores passaram a ministrar suas aulas em *homeoffice*, isto é, abriram suas casas, estenderam seus horários de atendimento para poderem continuar tendo o contato com os alunos e com o ato educativo, nesta perspectiva pandêmica, em casa.

Durante o trajeto desta investigação, acolhemos (meu professor orientador e eu) às incertezas, repensamos nossas ações e práticas, caminhamos por sobre as oportunidades que nos apresentavam mais seguras, prezando sempre pelo rigor científico de todo o processo. Inicialmente, nossa proposta era investigar e compreender as aprendizagens dos atuais integrantes da Banda Marcial CEPI São Sebastião, pelas lentes da Epistemologia da Complexidade. Entretanto, devido ao processo de pandemia e sucessões de anúncios de quarentena, foi necessário repensar, adequar e ajustar a metodologia, os procedimentos e os participantes que fariam parte desta pesquisa. Diante das incertezas postas a nós, escolhemos elencar egressos que foram integrantes da banda marcial, desde sua formação em 1996 até de antes do início da pandemia do novo Coronavírus.

Tendo escolhido os participantes, nossa proposta vislumbra, então, investigar os sentidos e os significados das aprendizagens desses sujeitos, tendo como eixos balizadores os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo⁴ e os conceitos da Epistemologia da Complexidade que se fundamenta em Edgar Morin, pensada também por diversos outros autores.

Para o direcionamento desta investigação, emergiu-se a seguinte questão problematizadora: Quais os sentidos e significados das aprendizagens construídas

forma rápida, provocando milhares de mortes. Até o momento desta investigação, o Ministério da Saúde aponta cerca de 616 mil mortes causadas pela COVID-19. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

⁴ Utilizarei também o termo: Princípios organizadores do pensamento complexo em alguns trechos, mas sempre se referindo aos mesmos elementos, uma vez que, os pesquisadores desta temática nomeiam tais princípios com enunciados diferentes como os aqui apresentados.

pelos egressos da Banda Marcial do CEPI à luz dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo?

Sob este trajeto, temos como objetivo geral: Analisar os sentidos e significados das aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, tendo como referencial a epistemologia da Complexidade, proposta por Edgar Morin. Como objetivos específicos para a pesquisa, intentamos: a) Ressignificar os termos sentidos e significados, fundamentando as construções teóricas em concepções dos conhecimentos linguísticos que se ancoram em Bakhtin (2010) e da Psicologia Humana em Vygotsky (1986-1934). b) Promover um retrospecto histórico que remonta à criação das bandas musicais e marciais em terras brasileiras; c) Relacionar os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, aos sentidos e significados das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, expressos pelos discursos, experiências (individuais e coletivas) apresentadas pelos participantes.

Ante aos objetivos propostos, concebemos uma investigação que se delinea no âmbito da pesquisa de campo, pautada em Severino (2017) e Gerhardt e Silveira (2009). Ancorados pela Epistemologia da Complexidade percebemos que o operador cognitivo do pensamento complexo nomeado como Princípio Hologramático servirá, não somente como uma das categorias de apresentação, discussão e análise dos dados, mas também como uma categoria específica de ampliação da perspectiva da pesquisa de campo.

Chegamos a esta conclusão ao perceber que este operador preza pela religação de saberes, interconexão entre os elementos constituintes da pesquisa (pesquisador/orientador, participantes e os dados), estabelecimento de uma relação dialógica entre os elementos elencados, fazendo com que a pesquisa de campo tenha percepções e características, não somente metodológicas e procedimentais, mas de cunho complexo, religado, conectado, não disjuntivo e não fragmentado. Desta forma, busquei realizar uma triangulação de dados⁵ entre a Epistemologia da Complexidade, os dados da pesquisa de campo (documentos, formulários online, discursos

⁵ De acordo os estudos de Prodanov e Freitas (2013, p. 129) a triangulação de dados (e nesta pesquisa, triangulação de saberes e vivências) é o processo de “[...]comparação entre dados oriundos de diferentes fontes no intuito de tornar mais convincentes e precisas as informações obtidas”. As triangulações podem ser realizadas e percebidas através da utilização de diferentes métodos sobre um mesmo objeto de estudo. Para esta investigação, o método de triangulação visou concluir se os discursos, vivências, experiências, relatos, memórias de vida construíram sentidos e significados que dialogam com os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo.

transcritos das videochamadas) e as construções das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião.

Isto posto, definimos esta investigação como uma Pesquisa de Campo com elementos que dialogam com a Epistemologia da Complexidade, numa perspectiva qualitativa, estruturada em um levantamento bibliográfico realizado no banco de dissertações da CAPES, livros, revistas científicas e periódicos. Para a realização do levantamento dos dados empíricos, buscamos nas tecnologias digitais, propostas de mediação que mais se adequaram às realidades socioeconômicas dos sujeitos, promovendo assim, videochamadas gratuitas realizadas na plataforma Google Meet. Toda a documentação referente às informações legais da Banda Marcial CEPI São Sebastião e da unidade escolar que a sedia, foi concedida pela atual gestora da unidade e devidamente autorizada pela Coordenadoria Regional de Educação (CRE).

Como esta pesquisa trabalhou com sujeitos participantes foi necessária a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa realizado na Plataforma Brasil. Após o devido cumprimento de todos os protocolos, *upload* das documentações, relatórios e informações necessárias na plataforma, o parecer de aprovação foi liberado no dia 13 de fevereiro de 2021.

O primeiro capítulo se constituiu dos passos metodológicos desta investigação, dos fundamentos da pesquisa científica diante dos apontamentos dos autores que a defendem e o relato sobre o objeto de pesquisa que propomos analisar. Neste capítulo apontamos nossa problematização que dialoga com os pressupostos da Epistemologia da Complexidade, elencamos nossos objetivos (gerais e específicos) e trazemos nossa justificativa que se amplia em 3 perspectivas: justificativas acadêmica, pessoal e social, bem como os critérios que utilizamos para a inclusão e exclusão.

No segundo capítulo intitulado “Ressignificando conceitos e conhecendo a Epistemologia da Complexidade” apresentamos as análises acerca dos sentidos, significados e das proposições de Edgar Morin e demais autores sobre a Epistemologia da Complexidade. Para este trecho ancorei-me em teóricos da Linguagem, como Bakhtin (2010) dentre outros e da Psicologia histórico-social, como Vygotsky (1986-1934), buscando ampliar e resignificar o conceito de sentido e significado trazido dessas áreas humanas para este processo investigativo. Em seguida, apresento a Epistemologia da Complexidade, a qual considero o alicerce conceitual desta investigação, trazendo inicialmente um breve contexto histórico sobre o autor, propomos um diálogo que levantou constructos teóricos sobre esta

investigação. Por fim, apresentamos os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo que foram nossos eixos balizadores e nos serviram de categorias de análise.

No terceiro capítulo, intitulado “Vamos falar de música?”, apresentamos um retrospecto histórico e apontamentos sobre a música em terras brasileiras, no qual realizamos um levantamento bibliográfico que remonta a história das bandas musicais, sua gênese, seu desenvolvimento e o recebimento da locução adjetiva – banda marcial.

No quarto capítulo, intitulado “Apresentação, discussão e análise” buscamos apresentar as concepções dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, triangulados aos discursos e experiências relatados na videochamada e nos formulários digitais realizados com os egressos da Banda Marcial.

1 PROCESSO METODOLÓGICO

1.1 A Pesquisa e seus fundamentos

Segundo Severino (2017), o conhecimento ocorre como construção de objetos que são semelhantes entre si, isto é, por meio de nossa capacidade de reconstruir simbolicamente nossos dados empíricos, apreendemos os nexos pelos quais os objetos manifestam sentido para nós, sujeitos cognoscentes. Enquanto pesquisador, me propus analisar o que me instiga, me cativa e me encanta, a fim de compreendê-lo e expor teoricamente, as experiências que tive e tenho com a percepção do meu objeto de estudo, que aqui apresento como os sentidos e significados das aprendizagens construídas pelos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião. Assim, busquei apontar quais foram as percepções desses egressos acerca das aprendizagens construídas durante o tempo em que os mesmos eram membros da banda e até que ponto essas construções influenciaram/influenciam suas vivências hodiernamente. Para isso, tive como âncora a Epistemologia da Complexidade e os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo como categorias de análise.

Partindo desta perspectiva faz-se necessário compreender a gênese da pesquisa de cunho científico. Concordamos com Marconi e Lakatos (2003) quando afirmam que “ a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155).

Sob esta ótica, compreendemos que o processo da pesquisa se faz com a prática da análise, da investigação, do processo do pensamento e da compreensão humana, visto que a investigação que propomos promove olhares acerca de vivências experimentadas por indivíduos únicos, dotados de percepções peculiares e subjetivas.

Em seus apontamentos, Severino (2017) nos diz que:

A pesquisa, como processo de construção de conhecimento, tem uma tríplice dimensão: uma dimensão propriamente epistêmica, uma vez que se trata de uma forma de conhecer o real; uma dimensão pedagógica, pois é por intermédio de sua prática que ensinamos e aprendemos significativamente; uma dimensão social, na medida em que são seus resultados que viabilizam uma intervenção eficaz na sociedade através da atividade de extensão (SEVERINO, 2017, p. 24).

Enquanto perspectiva epistêmica, Severino (2017) nos aponta que se pode conhecer algo quando o saber é construído de forma coletiva, construtiva e interligada. Quando partimos da situação real que nos é apresentada com suas multidimensões, pontos de referência, peculiaridades, questões situacionais, locais, regionais e contextuais é possível ter uma visão ampla do processo, o que oferece subsídios para a elaboração de estratégias de pesquisa e construção do conhecimento que se integrem e possam fazer parte das diversas realidades.

No que tange à dimensão pedagógica, corroboramos com Severino (2017), ampliando um pouco mais o olhar apresentado. Por meio da pesquisa, a ação docente pautada pelo processo de ensino e aprendizagem, cumpre significativo papel na construção mútua do saber, visto que ela constrói elementos e caminhos outros para a resolução de problemas, tomadas de decisão, busca por uma relação dialógica que possibilitam atos de ensino e de aprendizagem consistentes.

A dimensão social da pesquisa caracteriza-se por sua relevância no processo de construção dos conhecimentos e no ato extensionista que a educação propõe. Nesta ótica, faz-se necessário elencar estratégias de propagação dos conhecimentos gerados no seio da academia, promovendo a disseminação do conhecimento científico para que beneficie a sociedade local. Desta forma, a retroalimentação entre a sociedade e a academia colabora para a integração e aprimoramento de ambos, fazendo com que, tanto a academia quanto a sociedade, desenvolvam mecanismos de diálogo e intervenção dos processos sociais que permeiam as discussões e a formação humana.

A pesquisa não caminha na contramão do pesquisador, mas o complementa, justo porque há, segundo a epistemologia que nos baseia nesta investigação, uma inseparabilidade entre o pesquisador e seu objeto, já que eles se fundem em uma percepção de sentido e significado que diz ao pesquisador a partir de seu olhar para este que, assim, o complementa e o representa. Além da percepção de complemento, a pesquisa também inquieta, instiga e convida o pesquisador para ampliar as perspectivas e as possibilidades na resolução de problemáticas por ele levantadas.

Motha Roth e Hendges (2010), em seus estudos, afirmam que a pesquisa corresponde a um conjunto de ações determinadas com o intuito de se investigar, analisar [criticamente] e ponderar determinada questão ou problemática em dada área do saber, assim sendo, as autoras corroboram também com Chizzotti (2004) quando

o autor nos aponta que “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem” (CHIZZOTTI, 2004, p. 11) e para que essa atividade seja realizada “o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas” (CHIZZOTTI, 2004, p. 11-12), com o intuito de instrumentalizar, de forma mais ampla possível, a sua ação a fim de ser capaz de intervir em realidades e construir meios para adequá-las à vida.

Com a percepção de que a pesquisa concebe e enxerga as ciências como objetos de estudo, podemos propor que a pesquisa não é um elemento neutro, separado, incógnito ou sem forma, mas mutável, variável, (in)constante, inclusivo e referente, marcando e sendo marcado pela vida e visão do pesquisador.

Na busca incessante por compreender os fenômenos que se apresentam diante do pesquisador, os frutos oriundos da pesquisa tornam-se benefícios para a humanidade, assim como atesta Chizzotti (2011) quando expõe que a pesquisa pode ser definida como “um esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as formas e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito para a humanidade” (CHIZZOTTI, 2011, p. 19). Assumimos e ampliamos as percepções de Motha Roth e Hedges (2010), Chizzotti (2011) e Severino (2007) no que tange à pesquisa como um elemento fundamental na construção, percepção, análise, investigação ativa, olhar complementar e difusão dos saberes científicos, a fim de compreender fenômenos e problemáticas que surgem no trajeto acadêmico do pesquisador.

A Epistemologia da Complexidade contribui para que possamos compreender, de forma mais ampliada, as multidimensões do objeto de estudo que se apresenta, bem como suas (inter)relações, incertezas e conexões. Para tanto, este estudo se insere e delinea-se no âmbito da pesquisa de campo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; SEVERINO, 2017) numa perspectiva qualitativa (FLICK, 2009), estruturada por meio de levantamento bibliográfico realizado no banco de dissertações da CAPES, livros, revistas científicas e periódicos. Este levantamento bibliográfico vem ao encontro dos apontamentos de Silva (2014) que afirma que este processo tem como intuito

coletar informações e conhecer, de forma geral, a temática a partir de um quantitativo expressivo de dados secundários presentes em livros e artigos de periódicos da área, em nível nacional e internacional, que foram estudados detalhadamente por meio de leituras e resenhas (SILVA, 2014, p. 92).

Para a realização do levantamento dos dados empíricos, buscamos nas tecnologias digitais, propostas de mediação que mais se aproximam às realidades sociais e econômicas dos participantes, valendo-se de encontros gravados via chamadas de vídeo gratuitas que aconteceram na plataforma Google Meet, por conta da pandemia de COVID-19.

Abaixo, apresento o levantamento de todos os títulos de teses e dissertações encontradas durante o processo de levantamento de obras bibliográficas.

QUADRO 1 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 01

TÍTULO: Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889		
ANO: 2006	TIPO: Dissertação	AUTOR(A): BINDER, Fernando Pereira
PALAVRAS-CHAVE	Banda de música. Banda militar. Festas reais. Música cívica. Música militar.	
RESUMO	<p>Esta dissertação estuda a atuação das bandas militares no Brasil durante o período monárquico (1808-1889). O objetivo principal é esclarecer o papel destes conjuntos na difusão das práticas e repertórios associados a este tradicional veículo: a banda de música. A hipótese é que as bandas militares tiveram duas funções: simbólica, enquanto brasão sonoro da monarquia brasileira, e infra-estrutural, subministrando à sociedade civil os elementos necessários a esta prática musical. Fontes de diversos tipos foram consultadas: registros oficiais, legislação administrativa, relatos de cronistas e viajantes, documentação iconográfica e o repertório musical para banda. Primeiramente este trabalho procura definir o que era uma banda de música no início do século XIX e as razões pelas quais estes conjuntos foram introduzidos no exército. Em seguida, investiga como era a participação das bandas militares em festas e cerimônias oficiais, no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil. Por último analisa em termos estatísticos e conceituais a legislação administrativa produzida pelo exército relativo às bandas militares. As evidências sugerem que as bandas de música foram introduzidas no exército luso-brasileiro na passagem do século XVIII para o XIX, como parte de uma cultura aristocrática na qual se inscrevia a oficialidade. As bandas militares pontuaram as festas reais e oficiais em vários momentos, ocasiões que não dispensavam de considerável pompa oficial. A partir de 1840 bandas militares tornaram-se mais comuns, devido à expansão do exército e pelo surgimento de outras corporações militares, como a Guarda Nacional e as Polícias Militares provinciais, que também equiparam seus quadros com bandas de música. Tais bandas intensificaram a ocupação das ruas e praças em outras ocasiões, além das festas e desfiles oficiais. Essa atuação constante e diversificada contribuiu para a vinculação da banda de música a traços militares, como repertório, uniforme e instrumentação. À dissertação inclui a edição de cinco obras representativas.</p>	
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.	

Fonte: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/95107>

QUADRO 2 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 02

TÍTULO: Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense: Um estudo sócio-histórico		
ANO: 2006	TIPO: Dissertação	AUTOR(A): BOTELHO, Marcos
PALAVRAS-CHAVE	Não apresentou.	
RESUMO	<p>Sociedades Musicais são bandas de músicas institucionalizadas, possuem administração própria e são intimamente ligadas às comunidades em que estão inseridas. Suas origens advêm de práticas de bandas ainda dos tempos da colonização, tendo tomado forma em fins do século XIX e início do XX. Vêm passando por diversas mudanças nos dias de hoje. A presente pesquisa, buscou compreender a trajetória da Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, fundada em 1863. O estudo abrange da fundação até os dias de hoje. Com enfoque da história social e com uma metodologia de base dialética e fenomenológica, pretende-se interpretar as mudanças ocorridas na trajetória da banda em sua interação com a sociedade. Essa reconstrução histórica foi feita fundamentada em entrevistas e estudos documentais, por se entender que o melhor meio de interpretar o universo da banda é envolvendo-o nos outros movimentos sociais que a ela se relacionam, segundo um olhar que privilegia a dinâmica dos eventos e a transformação dos mesmos.</p>	
CONCLUSÃO	<p>Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.</p>	

Fonte: Banco de teses da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

QUADRO 3 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 03

TÍTULO: Escuta musical: uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar.		
ANO: 2008	TIPO: Tese	AUTOR(A): PAREJO, Enny José Pereira
PALAVRAS-CHAVE	<p>Escuta musical. Aprendizagem integrada. Complexidade. Transdisciplinaridade. Sentipensar</p>	
RESUMO	<p>O presente estudo tem por finalidade investigar o Sentipensar, ou seja, a maneira pela qual sentimento e pensamento bem articulados, adquirem uma dimensão passível de contemplar as necessidades de uma Educação mais abrangente, destinada a um ser humano multidimensional. A proposta de Sentipensar emerge do trinômio Sentir-Pensar-Agir e, se viabiliza na prática a partir da Aprendizagem Integrada, na qual, impacto emocional, multissensorialidade, ambientes e climas favoráveis entre outras características possibilitam uma aprendizagem vívida e significativa para o sujeito, capaz de reencantar o processo educacional. Neste estudo, a Escuta Musical é apresentada como uma atividade integrativa, uma estratégia didática privilegiada para o Sentipensar, dentre outras estratégias possíveis. A pesquisa partiu do pressuposto que a Escuta Musical por suas características intrínsecas que afetam ao ser humano de diversas formas, algumas bastante prazerosas pode promover a reintegração das dimensões humanas e reinserir organicidade no processo educacional, por meio da articulação entre razão e sensibilidade, pensamento reflexivo e vivência. O interesse pela temática partiu de minhas experiências pessoais e da observação atenta de centenas de alunos que tiveram o mesmo tipo de experiência. O foco central é descobrir se, a estratégia de Escuta Musical efetivamente tem, e por quê, o poder de potencializar o pensamento reflexivo, como parece ser o caso.</p>	

	<p>Historicamente, somos seres cindidos; desde que Descartes afirmou penso, logo existo , e antes dele, Platão enalteceu o mundo das idéias em oposição ao mundo dos sentidos; e antes ainda, os estóicos adotaram por ideal a imperturbabilidade da alma por paixões (ataraxia); o corpo foi para um lado res extensa , a alma para o outro res cogitans. Estas idéias proferidas por grandes pensadores, plasmaram visões de mundo que estavam em curso, em suas respectivas épocas; e, implantaram-se firmemente em nossas concepções mais íntimas, tornando-se o paradigma da cultura ocidental, para os últimos trezentos anos. Opor-se a tais pensadores e à força dos processos engendrados por suas idéias, exigiu a espera de séculos e do prenúncio do séc. XX quando, a partir da Biologia, teve início o resgate da organicidade do todo; e um pouco mais tarde, com a revolução científica do início do séc. XX Teoria Quântica e Relatividade , o pensamento sistêmico integrativo se alastrou por todas as áreas da biológica à social, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande. Este movimento, em busca da totalidade e de uma concepção unificadora de mundo, está nos convidando a assumir uma nova perspectiva: o paradigma Eco-sistêmico. O caminho iniciado nos confins inacessíveis da ciência começa, paulatinamente, a passar pela vida das pessoas comuns, pela história do cotidiano. As resistências são muitas, mas os primeiros passos foram dados. As teorias que fundamentam esta pesquisa preparam a concretização de um novo projeto: a Complexidade nos oferece a possibilidade de lidar com o paradoxo e incorporá-lo; a Transdisciplinaridade, através da lógica aberta do Terceiro Incluído, orienta a expansão do olhar sobre o mundo e sobre o indivíduo; o Sentipensar insere estas ideias no ambiente educacional. Todas juntas, nos conduzem à era da consciência planetária</p>
CONCLUSÃO	<p>Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas acerca da musicalização, Epistemologia da complexidade e conceitos da Transdisciplinaridade.</p>

Fonte: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/10035>

QUADRO 4 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 04

<p>TÍTULO: Musicalização através da banda de música escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical de seus integrantes e na observação da atuação dos “mestres de banda”</p>		
ANO: 2010	TIPO: Tese	AUTOR(A): SILVA, Lélío Eduardo Alves da
PALAVRAS-CHAVE	Banda de Música. Mestres de Banda. Ensaio-aula. Desenvolvimento musical. Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical. Modelo C(L)A(S)P.	
RESUMO	<p>Esta tese apresenta uma proposta de metodologia de ensaio, denominada ensaio-aula, e que tem como objetivo tornar eficaz os ensaios realizados nas bandas de música escolares brasileiras. Para elaborar a proposta do ensaio-aula foi analisado o desenvolvimento musical dos alunos pertencentes a quatro bandas de música escolares nas atividades de compor, apreciar e executar, utilizando como referencial teórico a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical (Swanwick, 1988, a partir de Swanwick e Tillman, 1986). Além disso, foi observada a atuação de quatro mestres de banda ao longo de três ensaios, com intuito de compreendermos em que nível e quantidade são utilizados nos ensaios os parâmetros propostos por Swanwick (1979) através do Modelo C(L)A(S)P, que além das atividades diretamente envolvidas com a música como</p>	

	composição, apreciação musical e execução, apresentam ainda atividades indiretamente envolvidas com a música - literatura musical e técnica. Chegamos, assim, à conclusão de que os ensaios dos mestres de banda enfatizavam somente as atividades de execução e técnica, e conseqüentemente a atividade de apreciar se tornava prejudicada. A atividade da composição também não era explorada sistematicamente pelos mestres, entretanto, atividades paralelas contribuíram para um melhor desenvolvimento dos alunos neste parâmetro. Com o objetivo de oferecer aos alunos integrantes das bandas de música a possibilidade de desenvolvimento musical de qualidade, ou seja, abarcando os parâmetros do Modelo C(L)A(S)P no decorrer dos ensaios, independente de atividades paralelas que alguns dos alunos participavam, ratificamos a importância de oferecer aos mesmos atividades de relacionamento direto ou indireto com a música no decorrer dos ensaios.
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.

Fonte: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11436/47%20-%20UNIRIO%20PPGM%20%20Tese%20L%C3%A9lio%20Eduardo%20Alves%20da%20Silva.pdf?sequence=1>

QUADRO 5 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 05

TÍTULO: Banda Marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino-aprendizagem musical		
ANO: 2012	TIPO: Dissertação	AUTOR(A): Silva, Thallyana Barbosa da
PALAVRAS-CHAVE	Educação Musical. Banda Marcial Augusto dos Anjos. Banda estudantil Cristo Redentor - João Pessoa (PB). Docentes - formação musical.	
RESUMO	<p>Este trabalho tem como principal objetivo investigar os processos de ensino-aprendizagem da Banda Marcial Augusto dos Anjos, nome que representa a escola à qual pertence, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos, localizada no bairro do Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Os objetivos específicos da pesquisa foram identificar a formação musical dos docentes e as condições da banda no que se refere ao espaço físico e instrumental. Visou ainda a observação do repertório e da metodologia de ensino que serviram para a análise da proposta pedagógica. Com estas e demais observações, foi possível compreender a função que a banda assume para a escola e investigar se o ensino de música contribui para a profissionalização dos integrantes. O método utilizado para obtenção dos resultados deste estudo foi por meio da pesquisa de campo, ao observar os processos de atividades da banda; as aulas práticas e teóricas; os ensaios; as apresentações; os desfiles cívicos e os campeonatos; além da realização de um questionário, entrevistas semi estruturadas e registros em vídeo. A investigação foi fundamentada levando em consideração leituras bibliográficas que contemplaram produções da área de Educação Musical, Arte e áreas afins. Com base nas concepções e princípios da Educação Musical, foi possível constatar que o ensino de música desenvolvido na banda apresenta limitações que precisam ser superadas para garantir um ensino de música eficaz. Em contrapartida, o ensino musical proporcionado pela banda marcial tem possibilitado significativas contribuições para a formação do estudante, ao promover o contato experiencial com a música, através do aprendizado do instrumento musical, do tocar em grupo, da participação em</p>	

	campeonatos, e ao influenciar instrumentistas a seguirem carreira profissional na área musical.
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.

Fonte: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6595>

QUADRO 6 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 06

TÍTULO: Universidade e desenvolvimento local: o caso da Universidade Estadual de Goiás.		
ANO: 2014	TIPO: Tese	AUTOR(A): SILVA, Yara Fonseca de Oliveira e
PALAVRAS-CHAVE	Universidade. Desenvolvimento Local. Sistema de Inovação. Ensino Superior em Goiás.	
RESUMO	<p>O tema desta tese é o relacionamento entre a universidade e os demais atores do desenvolvimento local. O estudo trata de conhecer o papel da Universidade Estadual de Goiás (UEG) na produção e difusão do conhecimento por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O que o justifica é o fato de o conhecimento ser um recurso cada vez mais importante para o desenvolvimento socioeconômico, não só na formação e capacitação dos trabalhadores, mas também como um insumo para a inovação tecnológica. Esta investigação toma como referencial teórico autores institucionalistas e as abordagens que tratam sobre o papel da universidade: a abordagem da hélice tríplice; a abordagem dos sistemas de inovação; e a abordagem latino-americana. O método escolhido é o estudo de caso dos tipos descritivo e interpretativo, com vasta coleta de dados entre os atores da UEG, empresas, Governo e outras instituições locais. A investigação adota os pressupostos da abordagem qualitativa e se estrutura pela revisão de literatura, pesquisa bibliográfica, documental e pela articulação dos pressupostos teóricos com o contexto empírico, por meio da pesquisa de campo. Os resultados indicam que, na visão dos sujeitos da pesquisa, a UEG, desde a sua criação, tem como foco a atividade de ensino, assumindo mais o papel de difusora do conhecimento e menos o de criadora de conhecimento. A análise dos dados identifica motivações que facilitam o relacionamento UEG-atores locais, e obstáculos que dificultam a realização de parcerias, indicando que a presença das Unidades Universitárias (UnU) é reconhecida como relevante para o desenvolvimento local, mas insuficiente, porém, para torná-la uma Instituição empreendedora e estimuladora do sistema de inovação. Os tipos de interação com os atores locais mais presentes nas UnU são os relacionados com a formação de recursos humanos e com a resolução de problemas locais, um modelo híbrido das duas abordagens, a do sistema de inovação e a latino-americana, não alcançando a UEG, ainda, o estágio de fomentadora do desenvolvimento econômico e criadora de empresas, papel enfatizado pela abordagem da hélice tríplice. Concorrem para isso, as convenções do novo contexto socioeconômico de mudanças aceleradas e as diretrizes políticas que não conseguem sanar inúmeras fragilidades institucionais, tais como infraestrutura física, técnica, tecnológica e laboratorial deficitária; ausência de recursos humanos com maior qualificação acadêmica; falta de recursos financeiros; burocratização e</p>	

	<p>morosidade dos processos; ausência de procedimentos padronizados e institucionalizados; descompasso entre as políticas de ensino, pesquisa e extensão e as demandas do contexto local; pouca interação com outros atores locais. Mantidas as condições atuais inalteradas, dificilmente pode-se afirmar que a UEG consiga corresponder às expectativas e atender às demandas colocadas pelo cenário atual do sistema regional de inovação.</p>
CONCLUSÃO	<p>Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.</p>

Fonte: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPED/Teses/2014/Yara%20Fonseca%20de%20Oliveira%20e%20Silva.pdf>

QUADRO 7 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 07

TÍTULO: Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras		
ANO: 2013	TIPO: Tese	AUTOR(A): SUANNO, João Henrique
PALAVRAS-CHAVE	Educação. Escolas. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. Prática educativa. Educação. Ecologia	
RESUMO	<p>O tema desta investigação, a criatividade, nasce a partir da inquietação de pensar a escola para o século XXI, que se coadune com as necessidades atuais de uma educação formadora e transformadora, e de cidadãos atentos ao seu desenvolvimento a nível pessoal, social e como ser planetário. Investigar uma escola que tenha indícios de ser criativa é buscar conhecer até que ponto o seu fazer pedagógico pode ser considerado criativo, e compreender como essa escola possibilita o desenvolvimento da criatividade de seus alunos. Esta tese tem como problema investigativo Compreender como se estrutura o Colégio Logosófico de Goiânia e até que ponto sua estruturação e dinâmicas permitem considerá-lo como sendo criativa. Possui o objetivo geral de Averiguar se o Colégio Logosófico de Goiânia pode ser considerado uma escola criativa, e sua relevância se encontra na possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de uma educação atenta às necessidades do século XXI, buscando no olhar ecoformador, transdisciplinar e complexo as bases orientadoras da investigação e no possível interesse internacional acerca do seu procedimento e resultados. Para tanto, este pesquisador baseou-se no instrumento de valoração do grau de desenvolvimento criativo de instituições educativas, o VADECRIE, elaborado pelo prof. Dr. Saturnino de la Torre, da Universidade de Barcelona, com a colaboração de dezenove pesquisadores países como Brasil, Chile e Espanha e, dentre eles, este pesquisador. Tal instrumento traz dez categorias de análise, a serem verificadas na escola investigada, com o intuito de reconhecer em suas práticas docente e administrativa, o grau de criatividade, traduzido em percentuais e conceitos. Foi estabelecido como método o estudo de caso, em uma pesquisa de caráter quanti-qualitativa, fundamentado nas teorias da complexidade (Edgar Morin), na perspectiva da Transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu) e no paradigma ecoformativo (Maria Cândida Moraes e Boaventura de Souza Santos). Além destes teóricos, outros fundamentam os estudos acerca da criatividade como Mihaly Csikszentmihalyi, Saturnino de la Torre, James Kaufmann, Mark A. Runco, Francisco Menchén Bellón, Solange Weschler e Vera Tindó, dentre outros, todos investigadores da criatividade, com grandes contribuições que</p>	

	avançam no estudo do tema. Outros tericos nos quais me baseio para falar da criatividade, relacionando com a personalidade e a subjetividade, são Albertina Mitjans Martínez e Fernando Luiz González Rey, ambos com grandes contribuições no estudo da temática aqui desenvolvida e sua vinculação à psicologia. Às categorias de análise investigadas, nas percepções de pais de alunos, docentes e gestoras, foi agregada a percepção dos alunos, enriquecendo e ampliando a análise da realidade desta escola. Nas considerações finais, que aqui são transitórias, faz-se uma análise do instrumento utilizado, já que esta pesquisa possui como um dos seus objetivos a sua validação, já que esta é a primeira tese doutoral que o utiliza. O reconhecimento da escola investigada, como uma escola criativa, amplia os parâmetros de análise de instituições educativas que possuem como objetivo o desenvolvimento do potencial criativo de seus alunos e colaborar com a sociedade do século XXI.
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.

Fonte: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/741>

QUADRO 8 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 08

TÍTULO: Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade.		
ANO: 2015	TIPO: Tese	AUTOR(A): SUANNO, Marilza Vanessa Rosa
PALAVRAS-CHAVE	Complexidade. Transdisciplinaridade. Pós-graduação <i>stricto sensu</i> . Inovação docente.	
RESUMO	<p>A presente pesquisa teve sua origem entrelaçada à história de vida, à história de formação e ao trabalho docente da pesquisadora que investigou a didática e o trabalho docente sob a ótica da Complexidade e da Transdisciplinaridade, tendo sido guiada pelo problema investigativo: Quais são as inovações emergentes na didática universitária de inspiração complexa e transdisciplinar? Qual a relação entre o modo de trabalhar didático-pedagógico e os fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da Complexidade e da Transdisciplinaridade? Tal abordagem ressignifica e reorganiza, ou não, o trabalho dos(as) professores(as) universitários(as) investigados(as)? Partiu-se da premissa de que o modo de trabalhar didaticamente relaciona-se ao modo de trabalhar epistemologicamente, e assim foram definidos como objetivos gerais: a) identificar a existência de uma ontológica complexa a partir das fundamentações da ciência do século XX; b) compreender a Epistemologia da Complexidade e a metodologia epistemológica e complexa da transdisciplinaridade; c) compreender a didática emergente na perspectiva complexa e transdisciplinar e d) identificar processos e práticas educativas emergentes a partir da complexidade. E definiu-se por objetivo específico compreender, relacionar e sugerir fundamentos e práticas da didática complexa e transdisciplinar emergente e as inovações teórico-metodológicas no trabalho docente, apresentadas e desenvolvidas pelos professores universitários investigados, que têm intencionalmente trabalhado com a discussão e o enfrentamento da transição paradigmática. A pesquisa justificou-se pela crescente necessidade de redimensionar e impulsionar os processos didático-pedagógicos na universidade e aprofundar estudos sobre a didática universitária emergente, no início do século XXI. Utilizou-se como referência o método <i>in vivo</i> (MORIN, 1998), com abordagem multidimensional, multirreferencial e autorreferencial, que emerge da atitude de se privilegiar múltiplos procedimentos e abordagens</p>	

investigativas e por considerar múltiplas dimensões do fenômeno investigado. Metodologicamente foram utilizados, no processo de coleta de dados e de informações a entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987), a entrevista aprofundada (MORIN, 1998), a observação participante, a análise documental (MINAYO, 1994), análise de relato de história de vida e trabalho docente (MORAES, 2014b) e a análise de relato de experiência de processo de institucionalização da transdisciplinaridade em contexto universitário (ESPINOSA-MARTÍNEZ, 2014). Para a análise das entrevistas procedeu-se à análise de conteúdo no intuito de compreender os sentidos e os significados dos discursos dos entrevistados. Nesta pesquisa, foram entrevistados vinte e cinco professores de pós-graduação *stricto sensu*, cujo trabalho se fundamenta na Epistemologia da Complexidade (MORIN, 2003, 2010, 2011a) e na Transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999; MORAES, 2008). Esta pesquisa apresenta inovações didático-pedagógicas-formativas que emergiram como reforma do pensamento e práxis inventiva no trabalho docente nas atividades de ensino, pesquisa e formação na graduação e, mais especificamente, na pós-graduação *stricto sensu*. Com a presente pesquisa foi possível compreender que as *inovações* no trabalho docente se organizam a partir da *reforma do pensamento* guiada pelos *operadores do pensamento complexo*, pelos *princípios da transdisciplinaridade*, pela articulação religadora entre razão-emoção-corporeidade, que contribuem para a ampliação dos níveis de percepção sobre os níveis de realidade e para a ampliação da consciência dos sujeitos envolvidos nos processos formativos. As inovações didático-pedagógicas-formativas emergem como *processos complexos, transdisciplinares, multidimensionais, multirreferencias e autopoieticos de auto-organização dos seres vivos*, ou seja, *processos de auto-eco-organização dos sujeitos* protagonistas da inovação; *processos auto-hetero-ecoformativos* contextualizados (ESPINOSA-MARTÍNEZ, 2014; ZWIEREWICZ e TORRE, 2012) e processos de ecologização de conhecimentos, saberes e culturas (SANTOS, 2010; MORAES, 2008). Neste sentido, a inovação docente surge como inédito-viável (FREIRE, 2005; ARAÚJO FREIRE, 2008) e experiência ótima (CSIKSZENTMIHALYI, 1999) alcançada via histórias de vida em processo de ensino-pesquisa-formação complexo e transdisciplinar. Os processos de reconfiguração e reorganização no trabalho docente foram geradores de novas relações com o conhecimento; novas relações dos sujeitos com a vida; novas relações entre sujeito-objeto/fenômeno-vida; novas relações entre teoria/prática/experiências dos sujeitos/ação transformadora; e foram impulsionados por *processos de ruptura* (CUNHA, 2005; LUCARELLI, 2009), *de transição paradigmática* (SANTOS, 2000; MORAES, 1997), *de emancipação* e de crise (BRAGA, GENRO e LEITE, 1997; SANTOS, 2000), de práxis inventiva (LUCARELLI, 2009) e de metamorfoses (MORIN, 2011). As inovações didático-pedagógicas-formativas visam contribuir para se construir outro mundo possível, mais humano, solidário, igualitário, justo e democrático, capaz de assegurar amorosidade, cultura de paz, dignidade humana, diversidade cultural, cidadania planetária e sustentabilidade do planeta, bem como fomentar políticas de convivência, políticas ecológicas, políticas de solidariedade e políticas de qualidade de vida. Estas inovações são pautadas na Complexidade, na Transdisciplinaridade, no humanismo planetário, na governança global e em processo econômicos capazes de promover simultaneamente processos de globalização e desglobalização; crescimento e decrescimento; desenvolvimento e involução; transformação e conservação. A Epistemologia da Complexidade e a reforma do pensamento articulam-se com a reforma do pensamento político, a política de humanidade, a política de civilização, a reforma da educação, a reforma da universidade e a reforma de vida. A didática emergente valoriza a educação integral do ser humano e a compreensão de que a finalidade da educação, no século XXI, passa a ser pensar

	complexo e transdisciplinar a fim de promover <i>metamorfose social, individual e antropológica</i> (MORIN, 2011a) e, portanto, salvaguardar a humanidade, a Terra-Pátria e dar prosseguimento ao processo de hominização (MORIN, 2003).
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.

Fonte: Banco de Teses da Universidade Católica de Brasília – UCB

QUADRO 9 – Apresentação das dissertações e teses analisadas 09

TÍTULO: Produção de sentidos e significados por docentes em formação continuada.		
ANO: 2014	TIPO: Tese	AUTOR(A): VARGAS, Geovana Camargo
PALAVRAS-CHAVE	Produção de sentidos. Formação continuada. Trabalho docente.	
RESUMO	<p>Compreender o mundo a partir de uma abordagem sócio-histórica traz consigo a noção de que o homem é uma criação dele mesmo, isto é, das relações e práticas sociais da humanidade. Neste sentido, ele não apenas revela o todo que o constitui como humano genérico, mas também expressa sua singularidade na relação dialética que mantém com a sociedade, sendo ao mesmo tempo parte e totalidade da humanidade. Logo, o homem transforma o mundo exterior do mesmo modo em que se transforma, produz e reproduz os conhecimentos produzidos ao longo da História da humanidade; ao se apropriarem dessa história, os homens se objetivam como humanos, objetivam sua subjetividade. Neste processo de mudança, de relação, há também a produção de trabalho, de atividade voluntária, que é significada pelos sujeitos. No caso da atividade docente, observa-se a prática de incentivo à formação continuada, a qual teria potencial transformador da atividade. Entretanto, observa-se que as pesquisas direcionadas a se pensar a produção de sentidos estão distantes da análise à luz das prescrições sociais e da possibilidade que a transformação de sentidos produza algum tipo de transformação na ação. Assim, a presente investigação objetivou analisar o processo de construção de sentidos de professores em formação continuada e o impacto disso na reconfiguração da sua ação. Para a obtenção de dados que acompanhassem o processo de construção de sentidos, foram utilizados textos produzidos em entrevista com quatro professores em formação continuada. Na intenção de verificar em que medida as transformações de sentido eram acompanhadas de modificações na ação do professor e de que forma estas eram influenciadas por prescrições de documentos mais abrangentes, foram utilizados, na construção dos dados, planejamentos realizados pelos docentes participantes e a proposta pedagógica da instituição. Longe de serem prescrições, verdades ou conclusões absolutas, as análises dos sentidos produzidos pelos professores em conjunto com o contexto em que se inserem permitiram a elaboração de algumas reflexões gerais e apontamentos. Primeiramente, é inegável o impacto dos textos prescritivos na produção de sentidos dos professores, evidenciando os textos como possibilidades de reconfiguração na ação. Os professores entrevistados, em maior ou menor grau, apresentaram a entrada na escola, cujas prescrições epistemológicas são bem claras, como fonte de mudança de sentidos e, conseqüentemente, de pensamento. A reconfiguração da ação nos textos, entretanto, foi observada com maior clareza nos momentos em que os sujeitos eram implicados na ação, quando os sentidos em torno dela não eram pautados na obrigatoriedade, no cumprimento de algo a pedido de uma autoridade, conduzindo a uma segunda reflexão importante. As formações continuadas que aconteciam na escola – as assessorias – eram significadas, por muitos, como inúteis. Elas foram originalmente</p>	

	configuradas para proporcionar subsídios aos professores na sua prática e tornaram-se momentos em que os professores, apesar de serem professores, viravam alunos e tinham tolhidas as suas experiências, necessidades, desejos, anseios. Porém, nos espaços em que não eram percebidas autoridades, obrigatoriedade e, principalmente, havia a implicação do professor no seu fazer, acolhimento e questionamento das demandas, verificaram-se sentidos atrelados ao prazer, às possibilidades, à motivação. Desse modo, apontam-se para a possibilidade de reconfiguração da ação, também nos textos e pelos textos, dadas as condições de colaboração, permitindo pensar outras possibilidades, formações continuadas que busquem transformação da ação através da resignificação dela.
CONCLUSÃO	Dissertação utilizada como base teórica por dialogar com os pressupostos da investigação em questão e contemplar conceitos que contribuíram para os apontamentos, conceitos, exposições teóricas e históricas desta pesquisa.

Fonte: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10940>

Ao total foram analisadas 09 obras, dentre elas 03 dissertações de mestrado e 06 teses de doutorado. Todas as obras utilizadas fizeram parte do escopo de referências utilizadas na construção dos conceitos que aqui foram interpostos na abordagem que trouxemos sobre a musicalização, ensino de música na escola, ensino de bandas marciais, contexto da historicidade da banda marcial no Brasil, Epistemologia da Complexidade e conceitos da Transdisciplinaridade.

1.2 A pesquisa de Abordagem Qualitativa

Para iniciar o processo da pesquisa, faz-se necessário ter um questionamento, um problema, uma dúvida, algo que inquieta o pesquisador. O que se quer analisar? O que se quer investigar? Qual a relação do que se quer investigar com o pesquisador? Qual a problemática que se apresenta e busca o foco daquele que a observa? Estas são questões que podem ser levadas em consideração para o início do processo de pesquisa. Torna-se relevante adentrar a perspectiva da abordagem utilizada para fundamentar, tanto a coleta dos dados quanto os instrumentos que serão utilizados para a análise dos mesmos.

Para este trabalho escolhemos a abordagem qualitativa, uma vez que ela permite ampliar de forma significativa os olhares acerca do objeto de estudo e do lócus no qual nossa visão será posta. Lançando mão desta abordagem nos posicionamos paralelos ao conceito de Complexidade, não considerando o método da pesquisa como um agrupamento de prescrições e/ou regras a serem rigidamente seguidas,

desconsiderando a multidimensionalidade do sujeito e dos fenômenos, da multirreferencialidade de ambos, das incertezas e contradições da vida (MORIN, 2007c).

No que diz respeito à abordagem de pesquisa, esta seguirá uma perspectiva de cunho Exploratório por possuir planejamento flexível, o que permite ao pesquisador, o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Segundo Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa de abordagem exploratória

[...] tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52)

Lüdke e André (2018) nos afirmam que as modalidades da pesquisa que possuem como eixo norteador a abordagem qualitativa tem grande interconexão em relação ao pesquisador, que é considerado pelas autoras, um dos principais elementos na trajetória investigativa. Ainda para as autoras, o pesquisador desempenha papel fundamental no processo investigativo, visto que “sobre ele recai uma enorme responsabilidade em relação à qualidade de sua pesquisa” (LÜDKE; ANDRÉ, 2018, p. 8).

Silva e Ferreira (2020) atestam que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares e com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (SILVA; FERREIRA, 2020, p. 895)

Segundo os autores, a abordagem qualitativa instrumentaliza o pesquisador a ampliar o olhar acerca do objeto de estudo a ser analisado e revela elementos deste objeto que a simples quantificação não aponta, isto é, elementos particulares, simbólicos que expressam a subjetividade humana. Para esta pesquisa, corroboramos com os autores, visto que nossa perspectiva de análise provém da observação subjetiva e analítica de discursos e relatos que qualquer análise quantitativa não revelaria.

Chizzotti (2001) nos faz apontamentos que dialogam com o processo investigativo que propus. Para ele

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2001, p. 79).

O autor aponta a interrelação entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado, traçando uma linha de pensamento indissociável que admite as subjetividades e realidades. Percebe-se que este olhar qualitativo é capaz de gerar caminhos que possibilitam o pesquisador perceber fenômenos de formas as mais naturais possíveis, acolhendo as incertezas, as contradições, as possibilidades de mudança e os imprevistos causados por questões que influenciam o objeto e o lócus analisado (MORAES, 2019; SUANNO, M.V.R. ; MORAES, 2016), promovendo assim, a acolhida de experiências empíricas e dados para análise que dialogam com a perspectiva da Complexidade aqui apresentada.

No decorrer deste processo investigativo a perspectiva qualitativa nos serviu de eixo balizador em todos os momentos. Desde o início da escolha do nosso objeto de estudo, dos instrumentos de levantamento de dados, da seleção das categorias e fundamentalmente, a perspectiva epistêmica que se alicerça na Epistemologia da Complexidade, foram ancorados e balizados por uma abordagem qualitativa. Todos esses elementos fazem parte de um agrupamento de conceitos que têm em suas raízes – e nesta investigação – percepções, olhares, análises, construção de conceitos e abordagens de cunho qualitativo.

Dialogando com os preceitos de Chizzotti (2001), Araújo, Oliveira e Rossato (2018, p. 3) nos apontam que “a pesquisa qualitativa se caracteriza pela busca, como princípio do conhecimento, de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social” e nesta perspectiva, ela parte do pressuposto da realidade como construção humana que se alia ao olhar do pesquisador e ao rigor científico. Desta maneira, o pesquisador torna-se parte intrínseca de sua pesquisa, dando novos resultados e significados ao objeto pesquisado.

À priori, abrimos a possibilidade da utilização do método quantitativo como um dos caminhos para uma análise ampliada do objeto que propomos observar. Contudo,

diante dos fenômenos que se nos apresentaram, não utilizamos deste método na presente investigação. Todavia, corroboramos com Moraes e Torre (2006) quanto atestam que apesar do pensamento científico da atualidade caminhar a certa distância do enfoque quantitativo e propor elementos e olhares de cunho mais qualitativo, existe sim a relação quali-quantitativa na elaboração do pensamento e da síntese do conhecimento científico, validando assim, as amplas possibilidades, multirreferencialidade, multidimensionalidade que engloba objetos e fenômenos.

Sob esta ótica, Gerdardt e Silveira (2009) dialogam com nossos apontamentos, quando afirmam que

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GERDARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31)

Para este processo investigativo buscamos valorizar tanto os aspectos qualitativos quanto os aspectos quantitativos que, porventura, se apresentassem. Todavia, acreditamos que a percepção qualitativa permaneceu latente em todos os processos e etapas que realizamos. Assim, nos dispomos somente a expor no âmbito das quantidades, quando apresentamos tabelas com a discriminação da estrutura física da unidade que sedia a Banda Marcial, para apresentar o quadro funcional dos profissionais que atuam na unidade e também para apresentar o levantamento de dados das quantidades específicas dos sujeitos participantes e dos instrumentos musicais dispostos na unidade para o uso dos alunos, não atribuindo a esta ação uma abordagem quantitativa ou quali-quantitativa, mas estritamente expositiva numericamente.

Acreditamos na importância da análise de ambas as propostas, o que nos possibilitou fazer uma analogia ao princípio hologramático, apresentando-o como um paradoxo dos sistemas em que a parte está no todo assim como o todo está na parte (MORIN; CIURANA; MOTA, 2003; PETRAGLIA, 2000), isto é, vislumbramos informações valiosas tanto nas abordagens qualitativas, quanto nas quantitativas, nos quais, ambas dialogaram entre si, contribuindo com olhares que se complementaram. Cada participante desta pesquisa trouxe consigo uma gama de informações oriundas da sociedade e do contexto nas quais estão inseridos, agregando assim, elementos

multirreferenciais e multidimensionais que foram validados como vivências e discursos que nos serviu como elementos para análise.

1.3 Objeto da pesquisa

Afim de analisar a base conceitual complexa nesta investigação, o objeto que propomos para este processo investigativo ancora-se nos sentidos e significados das aprendizagens construídas pelos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião. Assim sendo, procurei apontar o que esses egressos perceberam acerca das aprendizagens construídas durante seu tempo como membros da banda e em que medida esses conhecimentos/aprendizagens específicos moldaram/influenciaram suas experiências hoje. As aprendizagens que nos referimos vieram de inúmeras áreas: no âmbito pessoal, relacional (individual e coletivo), autoconhecimento, aprendizagens teóricas (conceitos musicais e curriculares), aprendizagens culturais, momentos de crescimento emocional, psicológico, físico, motor [...]. Destas aprendizagens (individuais e coletivas) buscamos compreender quais foram os sentidos e significados dos egressos e suas reverberações até os dias atuais à luz da Epistemologia da Complexidade.

Para a escolha do objeto de estudo, fundamentei-me em dois elementos que, na minha perspectiva, se interligam mutuamente: música e educação. Destes dois elementos emergiram as aprendizagens supramencionadas, isto é, todas as vivências relatadas, os discursos construídos nos momentos de compartilhamento coletivo gravado em videochamadas ou por meio dos formulários semiestruturados foram frutos de momentos em que a música e a educação se tornaram um só alicerce e fizeram nascer conhecimentos e aprendizagens que foram analisadas numa ótica complexa.

Lüdke e André (2018) afirmam que o objeto de estudo, ou tema de pesquisa, ou o foco das análises corresponde ao elemento essencial que emerge das curiosidades do pesquisador diante de uma inquietação. Desta forma, torna-se necessário compreender a dimensão histórica, cronológica, social, afetiva e humana dos elementos de estudo para que, diante dessas abstrações, ter a possibilidade de argumentar, problematizar, ampliar olhares acerca desse objeto e para além dele.

Kochhann (2021) atesta que o objeto de estudo tem relação intrínseca com o pesquisador e com a literatura existente acerca dele. É justamente nos processos de

construção/reconstrução/desconstrução que o objeto recebe foco específico para que, deste processo de análise, o pesquisador possa repensar ações, práticas, perspectivas, trajetórias e modificações na pesquisa, apontando multifacetadas que dialogam com as problemáticas apresentadas por ele.

Isto posto, durante o processo investigativo foram necessárias diversas mudanças de rota, tanto de cunho analítico quanto metodológico. Alteramos elementos de construção e levantamento dos dados, delimitamos a Epistemologia da Complexidade como eixo balizador das nossas proposições, inserimos olhares, abordagens, percepções que dialogam com os preceitos que esta pesquisa intenta. Todos esses processos foram realizados a fim de delimitar os sentidos e significados das aprendizagens destes egressos como o foco principal desta pesquisa, desde a sua criação em 1996 até 1 ano antes da descoberta da pandemia.

1.4 A Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo é um elemento de suma importância no delineamento do *corpus* teórico que estrutura uma pesquisa. Tal procedimento visa reunir dados empíricos para a análise, a posteriori, a fim de contribuir na elaboração e na resolução de uma problemática. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto às pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa.”

Neste trabalho, propomos aliar a pesquisa de campo, enquanto modalidade investigativa, à perspectiva da Epistemologia da Complexidade, fundamentada em Edgar Morin. A ótica adotada por Morin nos possibilitou uma visão mais ampliada do contexto no qual se encontravam os sujeitos que fizeram parte da pesquisa e também os demais elementos que foram analisados como parte deste contexto, tais como: questões situacionais, questões regionais, questões legais, dentre outros aspectos que influenciaram a construção desta pesquisa.

Severino (2017, p. 94) atesta que na pesquisa de campo, “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio”, isto é, o mundo externo e interno, ambientes nos quais habitam as ideias; onde se encontra o seu objeto de investigação que é a construção de sentidos e significados, mas também onde habitam os elementos externos como ações, práticas sociais, comportamentos e fenômenos; ambiente no

qual todas as suas relações estão se desenvolvendo, criando laços e promovendo inter-relações pessoais, afetivas, culturais, sociais.

Nesta forma de pesquisa, “a coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2017, p. 94-95), tendo o pesquisador, o papel de pensar, agir, sentir, perceber as relações com o fenômeno investigado, para assim, compreender os sentidos e significados das percepções de seu objeto de estudo. A ação do investigador não é meramente passiva e observatória, mas compete um olhar ampliado e multidimensional a fim de promover uma análise que aporte relacionar a teoria e prática e a ação-reflexão, descrevendo, narrando, abstraindo, dialogando e construindo conceitos teóricos e científicos a partir deste olhar.

Corroborando com Severino (2017), os estudos de Suanno, M.V.R. (2015) retratam que nessa relação direta com os fenômenos, objetos de estudo e participantes da pesquisa,

[...]o pesquisador reelabora aquilo que vê/problematiza/reflete/percebe/compreende e, assim, constrói representações e conhecimentos, em diálogo com as teorias e os fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos com os quais se orienta e se apoia ao pesquisar (SUANNO, M.V.R., 2015, p. 91).

Assim sendo, a pesquisa de cunho complexo alicerçada na Epistemologia da Complexidade tem por caminho a ampliação da consciência, enxergando assim, pontos que interseccionam ao objeto e aos elementos que nele se inserem. O olhar ampliado do investigador para seu objeto de pesquisa, alimenta significativamente o reconhecimento da multidimensionalidade desse objeto, dando ao pesquisador respostas outras, que possivelmente, não encontraria se estivesse fundamentando-se em outras perspectivas que anulam facetas pessoais e fenomenológicas.

A fim de caminhar paralelamente aos conceitos já apresentados, Gil (2008) nos aponta que os estudos de campo (outro termo utilizado pelo autor para se referir às pesquisas de campo) possuem maior flexibilidade, “podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa” (GIL, 2008, p. 87), isto é, a cada descoberta de fenômenos que se relacionam direta ou indiretamente com o objeto analisado, o pesquisador considera-os e os têm como parte elementar da pesquisa, visto que fazem parte do contexto e das possibilidades de incertezas no

caminhar teórico. Este conceito apresentado por Gil (2008), mesmo não tendo como eixo epistemológico as percepções de Morin e da Epistemologia da Complexidade, corrobora na composição elementar do método numa perspectiva complexa.

Para fundamentar esta consideração, Suanno, M.V.R. (2015) nos apresenta o método *in vivo* que, segundo a autora “se caracteriza pela construção do caminho ao caminhar, sem regras rígidas e pré-estabelecidas” (SUANNO, M.V.R., 2015, p. 94). Todavia, orienta os caminhos do pesquisador por meio dos princípios orientadores do pensamento complexo, auxiliando-o durante percurso da construção do conhecimento. A autora afirma que este percurso teórico, ontológico, epistemológico e metodológico se dá a partir das “possibilidades e limitações do pesquisador na relação e na experiência da pesquisa com o objeto/fenômeno investigado em contexto, ao construir estratégias possíveis” (SUANNO, M.V.R. 2015, p. 94) e pertinentes no processo de construção do pensar e do fazer científico.

Este estudo buscou promover um caminhar flexível diante das incertezas e das realidades, tendo o intuito de manter o alicerce sob uma ótica complexa e manter-nos direcionados pelos princípios organizadores do pensamento complexo de Morin (2008). Os princípios organizadores (ou operadores cognitivos) serão mais descritos, *a posteriori*, porém apresento-os para este momento, como sendo: a) Princípio Sistêmico-Organizacional; b) Princípio Hologramático; c) Princípio Retroativo; d) Princípio Recursivo; e) Princípio Dialógico; f) Princípio Auto-eco-organizador ou autoprodução e; g) Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente no processo de construção do conhecimento. Além de ser amparado e orientado pelos princípios organizadores do pensamento complexo, todos os olhares, considerações, construções e pautas durante o processo de construção das perspectivas por mim apresentadas, também foram orientados, balizados e concebidos tendo-os como aporte teórico.

1.5 Conceito de sujeito participante e critérios de inclusão e exclusão

A pesquisa de campo que tem como fundamento teórico-metodológico a Epistemologia da Complexidade, busca resgatar todas as conexões do sujeito participante, a fim de conhecê-lo em sua multidimensionalidade, certo de que tudo está interconectado e religado, estabelecendo relações múltiplas subjetivas e intersubjetivas à realidade. Desta forma, reconhecemos que, nos moldes tradicionais

de educação, por exemplo, a essência da personalidade humana, seu caráter ativo e participativo, suas dimensões ontológica, histórica e cultural, bem como as influências e construções que foram fundamentadas no meio no qual esse sujeito se insere, são negadas, uma vez que não se reconhece o que é mutável, observável, contraditório, dual, ambíguo ou ambivalente, não acolhendo as incertezas da vida planetária nem mesmo reconhecendo a liquidez das ações e da realidade (MORAES; VALENTE, 2008; MORIN, 2007c).

Araújo, Oliveira e Rossato (2018) trazem um conceito sobre sujeito que dialoga com o que defendo no âmbito da definição dos elementos de uma pesquisa científica. Os autores afirmam que

[...] o sujeito não é tão simplesmente uma máquina de pensar, mas é fenômeno, mudança, processo, tempo. Um eu que é fluxo do pensamento e processo relacional[...]. O sujeito perde o status de substâncias mental e material (fixas, eternas) e passa a ser fenômeno (mutável, finito) (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2018, p. 2).

Mesmo não fundamentando-se na perspectiva da Complexidade, os autores apontaram elementos que versam sobre pressupostos que Moraes e Valente (2008) também abordam: a incerteza do sujeito, suas variabilidades, mutabilidades, possíveis transformações, apontando que ninguém é rigidamente imutável, mas que somos todos finitos, maleáveis, relacionais, fenômenos, processuais e temporais. Enquanto sujeitos, carregamos dimensões múltiplas e construções subjetivas e intersubjetivas, que fazem com que nossas relações sejam diretamente influenciadas e influenciáveis por elementos externos e internos, numa retroalimentação individual e coletiva.

Por meio dos critérios de inclusão e exclusão delimitamos para esta investigação 13 participantes no total, dentre eles egressos, maestros e treinadoras que serão detalhadamente descritos no capítulo de apresentação, discussão e análise dos dados.

Para estabelecermos uma amostra de sujeitos padrão em pesquisas científicas que demandam levantamento de dados – sejam discursos, entrevistas, grupos focais, pesquisas de campo com participação de pessoas –, faz-se necessário estabelecer critérios que balizam a participação, ou não, desses sujeitos nas pesquisas. Para tanto, é comum no processo investigativo, elencar os critérios de inclusão e exclusão dos participantes de uma pesquisa.

Em seus estudos, Patino e Ferreira (2018) nos apontam a definição dos critérios de inclusão e exclusão em pesquisas científicas, afirmando que os “critérios de inclusão são definidos como as características-chave da população-alvo que os investigadores utilizarão para responder à pergunta do estudo” (PATINO; FERREIRA, 2018, p. 84), assim sendo, são pertinências e especificidades que balizarão a participação desse sujeito no processo investigativo. Segundo os autores, os critérios de inclusão mais utilizados nas pesquisas acadêmico-científicas são as características geoespaciais, demográficas, cronológicas, sociais, culturais, sendo que tais critérios variam de acordo com a linha de pesquisa e área do conhecimento.

Por conseguinte, os critérios de exclusão são definidos como “aspectos dos potenciais participantes que preenchem os critérios de inclusão, mas apresentam características adicionais, que poderiam interferir no sucesso do estudo” (PATINO; FERREIRA, 2018, p. 84) ou até mesmo elevar a possibilidade de uma finalização que prejudique, de alguma forma, a pesquisa e/ou acabe levantando dados irrelevantes e que não contribuirão para a construção dos conceitos que o pesquisador busca.

Para este processo investigativo, tomamos como critérios de **inclusão**, os seguintes filtros:

- a) Ter sido egresso(a) do CEPI São Sebastião;
- b) Ter participado das atividades da Banda Marcial CEPI São Sebastião entre os anos de 1996 a 2020;
- c) Ter participado das atividades da banda marcial enquanto colaborador externo, não sendo aluno;
- d) Residir, preferencialmente, no município de São Luís de Montes Belos, estado de Goiás;
- e) Participar do grupo de *whatsapp* criado para fins de divulgação de comunicados, demandas, exposição de ideias e experiências;

Enquanto critérios de **exclusão**, utilizamos exatamente a antítese dos critérios de inclusão.

1.6 Problematização

Para compreender as influências e os efeitos em cascata das aprendizagens que construímos no decorrer da vida, faz-se necessário ampliar os olhares sobre os motivos pelos quais somos quem somos, isto é, nossas particularidades,

individualidades, perspectivas, desejos e sonhos. Desde criança, a música e suas reverberações, combinações harmônicas, melódicas, e sons variados, além dos instrumentos, as vozes e as orquestras fizeram parte das *playlists* da minha vida, ora em formatos de fitas-cassete (1997), ora em cd's (2000) e dvd's (2003), ainda mais adiante, em formatos de mp3 e agora pelas plataformas digitais de *streaming*. A música é um elemento capaz de nos tocar de formas diferentes, levando-nos a experimentar sentimentos, memórias afetivas e a lugares em nossas lembranças.

Em seus estudos sobre a escuta musical numa perspectiva transdisciplinar, Enny Parejo nos expõe que, “provavelmente a música faça parte de nossas vidas desde os tempos imemoriais, perpassando vivências afetivas e sociais ao longo da evolução” (PAREJO, 2008, p. 130), sendo assim capaz de estar presente em momentos nos quais as memórias ainda estejam adormecidas. Afirma ainda que

A partir de cinco meses no útero materno, e imediatamente ao nascer, os bebês já são detentores de uma competência musical prodigiosa: percebem frequências, tempo e timbre de forma refinada, muito mais do que a necessária para se fazer música; agrupam elementos estruturais da música por suas características intrínsecas (PAREJO, 2008, p. 131).

Pela análise de Parejo (2008), percebemos que a escuta musical está diretamente ligada à formação do indivíduo desde o ventre da mãe, potencializando ainda mais as possibilidades de compreender os sentidos e experiências desse sujeito, mesmo na mais tenra idade. Para tanto, busquei aliar a música, enquanto elemento potencializador de experiências individuais e coletivas, ao processo de construção de aprendizagens, procurando compreender as possíveis influências e reverberações que a música, seu processo de ensino, o contato com maestros, a presença em um ambiente de ensaio, trazem para o sujeito que está inserido neste contexto e é o que traremos na análise dos dados obtidos.

A construção da questão problematizadora desta investigação se deu pela inquietação de relacionar a Epistemologia da Complexidade às vivências do nosso dia a dia. Assim sendo, poder conectar esta epistemologia aos discursos de egressos de uma banda musical, compreendendo as relações de sentido e significado dessas experiências, trouxe-me a seguinte problematização: Quais os sentidos e significados das aprendizagens construídas pelos egressos da Banda Marcial do CEPI São Sebastião à luz dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo?

1.7 Instrumentos de levantamento de dados – conceitos teóricos e apresentação dos instrumentos escolhidos

O levantamento dos dados de uma pesquisa perfaz momento significativo para a produção de uma análise científica fundamentada. Diversos autores nomeiam essa etapa da produção científica como coleta de dados. Optamos utilizar a terminologia levantamento de dados, por acreditar que seja mais contextualizada e que dialoga com a epistemologia moriniana, da qual defendemos. Como advogam Prodanov e Freitas (2013):

Chamamos de 'coleta de dados' a fase do método de pesquisa, cujo objetivo é obter informações da realidade. Nessa etapa, definimos onde e como será realizada a pesquisa. Será definido o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos de coleta de dados e a forma como pretendemos tabular e analisar seus dados. É a fase da pesquisa em que reunimos dados através de técnicas específicas (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 97).

Partindo da premissa de que os dados da pesquisa científica não correspondem a um processo meramente retilíneo e sem percalços, nem pode ser caracterizado como “um processo acumulativo e linear cuja frequência, controlada e mensurada, autoriza o pesquisador, exterior à realidade estudada e dela distanciado, a estabelecer leis e prever fatos” (CHIZOTTI, 2001, p. 89), acreditamos que, mesmo em terreno incerto faz-se necessário estruturar uma rede de elementos que possibilitem ao pesquisador, não somente o processo de levantar os dados, mas a construção dos dados da pesquisa.

Em suas abordagens acerca dos diversos elementos de levantamento de dados, Chizotti (2001) nos aponta que esses elementos⁶ devem captar as representações subjetivas dos participantes, favorecendo a intervenção dos agentes em sua realidade ou organizar a ação coletiva para modificar as condições problemáticas e desta forma, estruturar um grupo de instrumentos que possibilitarão

⁶ Chizotti (2001) aponta diversos elementos que, segundo ele, trazem dados que promovem a confiabilidade e a credibilidade científica. Em sua obra “Pesquisa em Ciências Sociais e humanas”, o autor elenca os elementos supramencionados. Sendo eles: “a observação participante, a entrevista individual e coletiva, o ‘teatro da espontaneidade’, o jogo dos papéis, a história de vida autobiográfica ou etnobiográfica, as projeções de situações de vida, análise de conteúdo” (CHIZOTTI, 2001, p. 88). Para esta pesquisa, firmaremos-nos, não na especificação detalhada desses elementos, mas na proposição de reafirmar que os vários elementos utilizados em pesquisas científicas arremetem rigor acadêmico e veracidade nos dados levantados.

o conhecimento mais ampliado da realidade. Elaboramos um infográfico que exemplificará de forma ilustrativa os elementos utilizados para o levantamento dos dados desta investigação.

Figura 1 – Infográfico correspondente aos instrumentos de levantamento de dados



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como exemplificado acima, enquanto instrumentos de levantamentos de dados selecionamos a entrevista coletiva gravada (via videochamada) mediada pelas tecnologias (*Google Meet*) uma vez que, estando ainda em pandemia, prezamos pelo bem-estar dos sujeitos, sua saúde e por perceber que alguns destes participantes não se encontram no Brasil. Desta forma, este instrumento justificou-se pela facilidade no manuseio, gratuidade e estabilidade em virtude da possibilidade de gravação das videochamadas.

Valemo-nos também da entrevista semiestruturada por meio dos formulários digitais (*Google Forms*) pelas mesmas razões supramencionadas, com o diferencial de que nem todos os participantes que faziam parte do grupo no aplicativo *Whatsapp* não puderam estar presentes sincronicamente na gravação entrevista coletiva gravada.

Para Prodanov e Freitas (2013), a entrevista, em âmbito mais amplo, constitui-se em uma das diversas técnicas de levantamento de dados que são início ao processo de investigação e dá grande relevância à descrição verbal de seus

participantes. Chizzotti (2001) nos aponta que a entrevista é um diálogo entre dois ou mais interlocutores, sendo eles o pesquisador e o(s) informante(s), com a finalidade de trazer luz a uma situação-problema. O autor as classifica em entrevista livre, na qual o(s) informante(s) discorre(m) como quiser sobre o(s) assunto(s) que envolvem a pesquisa; entrevista estruturada, na qual o(s) informante(s) responde(m) sobre algumas perguntas específicas; e entrevista semiestruturada, na qual o(s) discurso(s) possuem caráter livre, todavia, orientado por algumas perguntas-chave (CHIZZOTTI, 2001, p. 45). Isto posto, acreditamos que a entrevista semiestruturada nos possibilitou uma amplitude maior dos diálogos, estabelecimento de ligações e religações de experiências, tendo uma estrutura organizacional sistematizada.

A análise documental foi escolhida devido à necessidade de observar/analisar alguns documentos legais para a elaboração desta investigação, uma vez que nos pautamos no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar que sedia a Banda Marcial, no *Projeto Pra Ver A Banda Passar* e ambos se alicerçam nos marcos legais apresentados no capítulo de apresentação, discussão e análise dos dados. Lüdke e André (2018, p. 10) advogam que é “a análise documental, que complementa os dados obtidos através da observação e da entrevista e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada” e constituem-se como fontes estáveis e ricas, uma vez que podem ser consultados inúmeras vezes, servindo de base a diferentes análises e considerações, o que dá mais estabilidade aos resultados levantados (GUBA; LINCOLN, 1981). Para tanto, as informações contidas nos documentos utilizados deram fundamento para as proposições e análises.

Zanelli (2002) salienta que:

Quando o recurso é a observação ou a análise documental, o pesquisador procede a um constante e minucioso exame dos elementos que estão no contexto. A composição do quebra-cabeça (imagem alegórica do processo de pesquisa qualitativa) pode demorar, porque o pesquisador não percebe peças que, às vezes, há muito se escancaram diante dele (ZANELLI, 2002, p. 83).

Para esta investigação, esse constante e minucioso exame à documentação pertinente apontado por Zanelli (2002) se fez pela observação dos pressupostos apresentados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996), nos vários Projetos Político-Pedagógico (PPP) da instituição que dá suporte à Banda Marcial CEPI São Sebastião, atas de reunião, diários de classe, fotos

e todos os materiais audiovisuais que contribuíram para as concepções aqui levantadas.

2 RESSIGNIFICANDO CONCEITOS E CONHECENDO A EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE

Este capítulo intentou construir uma nova roupagem significativa dos termos: sentido(s) e significado(s). Nossa busca para esse processo ressignificador partiu dos conceitos preexistentes oriundos dos estudos da linguística aplicada, no caso desta investigação, fundamentada em Bakhtin (2010) e Leontiev (1978). Ambos os teóricos apresentam conceitos dos âmbitos linguísticos que abordam matrizes temáticas de sentido, significado e significação, todavia em prospectos do estudo da língua.

Também balizaremos nossa proposta de construção de conceito em pressupostos e análises que se alicerçam na perspectiva da Psicologia histórico-social embasada em Vygotsky (1986-1934), ancorado também em Gonzáles Rey (2007). Para esse fim, buscamos aliar as perspectivas linguísticas e psicológicas, com conceitos elementares para nos fundamentar, promovendo assim, um olhar diferenciado que dialogue com a Epistemologia da Complexidade.

Os estudos acerca dos sentidos e significados são considerados, tanto na área da linguística aplicada (semântica e pragmática), quanto na área da psicologia histórico-social, categorias de análise que envolvem os conceitos múltiplos da significação, individual ou coletiva, das definições das palavras e seus reflexos na vida do indivíduo. Na área da linguística, possuem contribuições permanentes de autores de linhas epistemológicas tradicionais e contemporâneas e na área da psicologia que colaboram para a compreensão dos sentidos dados pelos indivíduos frente aos discursos orais e escritos.

Para este processo investigativo, propus fazer o uso dessa terminologia agrupada (sentidos e significados) e também como substantivos separados, me atento assim, a um novo olhar de significação sobre meu objeto de observação, que são as aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião do município de São Luís de Monte Belos, estado de Goiás. Para isso, fundamentei-me nos conceitos base das definições do âmbito linguístico e da psicologia histórico-social, todavia, propondo uma nova roupagem para ambos os termos, estando eles unidos ou separados, e construir um conceito que dialogue com a epistemologia da Complexidade que trago nesta investigação.

No âmbito da concepção linguística, falar de sentido e significado é abordar temas como a produção de sentido/enunciação e os reflexos da compreensão

humana sobre a fala. Tudo o que ouvimos e falamos é ou foi constituído de experiências interativas sob um contexto da linguagem/fala/enunciação, independentemente do instrumento ou do eixo mediador que esta mediação tenha sido feita. Seja por meio de símbolos, sinais gráficos, gestos, falas, voz, música, os sentidos da linguagem produzidos pelos sujeitos são fundamentalmente interpretados e influenciados pelo contexto no qual esses indivíduos estão inseridos.

Nesta perspectiva, Bakhtin (2010) nos aponta que o que dizemos ou ouvimos não são palavras, mas verdades ou mentiras, boas ou más, importantes ou corriqueiras, agradáveis ou desagradáveis. A palavra está sempre cheia de conteúdo e significado ideológico ou empírico. As palavras e os discursos carregam conteúdos simbólicos, intencionalidades discursivas intrínsecas às mensagens, contextualização e significação das quais somos hodiernamente submetidos, mas nem sempre percebemos. Para ele, as palavras podem carregar conceitos que podem soar de forma abstrata e subjetiva, mas também podem carregar a concretude e a materialidade sobre as realidades e fenômenos.

Sob a ótica de Bakhtin (2010), Leontiev (1978) nos faz importantes análises acerca da concepção de sentido e significado. Para ele, o sentido surge da consciência humana como um elemento que influencia diretamente os contextos e levam subentendidas suas próprias relações vitais, suas análises, suas perspectivas sobre os fenômenos. O autor nos aponta que os sentidos podem variar de acordo com os sujeitos e com os contextos nos quais as relações linguísticas estão engendradas para que, desses sentidos da consciência humana, formem-se os significados. Leontiev (1978) nos afirma ainda que os significados ampliam os conceitos dos fenômenos do mundo na consciência do homem, assim como a luz é refratada em um prisma e subdividida após esse efeito, podendo assim o homem compreender as nuances e as entrelinhas do que fora dito.

Desta forma, a variabilidade da construção dos sentidos e dos vários significados pela consciência humana são inerentes aos sujeitos e dependem de suas experiências emocionais individuais para que produzam nexos e lógica, isto é, nem tudo do que é carregado de sentido e significado para um sujeito o será para outro, dadas as variações das relações e experiências emocionais dos sujeitos, levando em consideração as interações, relações, noções da linguagem e compreensão dessa linguagem.

Como conjectura plausível, analisemos sob a ótica apresentada o conceito de morte em contextos discrepantes. Para um indivíduo jovem, saudável, com boas práticas alimentares e físicas e que sempre cuida do bem-estar do corpo e da mente o conceito da morte pode ser encarado com certo receio, temor, descontentamento, não-aceitação e negatividade dadas às suas interações, contextos e vivências. Já para um indivíduo que se encontra em estágio terminal, sob tratamento médico, por exemplo, em amplo sofrimento e submetido a dores intensas, a morte já não é vista como no primeiro exemplo, sendo talvez até um caminho para sua libertação. O sentido da morte em ambos os contextos pode ser discrepante, mas o significado é o mesmo, isto é, a concepção de sentido da morte varia no aspecto subjetivo, pessoal e abstrato, mas na concepção de significado, permanece o concreto, o material, no caso, o fim da vida. Assim, no campo da linguística, sentido e significado caminham paralelamente e são intrinsecamente ligados e alicerçados por conceitos engendrados.

Partindo para uma perspectiva conceitual do campo da Psicologia humana, Gonzáles Rey (2007) nos diz que

[...] as categorias de sentido e significado têm tido uma ampla profusão na literatura psicológica. Mesmo que elas sejam categorias gerais da psicologia usadas por várias teorias, destaca-se o fato de que também são categorias usadas pela linguística e pela análise do discurso, o que determina uma ampla gama de significados diferentes, em particular associados com a categoria de sentido (GONZÁLES REY, 2007, p. 155).

Em seu texto, intitulado “As Categorias De Sentido, Sentido Pessoal E Sentido Subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural”, Gonzáles Rey (2007) propõe uma análise como a que intentei nesta investigação, isto é, não me fundamentando, de maneira primordial nos trabalhos acerca dos sentidos e significados numa perspectiva linguística, mas me atentando a versões elaboradas pelos linguistas que assim analisam ambos os termos, ressignificando estes olhares e construindo um conceito próprio de sentido e significado ante a epistemologia da Complexidade e ante aos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo.

Numa perspectiva vygotskyana sobre os estudos da linguagem, os termos sentido e significado correspondem a duas categorias de análise de discursos que se ramificam e entrelaçam-se aos sujeitos que fazem uso de determinada língua, a fim de compreender o sujeito enquanto ser cognitivo, histórico-social, afetivo, dialético e

biológico em determinadas pesquisas de cunho qualitativo, nomeando-se também como núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Em sua obra “Pensamento e Linguagem”, Vygotsky (2002) nos aponta seu conceito acerca do sentido e significado no âmbito linguístico e da compreensão da palavra. Para ele,

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os acontecimentos psicológicos que essa palavra desperta na nossa consciência. É um todo complexo, fluido, dinâmico que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado, nada mais é, do que uma das zonas do sentido, a zona mais estável e precisa. Uma palavra extrai o seu sentido do contexto em que surge; quando o contexto muda, seu sentido muda também. O significado mantém-se estável através de todas as mudanças de sentido (VYGOTSKY, 2002, p. 144).

Vygotsky (2002) amplia o conceito de sentido e significado colocando o sentido como sendo a união de experiências psicológicas trazidas pelas palavras à consciência humana, isto é, são informações imediatas de vivências individuais ou de outrem, que se desvelam ante ao reconhecimento das palavras. No que diz respeito ao conceito de significado, o autor afirma que esta é a zona mais estável e precisa da consciência humana no qual “o significado de uma palavra tal como surge no dicionário não passa de uma pedra do edifício do sentido, não é mais do que uma potencialidade que tem diversas realizações no discurso” (VYGOTSKY, 2002, p. 144).

González Rey (2007, p. 163) propõe sua análise afirmando que “o sentido e o significado são processos diferentes, capazes de se articularem de formas diferentes no funcionamento psíquico do sujeito”, de forma que o sentido nos habilita experimentar e vivenciar e o significado nos proporciona a consolidação dessas vivências e experiências. O sentido está diretamente relacionado à percepção que o sujeito tem de determinado objeto/palavra, aos diferentes contextos que as palavras podem assumir em momentos específicos. Para tanto, podemos dizer que o sentido remete-se ao cunho conotativo, subjetivo e intuitivo. Já o significado busca aporte no âmbito denotativo, isto é, no sentido literal, ao objeto referente, à coisa ao qual a palavra se refere, à coisa dicionarizada.

Para que possamos exemplificar as percepções de sentido e significado no campo da linguística de forma prática, pensemos a palavra *árvore*. Quando ouvimos esta palavra é natural que venha logo à nossa mente um elemento da natureza, repleto de folhas verdes, talvez frutíferas, de tamanhos variados, enraizada em locais

diversos. Esta análise refere-se ao cunho denotativo, literal, ao que a palavra identifica enquanto objeto concreto. Já o sentido pode ser alterado variando de acordo com os contextos. Quando precisamos, por exemplo, fazer um levantamento genealógico familiar, lembramo-nos logo o termo *Árvore genealógica*. Para tanto, a palavra árvore neste contexto, não mais absorve o mesmo sentido anterior, mas assume uma nova percepção de um levantamento de dados familiares em forma de árvore. Assim, esta foi uma breve e simples conceituação acerca do sentido e do significado no âmbito linguístico.

Buscamos construir também, algumas percepções acerca dos sentidos e significado no campo da Psicologia histórico-social. Costa e Ferreira (2011) abordam os termos sentidos e significados permeados por uma perspectiva de emancipação e transformação da realidade humana, nos afirmando que “os significados e os sentidos são constituídos e transformados na medida em que este *homo* também evolui” (COSTA; FERREIRA, 2011, p. 208), isto é, conforme a evolução do ser, as percepções acerca de suas experiências, as relações individuais e coletivas, também evoluem, ao ponto de provocar transformações humanas concretas na realidade em que o indivíduo se insere. Desta forma, “[...] pode-se pensar, portanto, que o significado se constrói em acordo com as situações vivenciadas. Pode-se manter os mesmos significados, mas eles sofrerão variações conforme a intenção” (COSTA; FERREIRA, 2011, p. 215).

Costa e Ferreira (2011) sobrepujam sua análise sobre a linguagem, transcendendo os conceitos de sentido e significado para além da compreensão linguística, e suas reflexões se aliam ao que propomos nesta investigação. As autoras traçam um paralelo entre o homem, o mundo e suas relações, atestando que

O sentido, por sua vez, tem caráter simbólico. É, aliás, o simbólico o elemento mediador da relação homem/mundo. Portanto, serve o sentido como um possibilitador desta relação. Recapitula-se aqui a importância do social. O sujeito se produz como indivíduo na ação social e na interação, internalizando significados a partir do social (COSTA; FERREIRA, 2011, p. 215).

Isto posto, os autores, que aqui me fundamento, trazem em suas visões, percepções que se aliam para a geração de um conceito paralelo sobre os sentidos e significados, isto é, um conceito que tem como base, as análises no âmbito humano e linguístico, mas que comungam como a mesma essência da Epistemologia da complexidade, que enxerga o homem como um ser religado, conectado,

multidimensional, multirreferencial e que amplia seus níveis de consciência frente às experiências deste mundo-vida (MORIN, 2007a; SUANNO, 2015; PETRAGLIA, 2000).

Para Vargas (2014)

[...] o significado pode ser entendido como uma generalização ou conceito; são produções históricas e sociais que permitem a comunicação e socialização das experiências. O sentido, por sua vez, seria a soma dos eventos psicológicos que afetam o sujeito: é fluido, profundo e instável, vai além da aparência (VARGAS, 2014, p. 27).

A autora supramencionada também aponta o significado como uma produção social e histórica que emana concretude dos resultados de socialização de experiências. Para o conceito de sentido, Vargas (2014) expõe uma ótica psicológica que influencia o sujeito para além do que é aparente, e esta perspectiva, colabora com a proposta que buscamos para esta investigação, isto é, construções abstratas que possuem razão de ser na vida dos indivíduos.

Ante as percepções acerca dos sentidos e significados apresentados por Vygotsky (2002), Gonzáles Rey (2007), Aguiar e Ozella (2006), Costas e Ferreira (2011) e Vargas (2014) podemos construir uma releitura do conceito dos sentidos e significados, para assim, podemos ampliar os olhares, não somente com uma fundamentação etimológica, literal ou linguística, mas de cunho científico, humano, religado, abrangente e com rigor acadêmico.

Para este processo investigativo e ancorando-me nas bases da Linguística e da Psicologia histórico-social que supramencionamos e debatemos, concebi o sentido como uma construção de vivências psicológicas, afetivas, simbólicas, cognitivas, biológicas, sensoriais que promovem a consciência de si e do outro, frente às experiências vividas, podendo ser ressignificado de acordo com as alterações de contexto. Compreendemos que o sujeito constrói e é construtor de si mesmo, quando participa socialmente de relações humanas, o que o torna um ser com significado social e capaz de, após influenciado por suas vivências, mudar realidades que estão à sua volta. Acreditamos que com esse olhar pautado nos fundamentos teóricos que mencionamos, conseguiremos aumentar as possibilidades de termos um olhar mais sensível, pleno e que valoriza as experiências humanas, os sentimentos, as emoções, as singularidades, especificidades e a multidimensionalidade humana.

Já para as percepções acerca da releitura do conceito de significado, o concebimos como o resultado concreto dos sentidos, isto é, carrega a concretude material e/ou imaterial das experiências vividas, compartilhadas e experimentadas no decorrer da vida humana; resultado também das construções, individuais e coletivas, que foram agregadas à vida. Sob esta ótica, acreditamos que os significados correspondem ao todo concreto que foi idealizado, influenciado, construído pelos sentidos e que, agora corporificado, tem um sentido diferente de quando era somente uma possibilidade abstrata. Por conseguinte, nos pautaremos segundo as releituras que propomos dos termos sentido e significado, para poder analisar os discursos, vivências e realidades dos participantes envolvidos neste processo investigativo, não excluindo do percurso, as múltiplas possibilidades de ampliação de significação de ambos os termos, acolhendo outras percepções que nos surgirem.

2.1 Edgar Morin – o pai da Epistemologia da Complexidade

Para a construção desta investigação buscamos analisar os sentidos e os significados das aprendizagens que egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião obtiveram, sob um recorte temporal específico que se restringe ao tempo em que fizeram parte do grupo de músicos. Com o intuito de conhecer os percursos das proposições acerca da Epistemologia da Complexidade, faz-se necessário compreender as raízes desta epistemologia que tem sido amplamente trabalhada nas mais diversas áreas do conhecimento, tanto nas áreas humanas, quanto exatas e biológicas.

Edgar Morin, em sua autobiografia intelectual exposta em uma de suas obras intitulada *Meus Demônios*, é marcada pela sincronicidade de sua vida profissional e também pessoal, uma vez que, segundo os conceitos teóricos dele mesmo, suas dimensões profissionais são legitimamente inseparáveis da vida experiencial, de forma que, a vida de um indivíduo permanece em constante movimento, entremeada e repleta de antagonismos e de multifaces, valendo-se de diversos ciclos de travessias de desertos e oásis pessoais. (MORIN, 2000).

Edgar Morin é filho de pais judeus espanhóis que se mudaram para a França por volta da primeira década do século XX. Então, no dia 8 de julho de 1921, nascia em Paris, França, o menino David-Salomon Nahum, que tornar-se-ia o pai da Epistemologia da Complexidade. Influenciado pelas canções francesas e óperas

italianas, seus pais idealizaram um típico cidadão francês humilde. Edgar Morin perdeu sua mãe bem cedo, logo aos 9 anos de idade e sua adolescência foi marcada pelo amor ao cinema e pela leitura.

Em seu percurso de vida autodidata, Morin sempre foi movido por transformações constantes de vida e pensamento. Em seu livro *Meus Demônios*, retrata facetas de sua constante indignação frente às questões humanas, sociais, econômicas e planetárias. A presença da contraditoriedade, da intelectualidade, da inquietação, da crença e do ceticismo e também da sua característica pessoal de não se abster de questões humanísticas, planetárias, sociais, naturais e culturais, o colocou e ainda coloca frente a multidões ávidas por receber experiências de vida oriundas de suas vivências.

Podemos afirmar que diante de tantas obras que, ainda em vida, produz, Edgar Morin estabelece diálogos e discussões exponencialmente interconectados à compreensão do tempo presente, às contradições desta vida planetária, em busca de conectar-se a si mesmo e aos outros à vida terrena, a fim de ampliar os olhares sobre os indivíduos e suas relações com o mundo e com as pessoas.

Segundo Santos e Hammerschmidt (2012), Morin analisa e reflete sobre o verdadeiro significado da ética nas sociedades a partir de experiências pessoais, introduzindo assim, o conceito que, para ele, emerge ante as rupturas sociais e históricas, que é o conceito de auto ética. Sob esta luz, as autoras nos dizem que:

Morin sugere a urgência de constituição de uma identidade humanitária, de uma consciência planetária, da ideia de Terra pátria, que significa a matriz fundamental para a ciência com consciência e o sentimento de pertença que estabelece a ligação entre a humanidade e a Terra (SANTOS; HAMMERSCHIMIDT, 2012, p. 562).

Quando Morin atribui a constituição da identidade humana enquanto parte da consciência da humanidade planetária, ele nos chama à reflexão sobre qual é e qual tem sido nosso papel frente às demandas do homem enquanto elemento fundante, presente e transformador da vida terrena; uma compreensão multidimensional da vida, do homem, da sociedade, das culturas, das crenças e da natureza que precisa se alinhar às múltiplas realidades que promovem o bem-estar do homem com seus pares e com o planeta.

A visão hologramática apresentada por Morin nos aponta a importância do todo que está presente em cada parte e também da significativa relevância das partes para

a composição do todo. Isto posto, assim como cada ponto singular de um holograma citado por ele como exemplo, contém a totalidade da informação do que representa este elemento, cada célula única, cada indivíduo singular contém em si mesmo e de maneira hologrâmica o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele, tornando-se assim, um só elemento influenciado por inúmeras dimensões.

Impulsionado por esta gama de informações oriundas de Morin e de suas reflexões acerca das relações homem-planeta, homem-vida, homem-homem, buscarei dialogar de forma complexa e religada, o objeto da pesquisa que se firma inicialmente na Epistemologia da Complexidade e de forma secundária na Banda Marcial CEPI São Sebastião e que se amplia de acordo com as discussões que transcendem tais objetos. Desta forma, buscarei por meio da fundamentação teórica complexa, nortear as discussões, para que não se restrinja somente a uma avaliação, observação, análise e proposições acerca do objeto posto, mas dialogar, ampliar, religar e transcender temáticas e subtemáticas que abarcam o olhar complexo para além das paredes das instituições, alcançando as individualidades, multidimensionalidades, interpessoalidades; e assim, comunicar com o humano e suas pertinências terrenas e planetárias.

2.2 Epistemologia da Complexidade – constructos teóricos

O termo “complexidade” deriva do latim oriundo do termo “complectere”, tendo como raiz temática a palavra “plectere” que tem o intuito de trazer a concepção de algo enlaçado, trançado, enrolado, junto, enredado. A perspectiva que trago para esta proposta, foca-se pelas lentes de Edgar Morin que revela a palavra complexidade derivada do latim “complexus”, que nos denota “aquilo que é tecido junto” (MORIN, 2007, p. 38), entremeado, entrelaçado, interligado, conectado; aquilo que faz ligação entre um ponto e outro a fim de unir elementos (MORIN, 2007c; PETRAGLIA, 2000; SUANNO, M.V.R., 2015).

Geralmente, quando utilizamos em discursos comuns da língua, sejam eles orais ou escritos, que determinado substantivo tem como pressuposto ser *complexo*, seu significado pode assumir uma dualidade semiótica e ambígua. O adjetivo complexo, segundo o Dicionário On-line Michaelis (2021),⁷ assume diversas

⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/complexo/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

perspectivas de significado, entre eles: “que envolve relações de coerência duvidosa; que não tem clareza”, isto é, algo de difícil compreensão, complicado de ser explicado ou definido, indecifrável.

Batalloso Navas (2010) apresenta exatamente este conceito, atestando que o termo “complexo”, utilizando o sentido amplo dado por Edgar Morin, não significa complicado, mas sim tecido como um todo, articulado numa rede, composto e combinado de partes interativas e inter-relacionadas⁸ (BATALLOSO NAVAS, 2010, p. 84). Sob esta luz, percebemos que a complexidade ou aquilo que traz à característica de *complejo* a determinado elemento, busca religar, retomar, reconectar, unir a partir da diversidade, relacionando conceitos e ideias divergentes e construindo novos conceitos a partir da ampliação dos níveis de consciência (MORIN, 2007b). Para tanto, a complexidade é a concepção epistemológica que emerge do pensamento complexo a fim de nortear as ações por meio dos operadores cognitivos deste pensamento.

Para esta pesquisa, buscamos nos direcionar, avaliar, analisar, pensar, considerar e lançar um olhar sobre nosso objeto de estudo apresentado pelas lentes da complexidade, nas quais fundamentam-se, primordialmente, sob a perspectiva de Edgar Morin. Cientes de que a Epistemologia da Complexidade emerge das intensas discussões acerca do pensamento complexo e dos mais amplos teóricos das inúmeras áreas do saber, escolhemos as lentes de Morin, uma vez que suas discussões abarcam uma visão multirreferencial que contemplam a educação, a vida terrena, as relações humanas, perspectivas multidimensionais do homem, sociedade, escola e ensino/aprendizagem.

Com o intuito de ampliar as discussões acerca da complexidade enquanto método, postularemos as análises sobre nosso objeto de estudo, lócus, participantes da pesquisa e situações que emergirem nos processos de levantamento de dados, sob a perspectiva dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo elencados em Moraes e Valente (2008) e fundamentados em Edgar Morin.

De acordo com os estudos destes autores, os operadores cognitivos “são os instrumentos ou categorias de pensamento que nos ajudam a pensar e a compreender a complexidade e a colocar em prática esse pensamento” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 35) a fim de ampliar os olhares sobre determinados elementos que se

⁸ Citação na língua original: “el término ‘complejo’, utilizando ampliamente la significación que le da Edgar Morin, no quiere decir complicado, sino tejido em conjunto, articulado em red, copuesto y combinado de partes que interactúan y se relacionan entre sí” (BATALLOSO NAVAS, 2010, p. 84).

apontam como eixo de estudos, reflexões e diálogos, religar os saberes que envolvem o homem e a vida terrena, outrora desconexos e disjuntivos, estabelecendo um olhar multirreferencial sobre as incertezas desta vida planetária (MORIN, 2007c), tendo também “a intenção de serem princípios gerativos do pensamento do pesquisador na ação investigativa” (SUANNO, M.V.R., 2015, p. 98).

Em seus estudos, João Henrique Suanno advoga que “[...] a complexidade tem por fundamento a negação da simplificação e pressupõe a intencionalidade de dialogar com as ambiguidades, os equívocos, as diversidades, por meio dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo” (SUANNO, 2013, p. 54).

O excerto acima corrobora com as análises de Moraes e Valente (2008) quando sustentam uma forma de pensar ampliada, sistêmica e relacional, intersubjetiva, interconexa, complexa, religada e não-fragmentada. Para Suanno (2013)

Estes operadores facilitam a compreensão das diversas formas de intervenção a partir de um processo investigativo e faz com que os sujeitos envolvidos neste processo busquem religar os saberes oriundos do pensamento linear e possibilite um pensamento mais abrangente e profundo (SUANNO, 2013, p. 55).

Segundo Suanno (2013), as múltiplas formas de pensar os elementos em uma certa realidade, por meio dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, buscam estabelecer conexões entres os sujeitos, entre os objetos, dados e situações que, outrora, víamos como desconexos e disjuntivos. Desta forma, valer-se destes operadores é também facilitar a compreensão de que todos os processos e fenômenos que nos enredam, e estão à nossa volta, têm a capacidade de se auto-organizar e auto-regular a fim de dar vazão a outros tipos de relações outrora inexistentes.

Diante disso, o ambiente educacional torna-se propício ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade diante das incertezas, do aprimoramento da identidade do indivíduo em determinadas realidades, da sua inserção no ato de aprender e ensinar e da compreensão de si mesmo ante às múltiplas realidades que lhes são apresentadas, isto é, se apresenta nesta realidade uma interação sistêmica que é retroalimentada por seus próprios elementos: educandos que se fundem ao processo educativo enquanto seres aprendizes, mas que também o são ensinadores no processo de aprendizagem dos docentes. Docentes que são retroalimentados por

ações de seus aprendizes e que ao mesmo tempo, são aprendizes de novas formas de ensinar e aprender com as realidades vivenciadas.

Trazemos também para as discussões, as percepções de Michele Machado (2014) que amplia um pouco mais a concepção dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, atestando que

[...] os operadores cognitivos são princípios interligados, complementares e interdependentes, que facultam a compreensão das diferentes dimensões da vida. Têm por propósito articular e religar os saberes e seus significados. Auxiliam na autonomia do conhecer, na medida em que passamos a ligar as noções de ordem, desordem e organização estabelecidas desde a mais tenra infância (MACHADO, 2014, p. 85).

Sob a perspectiva de Machado (2014), o pensamento linear e cartesiano oriundo das múltiplas formas de racionalização da modernidade, por meio da flexibilidade holística e complexa que atua através dos operadores cognitivos mostra-se parcial e reducionista. Desta maneira, pensar e atuar tendo como base fundamental os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, possibilita o resgate da religação dos saberes, do diálogo entre os pares, compreensão do todo por meio da observação e (res)significação de cada uma das partes e redução do pensamento disjuntivo que fragmenta, esfacela e desconexa os conhecimentos.

Suanno (2013) dialoga teoricamente com Moraes (2020) que nos afirma que os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo

[...] são princípios-guia constitutivos de um pensamento complexo que contribuem para uma melhor compreensão dos fenômenos educativos, ao nos fazer pensar de outras formas e possamos unir os saberes oriundos tanto do pensamento tradicional como do pensamento ecossistêmico⁹ (MORAES; VALENTE, 2020, p. 120-121).¹⁰

⁹ Para Moraes e Valente (2020) o pensamento ecossistêmico constitui-se em um movimento analítico-reflexivo que deve ser aliado ao pensamento tradicional binário e ou tradicional a fim de gerar outras formas de enxergar as possibilidades da vida e dos fenômenos. É um pensamento que se auto-organiza e apresenta ramificações entre si com o intuito de ampliar o olhar para a proporção multidimensional e multirreferencial dos sujeitos e das realidades;

¹⁰ Citação em língua original: [...] son principios-guía constitutivos de un pensamiento complejo que colaboran para una mejor comprensión de los fenómenos educativos, al hacer que razonemos de otra manera y podamos unir saberes provenientes tanto del pensamiento tradicional como del pensamiento ecosistémico (MORAES; VALENTE, p. 120-121).

Sob esta luz, Moraes (2020) nos aponta uma possibilidade de pensarmos as questões cotidianas da educação, trazendo os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo como parâmetros de ação-reflexão e reflexão-ação, a fim de provocarmos uma renovação do pensamento disjuntivo, desconexo e fragmentado em um pensar/agir complexo, religado, não-fragmentado e ecossistêmico.

No que diz respeito ao pensamento/paradigma ecossistêmico, citado por Moraes (2020), a própria autora nos aponta que o olhar do mundo, dos elementos e dos indivíduos pelo paradigma ecossistêmico caminha para uma concepção interdependente das subjetividades e suas relações, sob o pressuposto de que a vida se organiza em uma teia, em rede, por conexões, de maneira que todos os fenômenos interagem entre si, modificando e interferindo um no outro e nos seus resultados e relações, para que, de uma forma ou de outra, tudo esteja engendrado, interligado, religado e complexo (MORAES, 2012).

A fim de ampliar os apontamentos sobre os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, baseamo-nos nos conceitos e explanações de Moraes e Valente (2008), Suanno, M.V.R., (2015), Batalloso Navas (2010) e demais autores que enxergam a complexidade pelas lentes de Morin. São estes os operadores: a) Princípio Sistêmico-Organizacional; b) Princípio Hologramático; c) Princípio Retroativo; d) Princípio Recursivo; e) Princípio Dialógico; f) Princípio Auto-Eco-Organizador ou Autoprodução; e g) Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente no processo de construção do conhecimento. Isto posto, concebemos o pensar complexo como uma possibilidade de vislumbrar o ser multidimensional, autorreferencial e ampliar formas multirreferenciais de enxergar os elementos constitutivos de uma certa realidade. Todo o processo de entrelaçamento das vivências, discursos, relatos de experiências e compartilhamento de conhecimento com os egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião foi construído e será devidamente apresentado, analisado e discutido no Capítulo 4 desta investigação.

3 VAMOS FALAR DE MÚSICA?

Inicialmente, acredito que falar de música é abordar sentimentos, emoções, lembranças e experiências que nos envolvem por meio das letras, melodias, harmonias que podem ir ao encontro das mais amplas percepções do homem. Enquanto admirador e instrumentista que sou, não tive oportunidade de aprender teoria musical com profissionais da música, nem mesmo tive acesso a instrumentos musicais devido à falta de condições financeiras de minha família. Sempre mantive o contato com a música desde minha infância, ouvindo canções populares, músicas sertanejas tradicionais do cancioneiro goiano, passando horas a fio ouvindo orquestras e mostras de André Rieu, em audições de ópera admirando Plácido Domingo, José Carreras e Luciano Pavarotti dentre outros ícones das músicas clássicas.

Assim sendo, a música sempre fez parte de momentos marcantes da minha vida. Enquanto pai de família, esposo, professor, religioso entre outras nuances da minha personalidade, tenho canções que demarcaram momentos específicos que, mesmo hoje, quando as ouço, remetem-me a experienciar sensações, recordar vivências que não seriam as mesmas sem a presença da música. Posso dizer que, desde que passei a ouvir músicas e de estilos variados, busquei partilhar com os que estão ao meu redor, momentos com canções que faziam sentido para mim e tinham significados em vários momentos da minha vida. Em minha casa sempre houve músicas: sertanejas de raiz, MPB, Rock Nacional, músicas internacionais, dentre outros estilos.

Aos 15 anos já fazia parte de um grupo musical em uma determinada igreja que frequentava e tínhamos ensaios recorrentes e aulas de canto. Aos 16 anos passei a aprender alguns acordes musicais com uma amiga que me apresentou seu teclado. Desde então, adquiri um teclado e passei a ler materiais sobre o instrumento, visto que, eu não tinha condições financeiras de pagar aulas de teclado particulares. Lia bastante sobre os acordes, cifras, posições das mãos. O que conheço de conceito musical é oriundo de apostilas antigas e materiais que fui adquirindo de amigos. Integrei esta banda musical religiosa por cerca de 15 anos. Estive na liderança de equipes de música por 10 anos e tive oportunidade de participar da gravação de alguns cd's. Atualmente, meu contato com a música se restringe a momentos pessoais com meu teclado, às vezes com amigos tocando um violão, cantando e

quando levo meu instrumento para a sala de aula em projetos e momentos lúdico-musicais.

Conheci a Banda Marcial CEPI São Sebastião em apresentações no município em que resido – São Luís de Montes Belos. Em eventos como a data comemorativa de 7 de setembro, aniversário da cidade, comemorações escolares, sempre havia apresentação da banda e suas músicas empolgantes, animadas e temáticas que faziam sucesso entre os moradores. Mesmo tendo apreço pela música, não tive oportunidade de estudar nesta unidade, por ser distante da minha casa.

Enquanto docente dos anos iniciais, percebo enorme desmerecimento e desvalorização da disciplina de Arte, essencialmente no tocante ao Ensino de música nas escolas. Minha perspectiva vem ao encontro às proposituras de Monique Andries Nogueira quando afirma que

A Arte, entendendo-se a Música como uma de suas linguagens, apesar de ser componente curricular obrigatório da Educação Básica, deveria situar-se no campo das metodologias de ensino, mas encontra-se em situação semelhante às disciplinas do campo periférico. Quando existe, apresenta carga horária significativamente menor que outras metodologias de ensino (NOGUEIRA, 2012, p. 620).

A música enquanto instrumento metodológico de atuação na prática docente muito vale na construção do sujeito crítico, autônomo, capaz de abstrair conceitos para a vida, da análise da letra de uma música, por exemplo. Todavia, as construções curriculares atuais nas diversas instituições de ensino no Brasil, afunilam a utilização da música transformando-a em um elemento que deve estar presente fundamentalmente nas aulas de arte. Na minha perspectiva de docente e musicista, concebo a música como um poderoso elemento interdisciplinar e até mesmo transdisciplinar no currículo e no contexto educativo. Letra, harmonia e melodia compondo um contexto musical que oferece inúmeras possibilidades de escuta, apreciação, aprendizagem, relaxamento, introspecção, espontaneidade, criatividade e descontração.

Da Epistemologia da Complexidade podemos trazer o conceito da Transdisciplinaridade fundamentado em Basarab Nicolescu. Para o autor

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo

presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 2000, p. 11).

Nicolescu (2000) nos aponta um conceito que é gerador de caminhos possíveis a serem construídos que dialogam com a Epistemologia da Complexidade que, enquanto docente e músico, vejo pertinência, possibilidades vastas e propostas totalmente exequíveis para profissionais da educação que não possuem habilidade com algum instrumento, mas que é capaz de ouvir canções, selecionar repertórios, apreciar variados estilos musicais, entreter-se com a música, apresentando assim, habilidades que não são reconhecidas como musicais.

Inserir a música como um elemento didático transdisciplinar nas aulas é buscar tocar em áreas sensíveis ao humano em que as palavras sozinhas não tocariam. É compreender o sujeito como um ser complexo, multidimensional, multifacetado, religado e não disjuntivo. É transcender o ensino das disciplinas curriculares e/ou dos conceitos elementares das diversas ciências. Para tanto, é promover ambientes múltiplos de alegria, sensibilidade, reflexão, relaxamento, análise, conhecimento e autoconhecimento, escuta sensível (PAREJO, 2008), desenvolvimento das habilidades psicomotoras e dependendo da obra musical a ser trabalhada, transcende conceitos e focando no ser humano enquanto sujeito.

A proposta que defendo não é a fragmentação dos conhecimentos como se os processos de aprendizagem fossem rígidos e independentes. Porém, busco aqui construir uma perspectiva sob a visão complexa, isto é, que religa saberes, conhecimentos, vivências, experiências, constrói pontes, medeia processos de aprendizagem, compreendendo que a ação docente enquanto ciência humana pode estabelecer ligações de cunho científico com a arte e com a música. Silmara Lídia Marton dialoga com o que propomos quando afirma

No conjunto das religações propostas pelo pensamento complexo está a aproximação entre arte e ciência. É desse lugar que tomo a música como um acionador de estratégias mais abertas do pensamento científico. A música é uma metáfora que ultrapassa o discurso analítico, metonímico e causal. Construída por formas tonais que acionam a imaginação, a música mobiliza diversos estados de ser, faz aflorar uma infinidade de sentimentos e permite o encontro do sujeito com dinâmicas cognitivas intraduzíveis pelas palavras. A música é um operador de conhecimento que metaforiza a complexidade humana (MARTON, 2005, p. 121-122).

Sob esta ótica, acreditamos que a ligação da arte, à música e às ciências humanas pode ser um elemento complexo no processo de ensino e aprendizagem. É nesta perspectiva dialogamos, uma vez que a atuação complexa infere um conjunto de instrumentos que favorecem o desenvolvimento de uma abordagem de ensino religadora e não fragmentária, inserindo o sujeito cognoscente no processo de construção dos conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento de um ambiente motivador da criatividade e de práticas inventivas e que dialoga com os diferentes níveis de realidade e consciência humanos (MORIN, 2007b; SUANNO, 2009; SUANNO, M.V.R., 2015).

Faz-se necessário compreender que o ensino de música na escola apresenta amplas possibilidades, benefícios, atuações e perspectivas. A música é capaz de atuar em diversas dimensões do conhecimento, do sensorial ao intelectual, do autoconhecimento à relação humana qualitativa; do desenvolvimento estético ao desenvolvimento ético e crítico; no fortalecimento da identidade cultural, da diversidade humana, das significações folclóricas, retratos sociais, disseminação de saberes. Atentamo-nos também aos benefícios no processo de aprimoramento da aprendizagem, aos de escuta sensível (PAREJO, 2008), admiração do belo, interação com o outro e autorreconhecimento. Faz-se necessário conceber que todos os integrantes do processo formativo musical nas escolas, sejam eles licenciados em música, pedagogos e demais atores, “centrem seus esforços na busca de parcerias que viabilizem sua efetivação na escola básica, seja por meio da criação de novas disciplinas nos cursos de formação, seja por iniciativas de formação continuada” (NOGUEIRA, 2012, p. 621), para assim, poder promover de fato um processo educativo musical que traga novas percepções e olhares acerca da música.

Buscarei, neste trecho da pesquisa, abordar as definições teóricas das quais me fundamento – musicalização no ensino ou ensino de música em grupo, banda musical e/ou sala de aula – para argumentar acerca da música, sua relevância e significado na vida do homem e em suas relações, apontando o surgimento dos primeiros agrupamentos musicais em terras brasileiras, para assim, dialogar sobre a Banda Marcial CEPI São Sebastião e suas atividades enquanto projeto didático-pedagógico que se insere no Projeto Político Pedagógico (PPP 2020) do CEPI São Sebastião em São Luís de Montes Belos, Goiás.

Abrindo caminhos para as proposituras que vislumbro, aponto que desde a mais tenra idade, a música já permeia a vida da pessoa humana, influenciando

comportamentos e trazendo sentidos à vida humana. Granier-Deferre *et al.* (2011) em seus estudos confirmam as influências da música ainda em fetos. Maffioletti (2011, 2016) também aponta pesquisas acerca das influências da música em bebês. No entanto, pretendo apontar neste trecho, alguns elementos que considero relevante que vão ao encontro aos processos de aprendizagem escolar, visto que analisaremos os discursos e as experiências de egressos de uma banda marcial em uma unidade de ensino regular.

No ambiente escolar, “a prática de música, seja pelo aprendizado de um instrumento, seja pela apreciação ativa¹¹, potencializa a aprendizagem cognitiva, particularmente no campo do raciocínio lógico, da memória, do espaço e do raciocínio abstrato” (NOGUEIRA, 2004, p. 24). A música traz influências não somente no âmbito do processo de reconhecimento do som, mas em diversos aspectos que Nogueira (2004) nos mostra. Dentre esses aspectos, podemos citar o desenvolvimento cognitivo da criança, benefícios ao desenvolvimento afetivo, social e também voltados à emancipação humana e cultural descritos em seu texto intitulado “A música e o desenvolvimento da criança” (NOGUEIRA, 2004).

Isabel Nercolini Ceron, em seus estudos aponta que:

O ensino de música na escola não tem como meta final tornar as crianças músicos e/ou musicistas, mas despertar nelas um olhar crítico sobre a música que está ao seu redor, trabalhando elementos musicais ludicamente, de maneira prazerosa e enriquecedora. (CERON, 2014, p. 5).

Sob esta perspectiva, acredito que uma das diversas influências positivas para o ensino de música na escola seja a oportunidade de possibilitar uma formação sensível que enxerga a criança como um ser complexo, multidimensional e que pode ser beneficiado por meio de práticas didático-metodológicas voltadas à musicalização e ao processo de ensino de música. A proposta nesta assertiva não se resume em formar músicos e musicistas profissionais, mas que são motivados a ampliar suas perspectivas de maneira crítica, podendo analisar realidades, questões sociais,

¹¹ Segundo Palheiros e Bourscheidt (2011, p. 324) a apreciação ativa oriunda-se do conceito de audição musical ativa que, para os autores “a percepção visual apoia a percepção auditiva, implica as seguintes etapas: (i) participação física e mental do ouvinte, antes da audição, através da interpretação; (ii) foco da atenção durante a audição e reconhecimento dos materiais musicais; (iii) análise da forma musical, através de uma representação visual da totalidade da música.”

culturais, filosóficas e pensarem por si próprios valendo-se da percepção de leitura sensível às letras, harmonias e melodias propostas.

O ensino de música ou o processo de musicalização na promoção da aprendizagem de crianças e adolescentes em período escolar, faz com que sejam desenvolvidos nesses sujeitos construções sociais (individuais e coletivas), benefícios psicomotores, cognitivos e emocionais que são capazes de romper com o caráter linear e fragmentário do ensino de muitas unidades escolares atualmente. Nesta pertinência, aponto Brito (2013), que em seus estudos nos expõe que:

A socialização que a música exerce dentro do contexto coletivo, induz a acreditar que as aulas em grupo venham transformar uma simples sala de aula em um ambiente agradável para o desenvolvimento dos alunos, na medida em que possibilitam um intercâmbio sociocultural, assim, é patente que nas Bandas de Música a interação social torna-se constante no processo de aprendizagem, influenciando diretamente nas relações estabelecidas pelos participantes[...] (BRITO, 2013, p. 13).

O autor cita a capacidade de socialização que a música, inclusive aquelas ensinadas em grupos – o que ocorre por meio das bandas – possibilita a construção de um ambiente de compartilhamento sensível de saberes socioculturais, troca de experiências, interação e promoção de um clima harmonioso de ensino. Nesta perspectiva, foca-se a percepção sensível do outro, de si mesmo com a música, de si com o(s) outro(s) e do(s) outro(s) com o(s) outro(s), ampliando assim, o conhecimento humano e de suas relações.

Gláucio Xavier da Fonseca dialoga com Brito (2013) quando amplia as possibilidades de atuação de uma banda que trabalha no ensino de música com indivíduos agrupados. Fonseca (2015) salienta-nos que:

A banda de música é um grupo instrumental que possibilita a aglomeração das massas, uma representação cultural vivida tanto no passado quanto nos dias hodiernos[...]. Ela possui propósito social e é um legítimo centro aglutinador de cultura musical, através da formação de instrumentistas de todos os grupos socioculturais e de gênero, pois, mobilizando cidadãos jovens e amantes da cultura musical, participa da vida comunitária, apresentando-se em festas de padroeiro, cortejos religiosos, solenidades cívicas, etc. (FONSECA, 2015, p. 85).

O autor supramencionado amplia as influências da banda de música nas relações sociais, complementando Brito (2013) no quesito regionalidade e formação social para a cidadania. No que diz respeito às perspectivas de interação do ser

humano e que dialogam com o processo investigativo que aqui proponho, de uma Banda Marcial, Brito (2013) apresenta-nos cinco apontamentos/benefícios que o ensino de música em grupos traz aos sujeitos que se integram a ele, que dialogarei aqui, ancorado em Fonseca (2015) e em Nogueira (2004). São eles: 1) Socialização no grupo; 2) Inclusão social; 3) Interação social; 4) Impacto social e; 5) Identidade de grupo.

Acerca da Socialização no grupo, Brito (2013) nos aponta que a socialização do indivíduo como membro da banda é claramente vista como uma assimilação de seu conjunto único de hábitos e costumes, isto é, participar da vida social, aprender normas, valores e costumes sociais, proporcionando-lhes uma educação humanizada, não fragmentada e que se adequa aos diferentes ambientes sociais. Fonseca (2015) contribui com o diálogo aqui proposto, quando nos diz que

[...] uma das constituições mais democráticas, a banda de música está inserida no seu meio social, contribuindo diretamente para o engrandecimento cultural da sociedade, promovendo a integração dos jovens na comunidade local, possibilitando, portanto, o desenvolvimento de suas tendências e aptidões musicais. (FONSECA, 2015, p. 85)

Sobre a Inclusão social, Brito (2013) contribui com exemplificações que coadunam com a realidade da banda marcial que analisamos nesta investigação. O autor nos aponta que se considerarmos que alguns alunos ou membros da banda – especialmente alunos ou membros da banda em escolas públicas – não têm oportunidades fora do ambiente escolar, os fatores de inclusão social também são cruciais. A maioria vem de famílias que não conseguem comprar instrumentos musicais ou investir em cursos de música, o que, sem dúvida, dificultará o aprendizado destes estudantes.

Acerca da Interação social, o autor defende que por causa dessa relação entre sujeitos – alunos/alunos, alunos/maestro –, os músicos mantêm uma relação direta com o regente da banda e até mesmo com o professor de música. Assim, a comunicação estabelecida e a influência musical estão latentes nesta relação. Portanto, infere-se que a interação social, a afetividade, a troca de saberes e experiências e a motivação são fatores significativos para o aumento da aprendizagem musical, e geram oportunidades diretas em possíveis aprendizagens relacionadas às atividades inerentes no ambiente escolar (BRITO, 2013).

O autor também aborda acerca do Impacto social, enfatizando que:

Como impacto social, as Bandas de Música promovem o fortalecimento e o crescimento das práticas musicais, valorizando a autoestima dos alunos participantes, e dando visibilidade às suas escolas na sociedade, contribuindo positivamente, para um processo educacional condizente com as necessidades locais (BRITO, 2013, p. 14).

Dialogamos com a discussão trazida por Brito (2013), inclusive em nossa justificativa de âmbito social, uma vez que o trabalho musical nas unidades escolares valoriza a multiculturalidade local e suas especificidades, trazendo assim, notoriedade dos saberes ali construídos por meio dos repertórios trabalhados, e contribui para a ascensão social e cultural de seus integrantes.

Para Nogueira (2004, p. 24)

[...] a música também é importante do ponto de vista da maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação.

Sobre isso, a autora nos mostra que a música também tem um impacto muito significativo na maturidade social das crianças, uma vez que é através do repertório musical que passamos a pertencer a um determinado grupo social. As cantigas, as canções de ninar, os ditos populares cantados, as brincadeiras cantadas, todos esses elementos contribuem para a construção do ser social.

Brito (2013) finaliza seus apontamentos, abordando a quinta perspectiva que é a Identidade de grupo. Sobre isso, o autor relata que:

Assim como o termo grupo não pode ser pensado como algo pronto e acabado, a identidade também é vista desta forma. Identidade é metamorfose, processo constante de mudança. A identidade pode tanto ser definida como algo que distingue uma pessoa de outra, como aquilo que une, confunde e assimila (BRITO, 2013, p. 14).

Analisando os conceitos supramencionados por Brito (2013), a identidade do grupo torna os membros iguais uns aos outros, e o grupo em questão é completamente diferente de outro. A identidade de todos se estabelece no processo

de construção da história pessoal e da construção da história coletiva, a partir do papel que assumimos e das atividades que desempenhamos. A construção da identidade desses músicos, assim como outras etapas de suas vidas e carreiras, se entrelaçam e são tecidas juntas às de seus referenciais.

Dada a relevância desta temática, propomo-nos adentrar aos diálogos sobre a música e o processo de musicalização ou ensino da música e suas influências nos atos educativos. Para esta etapa da pesquisa, abordarei alguns elementos que acredito ser relevante para que seja um pano de fundo à análise realizada, tais como: a historicidade da música numa perspectiva temporal e brasileira, o surgimento de bandas musicais em terras brasileiras, até abordar o recorte realizado que é investigar as reverberações das aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião pelas lentes da complexidade e pautada pelos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, fundamentada em Edgar Morin.

3.1 A música em terras brasileiras – bandas musicais, retrospecto histórico e tessituras pertinentes

Falar de música em terras brasileiras torna-se um desafio significativo, até porque não se pode desconsiderar as produções artísticas e movimentos culturais dos povos originários que, por sua vez, também produziam/produzem suas músicas com instrumentos, em sua maioria, confeccionados com elementos da natureza, entoavam/entoam suas canções em cerimônias, rezas e momentos importantes nas comunidades indígenas. Para tanto, é relevante salientar que esta investigação não desmerece ou desconhece as obras artísticas que remontam à pluricultura dos povos originários de antes da chegada dos colonizadores europeus portugueses. Pelo contrário, percebemos que, até os dias atuais, nossa língua, alimentação, cultura, estruturas organizacionais e toda a multiculturalidade presente no Brasil é oriunda dos referidos povos e africanos.

Nossos apontamentos neste trecho partiram de construções e análises teóricas acerca da música estruturada por meio de instrumentos musicais de sopro e percussão, fundamentando-se primordialmente na organização sistemática de bandas musicais, para então, a partir desta exposição, considerar o surgimento das bandas militares e enfim, as bandas marciais escolares. Para poder dialogar estas proposituras, fundamentei-me em dois autores/pesquisadores principais que

abordam, com profundidade e rigor científico, a temática de formação de bandas musicais e da música enquanto arte, sendo eles José Ramos Tinhorão com sua obra intitulada “História social da música popular brasileira” e Fernando Pereira Binder com sua obra intitulada “Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889”, lançando mão de outros pesquisadores que estudam a mesma temática.

Faz-se necessário compreender o conceito de banda, para a partir de então, situarmo-nos em um contexto histórico. No que tange à etimologia da palavra banda, o termo vem da língua francesa (*bande*), caracterizada como corpo de tropa, do gótico *bandwa-*, correspondendo à sinal, marca, bandeira”.

Utilizamos das seguintes locuções adjetivas para as abordagens realizadas nesta pesquisa: banda musical e/ou banda de música. Para introduzir o conceito de banda musical, Sadie (1994 *apud* SILVA, 2010) na produção do Dicionário Grove de música, nos traz um conceito amplo e um breve contexto histórico do termo banda, expondo:

Banda – Conjunto instrumental. Em sua forma mais livre, “banda” é usada para qualquer conjunto maior do que um grupo de câmara. A palavra pode ter origem no latim medieval *bandum* (“estandarte”), a bandeira sob a qual marchavam os soldados. Essa origem parece se refletir em seu uso para um grupo de músicos militares tocando metais, madeira e percussão, que vão de alguns pífaros e tambores até uma banda militar de grande escala. Na Inglaterra do séc. XVIII, a palavra era usada coloquialmente para designar uma orquestra (SADIE, 1994, *apud* SILVA, 2010, p. 8).

Para o autor, atualmente usa-se como referência a grupos de instrumentos supramencionados, como banda de metais, banda de sopros, banda de trompas, podendo variar de país para país. A referência tida pelo autor vem do militarismo, referindo-se às bandeiras arqueadas durante as marchas e o som característico entoado por eles. Já Botelho (2006) nos aponta sua abordagem sobre a banda de música, definindo-a como

[...] um conjunto de músicos que tocam instrumentos de sopro (madeira e metal) e percussão. Os instrumentos de sopro usados hoje são, basicamente, os seguintes: bombardino, bombardão, clarineta, fagote, flauta transversa, oboé, piccolo, sax-alto, sax-tenor, sax-barítono, trombone, trompa e trompete, além dos outros instrumentos de suas famílias, como requinta, clarone, trombone-baixo etc. Somando-se a esses instrumentos de sopro os de percussão como caixa-clara, bombo, pratos, xilofone, carrilhão etc. (BOTELHO, 2006, p. 4).

Os conceitos trazidos pelos autores são bem similares, obtendo poucas discrepâncias entre eles. Inicialmente, a representação realizada por Botelho (2006) nos traz a perspectiva ampla de banda musical, como sendo as tradicionais bandas com instrumentos de sopro, alguns elementos de percussão e, em nossa proposta, Sadie (1994 *apud* SILVA, 2010) apontou-nos uma amplitude dos aspectos militares que se encaixam nos elementos que compõem a Banda Marcial CEPI São Sebastião que trazemos nesta investigação.

Em seus estudos, Admário Vieira Silva nos traz sua percepção acerca da definição de banda musical, atestando que quando citamos uma “banda de música nos remetemos a um grupo instrumental, bastante antigo, composto por instrumentos de sopro e percussão” (SILVA, 2020, p. 14) além de poder ser composta por cidadãos de idades distintas e classes sociais diversas. Todos os conceitos mencionados acima, coadunam com uma síntese que se resume em um agrupado de músicos que tocam instrumentos diversos de sopro e percussão, de diversas classes sociais, unidos pela música.

Quando falamos em música em terras brasileiras, excetuando, neste momento, as produções dos povos originários de antes da colonização portuguesa, remetemo-nos ao séc. XV e início do séc. XVI com a chegada dos portugueses. José Ramos Tinhorão nos expõe que:

Uma informação documental sobre os primeiros sons produzidos pelos descobridores portugueses já na terra do Brasil consta da própria carta escrita do porto seguro de Vera Cruz pelo escrivão Pero Vaz de Caminha em 1º de Maio de 1500, dando conta do achamento ao rei D. Manuel. Segundo Caminha, no quinto dia após a chegada, ou seja, no domingo, 25 de Abril, o capitão foi com uma equipe até perto da praia de onde os Índios lhe acenavam e, satisfeita a curiosidade - conforme escrevia -, ‘viemo-nos as naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem mais os constranger’ (TINHORÃO, 1998, p. 37).

Antes de tecer argumentos sobre a obra de Tinhorão (1998), enfatizo que não compartilho das terminologias utilizadas pelo autor, quando aponta os colonizadores portugueses como descobridores das terras brasileiras. Faz-se necessário considerar um apossamento das terras brasileiras pelos colonizadores portugueses, uma vez já possuídas pelos povos originários, e a tentativa tenaz de desculturalização, apagamento popular, linguístico e cultural que perfaz um memoricídio voraz às raízes originárias. Para tanto, além de não concordar com estes e outros termos que,

porventura surgirem nos aportes aqui utilizados, salientarei, no decorrer desta investigação, outras terminologias que forem utilizadas e justificarei minha posição que defende a cultura, língua e memórias destes povos.

Sob a perspectiva do apagamento, etnocídio e memoricídio, me ancorei em Matias (2021) quando nos diz que:

A morte da memória tem a ver com atos históricos de eliminação, no passado, presente e a projeção para o futuro como vem ocorrendo no Brasil, no Nordeste, por exemplo, quando Europeus e Bandeirantes massacraram parte dos indígenas, ou quando o sistema provoca silenciamento por outros caminhos, como a substituição da etnia e a pregação de um sobrenome determinado por eles (MATIAS, 2021, p. 127).

No âmbito da Epistemologia da Complexidade esta temática emerge e marca-se como uma abordagem latente em Edgar Morin, que é a consciência planetária ou cidadania planetária. Em seus escritos, Morin (2011) nos alerta que precisamos realizar um processo de formação da consciência junto às pessoas para que percebam que fazemos parte de uma comunidade planetária comum com um futuro compartilhado para a humanidade e posteridade. Para isso, precisamos de políticas de humanidade baseadas no conceito de Terra-Mãe e Cidadãos da Terra (MORIN, 2011) que promoverão uma renovação da consciência, abolindo assim as egocentricidades, ensinando os sujeitos a perceberem o outro como legítimo outro e esta percepção engloba cultura, cor, credo, filosofia de vida, condições sociais, cognitivas, físicas e psíquicas.

Suanno (2015) nos atenta para uma percepção relevante sobre a construção de uma ideia sobre a consciência planetária. Segundo ela, “a compreensão da condição humana e da condição do mundo humano se constroem a partir da compreensão sobre como se deu a história moderna e como a condição do mundo humano transformou-se em era planetária[...]” (SUANNO, 2015, p. 244).

Esta reflexão nos revela que para a realidade que vivenciamos hodiernamente, não nos encontramos (ainda) em construção pujante de uma consciência planetária, dada às desigualdades que são perenes, às múltiplas tentativas de apagamento das minorias, das tentativas de desconstrução histórica dos povos originários e escravizados; e assim, a descaracterização cultural, musical, filosófica e religiosa. Por outro lado, nada nos impede de trabalharmos na contramão dessas tentativas de memoricídio e etnocídio, estabelecendo uma rede de construção de saberes

conscientes, complexos e que se fundamentam na consciência de Terra-mãe e pátria-planetária que Edgar Morin sonha até hoje.

Postas estas reflexões, retomamos as considerações acerca de Tinhorão (1998). O autor nos aponta que o primeiro vestígio de música com instrumentos metalizados é oriundo dos portugueses das caravelas de 1.500 que, ao avistar solo brasileiro, utilizaram trombetas e gaitas. Segundo o autor que relata a carta de Pero Vaz de Caminha, o intuito não era constranger os povos que aqui habitavam, mas anunciar sua chegada.

Sobre o processo histórico da construção de um grupo musical / banda musical, Silva (2010) nos aponta que:

No Brasil, a história das bandas de música teve início com a chegada dos portugueses. Diversos trabalhos nos remetem à origem das nossas bandas de música com o início da colonização portuguesa. As atividades musicais utilizadas nas festas religiosas dos portugueses contavam inclusive com a participação dos índios, a quem os jesuítas buscavam catequizar, utilizando-se da música (SILVA, 2010, p. 18).

Após a chegada dos portugueses e início da estruturação colonizatória, a organização religiosa liderada pelos jesuítas que desembarcaram em terras brasileiras em meados de 1549, além da catequização dos índios e também dos escravos vindos do continente africano, introduziu a música nas cerimônias e missas. Em seus estudos acerca do Ensino da música nas escolas brasileiras, da Colônia à Ditadura Civil-militar, Wladimir de Oliveira Marques e Monique Andries Nogueira dialogam com Silva (2010) quando nos apontam que,

[...] lançando mão da música como uma forma eficaz de convencimento dos indígenas, o fazer musical dos jesuítas influenciou consideravelmente a formação da cultura brasileira, delineando identidades culturais regionais. As instituições escolares criadas e mantidas pelos jesuítas no Brasil até o século XVIII incorporaram o fazer musical no currículo com finalidade religiosa, tendo o rigor metodológico de cunho militar e a imposição da cultura lusitana como pilares na construção de suas práticas pedagógicas, desconsiderando a cultura e os valores nativos, dando lugar aos da pátria portuguesa (MARQUES; NOGUEIRA, 2021, p.110-111).

Marques e Nogueira (2021) nos relatam que as estruturas didático-pedagógicas do ensino de música utilizadas pelos jesuítas eram estritamente eurocêntricas, de cunho autoritário e de imposição cultural europeia, pontualmente excludentes, proporcionando, conseqüentemente, o apagamento cultura, valores, obras musicais e

o memoricídio dos povos originários. Silva (2010) aponta que esta estrutura de utilização de músicas em cerimônias é o que mais se aproxima da origem de um agrupamento de músicos que, futuramente, se estruturaria para tornar-se uma banda musical. Brito (2013), em seus estudos, também aponta questões que Silva (2010) e Tinhorão (1998) relatam. O autor nos diz que:

As Bandas de Música no Brasil participam do cenário musical brasileiro desde o início do Brasil-Colônia e a prática musical dos conjuntos de instrumentos de sopro e percussão, que se tornarão as Bandas de Música brasileiras, aparecem desde o início da colonização em diversas fontes, e indicam também que essa tradição foi importada de Portugal. Neste sentido, encontra-se desde o século XVI particularmente em relatos de viagens, e mais tarde na literatura, traços da presença de grupos instrumentais mantendo atividades de música (BRITO, 2013, p. 8).

Segundo Brito (2013), pesquisas históricas apontam que a primeira banda de música civil foi formada por índios e portugueses em Santos em 1554. Outras notas de viagem, como as do francês Pyrard de Laval, em 1690, aludem a uma fanfarra com 30 músicos, todos escravos negros, cujo maestro era um homem francês da Provença (BRITO, 2013). Além da atuação como catequizantes, os jesuítas portugueses também eram dotados de habilidades musicais e faziam uso de alguns instrumentos no processo de ensino, não somente da Bíblia e do catolicismo, mas também de conceitos basilares de música.

Acima da utilização da música enquanto elemento sagrado e religioso, os portugueses, em seus momentos de descontração e divertimento, utilizavam outros instrumentos, como nos relata Tinhorão (1998),

[...] o instrumento usado pelos marujos portugueses em seu divertimento com os naturais da terra foi a gaita, que era então o mais popular instrumento da gente do campo em Portugal. [...] o outro instrumento musical citado logo adiante na carta de Caminha seria exatamente o segundo mais encontrado, ao lado da gaita galega, entre o povo português: o tamboril. 'Nesse dia enquanto ali andavam (os índios), dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nos seus' (TINHORÃO, 1998, p. 38).

A gaita galega é um dos instrumentos que mais se assemelha à gaita tradicional escocesa. Além da utilização da gaita galega como um instrumento harmônico e melódico, os portugueses utilizavam também o tamboril para a introdução rítmica e percussão das músicas. Como supramencionado, Tinhorão (1998) nos aponta que já

havia uma intenção de tornar a música um elemento presente no cotidiano e não somente como elemento sagrado das cerimônias.

Abaixo, apresento a imagem de um modelo de gaita galega e tamboril (modelos similares à época).

Figura 2 – Gaita galega



Fonte: Manzano (2015, p. 1).

Figura 3 – Tamboril português



Fonte: <https://folclore.pt/caixa-e-tamboril/>

Com o passar dos anos e do ensino jesuíta ministrado aos povos indígenas e aos africanos escravizados, “a música era organizada por eclesiásticos, e tinha o caráter de catequização dos nativos (índios). Estes utilizavam a voz e alguns instrumentos, como flauta, gaita, tambores, viola e cravo” (FONSECA, 2015, p. 85) interpretando canções de estilo ibérico e medieval. Repassando o ensino musical aos índios e também aos africanos submetidos à escravidão, pequenos grupos eram organizados com aqueles que tinham maior talento musical e que conseguiam tocar as canções de ouvido, isto é, ouviam as músicas e mesmo sem total conhecimento musical, reproduziam-nas com precisão (TINHORÃO, 1998).

Já no séc. XVII para o séc. XVIII, surgiram então os chameleiros ou chormeleiros, que são considerados os antecessores das bandas musicais de hoje. Segundo Silva (2012, p. 23)

Nos primórdios do período colonial no Brasil, as bandas não possuíam o mesmo formato de hoje. As antecessoras às bandas de música eram denominadas de "Charamelas" em decorrência da clarineta de mesmo nome, formada por escravos instrumentistas de sopro e percussão. No Rio de

Janeiro e na Bahia surgem em meados do século XVIII as 'bandas de barbeiros' em substituição aos grupos musicais de chameleiros (SILVA, 2012, p. 23).

Em sua obra intitulada: História da Música no Brasil, Vasco Mariz nos aponta que os conjuntos de "chameleiros" de Pernambuco estão registrados nas crônicas brasileiras do Brasil do século XVIII, com muitos elogios à habilidade interpretativa músicos escravizados, "que aliás eram, por vezes, luxuosamente vestidos por seus amos como prova de sua abastança" (MARIZ, 2005, p. 35), chegando ao ponto de utilizarem maquiagem em seus rostos para aparentar-lhes a branquidão europeia com o intuito de reduzir e silenciar a cor preta da pele desses músicos. Dentre o aparato das vestimentas incluía-se perucas, trajes de gala europeus, calçados e cintas; tudo para que os músicos escravizados não aparentassem suas raízes, cultura e postura.

Partindo para o final do séc. XVII e início do séc. XVIII, Tinhorão (1998) aponta que começaram a surgir pequenos agrupamentos de músicos mais organizados, dotados de habilidades musicais, inclusive de tocar músicas de ouvido. Esses agrupamentos eram formados por barbeiros, em sua maioria, grupo composto por africanos libertos ou ainda a serviço dos seus senhores (BOTELHO, 2006) que, pela "brevidade mesma do serviço (fazer barba ou aparar cabelos era questão de minutos) sempre acumulava outras atividades compatíveis com sua necessária habilidade manual" (TINHORÃO, 1998, p. 157) que se resumia em arrancar os dentes e aplicar sanguessugas para as conhecidas ações de sangria.¹²

Tinhorão (1998) afirma que "essa especialização musical dos barbeiros do Rio e da Bahia que eram, afinal, os dois únicos centros urbanos do Brasil colonial em que a divisão do trabalho propiciava o surgimento da nova atividade" (TINHORÃO, 1998, p. 159), passa a ser documentada por volta do séc. XVIII. Então a partir do séc. XIX, os relatos acerca desses grupos, já nomeados como banda, passam a ser mais frequentes.

As festas da época eram abrilhantadas por grupos de músicos barbeiros que, por ter habilidades musicais mais aprimoradas e conseguirem tocar variedades de músicas, satisfaziam a população campesina, quando a elite se valia da participação

¹² Sangria era o momento no qual eram aplicadas as sanguessugas nos doentes, na parte onde deveria ser tirado o sangue. Agarravam-se à pele, geralmente do braço, pernas, nádegas ou costas. Chupavam o sangue e se intumesciam. Quando fartas do repasto hemofágico, soltavam-se. Se fosse necessário, punham-se outras no mesmo local, para tirar mais sangue (FIGUEIREDO, 1999).

das bandas já consideradas militares, responsáveis pela execução do Hino Nacional do alto dos coretos. Tinhorão (1998) nos atesta que estas bandas militares não eram um agrupamento tão organizado e com números significativos de musicistas, dada a precariedade da época.

Formadas a partir do século XIX em substituição da confusa formação de músicos tocadores de charamelas, caixas e trombetas vindos dos primeiros séculos da colonização, as bandas militares tiveram organização e vida precárias até à chegada do príncipe D. João com a corte portuguesa em 1808 (TINHORÃO, 1998, p. 177).

Em seus estudos, Binder (2006) mostra que o grande incentivo dado à formação das bandas militares no Brasil iniciou com a mudança da Corte portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro. Porém, a banda da Brigada Real de D. João VI, em 1808, ainda era precária e considerada por muitos, arcaica.

Botelho (2006) complementa Tinhorão (1998) quando afirma que as sociedades musicais, ou tais grupos mais organizados musicalmente, surgiram no fim do século XIX e início do século XX, a partir de bandas particulares dos fazendeiros e as charamelas deixam de existir, a vida urbana começa a ser mais valorizada e as bandas militares passam a ter maior corpo de músicos. Essa encorpada de musicistas das bandas militares se deu logo após a transmigração de D. João VI ao Rio de Janeiro, visto que há relatos do cronista Luís Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca,¹³ informando que não encontrou bandas para citar, declarando apenas ter

13 Padre Perereca: Luiz Gonçalves dos Santos, filho de José Gonçalves dos Santos, natural do Porto, e de Rosa Maria de Jesus, brasileira, do Rio de Janeiro, nasceu na cidade de São Sebastião a 25 de abril de 1767. Batizou-se a 6 de maio deste ano na igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, então catedral do bispado – como se verifica do livro 11.^o de batismos de pessoas livres, existentes no arquivo da Câmara **Eclesiástica**. Em 1782 matriculou-se no curso de filosofia, que professava no convento de Santo Antônio o erudito padre-mestre frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, cujas aulas frequentou durante três anos, consagrando mais um ao estudo de teologia dogmática. Em 1789 frequentou o curso de filosofia racional e moral do professor Agostinho Correa da Silva Goulão, a quem, substituiu, mais tarde, na cadeira régia. Recebeu em 1794 ordens sacras e decorridos dois anos ascendeu ao presbiterado – cantando a primeira missa no dia do Espírito Santo. Luiz **Gonçalves** dos Santos era de baixa estatura; rosto comprido, lábios grandes, nariz grosso, testa larga e cabelos finos, branqueados pela neve dos anos. De compleição franzina, muito magro, tendo olhos grandes e brilhantes, aliava a estes traços corporais uma voz fina e estridente, de forma a torná-lo à primeira vista antipático no convívio social. Por tudo isso, que exteriorizava fealdade não comum, deram-lhe a alcunha de – Perereca – pela qual foi geralmente conhecido. E com esse qualificativo depreciável, todos o recordam em nossa época. Faleceu a 1 de dezembro de 1844, às 2 horas da tarde, com 77 anos de idade, sendo sepultado no dia seguinte em catacumba da igreja de São Pedro. Relato disponível em: <https://reficio.cloud/biografias/noronha-santos-luiz-goncalves-dos-santos-padre-perereca/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

ouvido alegres repiques de sinos, e os sons dos tambores e dos instrumentos musicais misturados com o estrondo das salvas, estrépitos de foguetes e aplausos do povo.

Ante o fracasso da não recepção da Corte Real com uma banda militar digna de um príncipe, 10 anos mais tarde, após a coroação de D. João ao reinado no Brasil, o mesmo Padre Perereca já relatara uma numerosa banda com regimentos da guarnição em desfile festivo. Entretanto, este novo agrupamento de militares não desertou totalmente os músicos barbeiros da época, músicos tais, que apresentavam elevada capacidade musical no que diz respeito a possuírem habilidades necessárias para participar do novo agrupamento militar, outrora precário e arcaico. Sobre a formação das bandas militares oficialmente registradas em documentação real, Tinhorão (1998) relata em seu livro que

A formação de bandas militares durante o período colonial deve ter esbarrado na dificuldade em incorporar instrumentistas de sopro num tempo em que seriam raros, dificuldade que logo explicaria, aliás, a posição especial que gozariam os músicos fardados quando se iniciou a sua profissionalização. Atraídos aos quadros militares por sua rara qualificação, músicos civis vestiam a farda e passavam a fazer parte dos corpos de tropa muitas vezes conservando seus próprios instrumentos, o que os levava a comportarem-se não como militares, mas como funcionários contratados, com equiparação a oficiais, para efeito de soldo (TINHORÃO, 1998, p. 178).

A esta altura do contexto histórico-musical no Brasil, os regimentos militares eram então formados não somente por militares, mas também por músicos civis que utilizavam a farda real, e a partir do seu ingresso não eram mais considerados meros músicos barbeiros, mas componentes do regimento real (banda militar) da corte, passando também a ser, inclusive, como membros contratados, poder e autoridade de oficiais militares. Dá-se, então, a profissionalização dos músicos e a disseminação do modelo de banda militar às demais regiões do Brasil já colonizadas.

3.2 Banda marcial: concepções e apontamentos

Neste trecho da pesquisa, apontaremos a diferenciação teórica dos tipos de banda, focando prioritariamente nas bandas marciais, que é o foco primário deste estudo. No que compete às bandas marciais, Nascimento (2007) traz uma comparação entre os tipos de bandas em seu estudo. O autor elenca três especificidades, sendo elas:

1. Banda Sinfônica ou de Concerto: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, possuindo os instrumentos típicos da orquestra sinfônica, como: oboé, fagote, tímpano, golckspel (sic), celesta, tubofone etc., podendo ser acrescido, ainda, dos contrabaixos acústicos e violoncelos. Podem executar quaisquer tipos de repertório, substituindo, nas obras eruditas, violinos e violas por clarinetas e saxofones. Seu emprego se dá sem deslocamento, devido à utilização de instrumentos oriundos da orquestra que não oferecem mobilidade para tal, como é o caso dos grandes instrumentos de percussão e das cordas.
2. Banda de Música: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, podendo ter alguns instrumentos de sopro de pequeno porte utilizados nas orquestras, como é o caso do oboé e do fagote. Podem executar um repertório bastante variado, com exceção de grandes peças escritas para orquestras sinfônicas. Seu emprego ocorrer (sic) em deslocamento ou parado, porém não enfatiza as evoluções.
3. Banda Marcial: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro da família dos metais e percussão. Por não ter a família das palhetas, a execução de grandes peças fica restrita. Seu emprego é próprio para o deslocamento e evoluções (NASCIMENTO, 2007, p. 39).

Ante às definições de Nascimento (2007) acerca das 3 definições supramencionadas, Binder (2006) afirma que a banda marcial era o agrupamento de militares que executava principalmente música funcional para atividades realizadas em campo, isto é, “conduzir sinais e ordens, auxiliar a manutenção da cadência da marcha e os movimentos da tropa” (BINDER, 2006, p. 15). Dialogando com o mesmo princípio de definição, Brito (2013) também nos traz sua definição acerca da banda marcial, e atesta:

Banda Marcial - Instrumentos melódicos característicos: família dos trompetes, família dos trombones, família das tubas e saxhorn. Instrumentos de percussão: bombos, tambores, prato a dois, prato suspenso, caixa clara. Instrumentos facultativos: marimba, trompa, tímpano, glockenspiel, campanas tubulares e outros de percutir (BRITO, 2013, p. 12).

Percebe-se que ambos autores citam os mesmos instrumentos, havendo concordância na definição de banda marcial. As origens da banda marcial correspondiam ao que hoje nomeamos de banda militar; porém, atualmente a banda militar não possui a função de comando de guerra e não mais insere seus componentes por meio de demonstração de aptidão musical, mas faz-se necessário fazer parte da corporação militar para, então, compor o corpo musical militar (SILVA, 2012).

Como exemplo de banda marcial que utiliza tal nomenclatura, temos a Banda Marcial do corpo de Fuzileiros Navais que é considerada uma das maiores e mais bem

equipadas bandas marciais de todo o mundo, alocada em Fortaleza de São José, na Ilha das Cobras, no interior da baía da Guanabara no estado do Rio de Janeiro. Como marca salutar desta unidade musical, evidenciam-se as gaitas de fole escocesas apresentadas à Marinha Brasileira em 1951.

Ainda segundo Silva (2012)

O surgimento das bandas marciais tem uma estreita relação com a indústria musical, pois o incentivo dado pelos fabricantes de cornetas e instrumentos de percussão às bandas - com o objetivo de participarem de festivais e concursos - fazia com que a corporação consumisse cada vez mais seus produtos. A indústria do fardamento também se insere na lista dos produtos que são consumidos pelas bandas (SILVA, 2012, p. 46).

Silva (2012) retrata o perfil mercadológico da época e também da indústria do consumismo que já estava encorpada e que precisava produzir e, para tanto, fomentava as competições entre bandas. Como esse perfil de banda musical já estava tomando forma, com músicos, instrumentos e fardamento paralelo aos militares, foi necessário instaurar, de certa forma, uma nova nomenclatura para esse grupo. Binder (2006) explana acerca da inserção da locução adjetiva banda marcial como definição de um agrupamento de músicos militares, afirmando que

[...] em 1846, durante a recepção do imperador dom Pedro II, [...] a Câmara Municipal incumbiu Manoel José Gomes de preparar toda a música necessária para as solenidades da visita do imperador. Uma das atrações musicais planejadas foi uma banda de música, criada especialmente para a ocasião, e que recebeu o sugestivo nome de Banda Marcial (BINDER, 2006, p. 77-78).

O autor afirma que a primeira nomeação de um agrupado de musicistas em uma banda militar que recebeu o título de banda marcial foi exatamente este grupo que recepcionou o então imperador Dom Pedro II em Campinas, atual estado de São Paulo.

Partindo para o final do séc. XIX e início do séc. XX, expõe que já na década de 1950, no Brasil, as bandas marciais passaram por diversas modificações, tanto estruturais quanto de conceito musical, recebendo um novo contexto voltado para o princípio educacional e de ensino de música nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto privadas (SILVA, 2012). Para fomentar a formação destes grupos que, até então, tinham (e ainda têm) seus modelos como bandas militares, as rádios da época,

como a Rádio Record, desenvolviam competições acirradas entre elas e que “[...] cuja prática se mantém viva atualmente, mas com outros formatos. O campeonato também é o ‘retrato’ da influência dos militares na formação de conjuntos instrumentais escolares, constituídos de cornetas e percussão” (SILVA, 2012, p. 38).

Todas as performances musicais, rítmicas e de postura eram oriundas das matrizes militares e suas determinações estéticas, isto é, formação em fila, ritmos pontualmente marcados para que todos os músicos pudessem seguir em passo de marcha contínua; movimentos engessados e firmes, que simbolizava a força, rigidez e bravura do militarismo; os trajes com elementos de uniforme militar composto por chapéus, túnicas galares militares, coturnos e elementos estilísticos que demonstravam a todos os populares que assistiam a fundamentação militar desses agrupamentos musicais.

Por fim, sob este pano de fundo, podemos chegar ao mesmo contexto de formação de bandas marciais pautadas nos princípios estilísticos do militarismo e das bandas militares de séculos atrás. Até o presente momento, ainda surgem competições entre bandas marciais das unidades escolares a fim de promover apresentações musicais e de evoluções, não mais com hinos simbolicamente patriotas, mas com diversidade cultural e de estilos variados, mas em sua maioria com marchas, fardamento uniformizado com estilo militar e evoluções com bandeiras e movimentos cunhados pelos grupos militares.

4 A BANDA MARCIAL CEPI SÃO SEBASTIÃO SOB A ÓTICA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE – RELATOS, DISCURSOS E VIVÊNCIAS

Este capítulo visa apresentar os dados do processo empírico realizado no decorrer desta investigação, discutir tais dados à luz da Epistemologia da Complexidade, ancorando as reflexões e apontamentos às categorias de análise que são os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo. Temos como intuito principal relacionar estes operadores aos sentidos e significados das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, expressos pelos discursos, memórias e experiências de vida (individuais e coletivas), construções de conhecimentos e percepções de aprendizagens dos egressos durante o período em que eram musicistas da banda.

Para este capítulo selecionei um dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo – Princípio Hologramático – que me serviu de categoria ampla, isto é, uma forma de analisar os dados que me possibilitou (re)ligar, (re)conectar, relacionar e dialogar de maneira complexa os elementos da pesquisa, promovendo o entrelaçamento entre os elementos fundantes deste processo investigativo e, conseqüentemente, ampliou meu olhar acerca do objeto de estudo analisado.

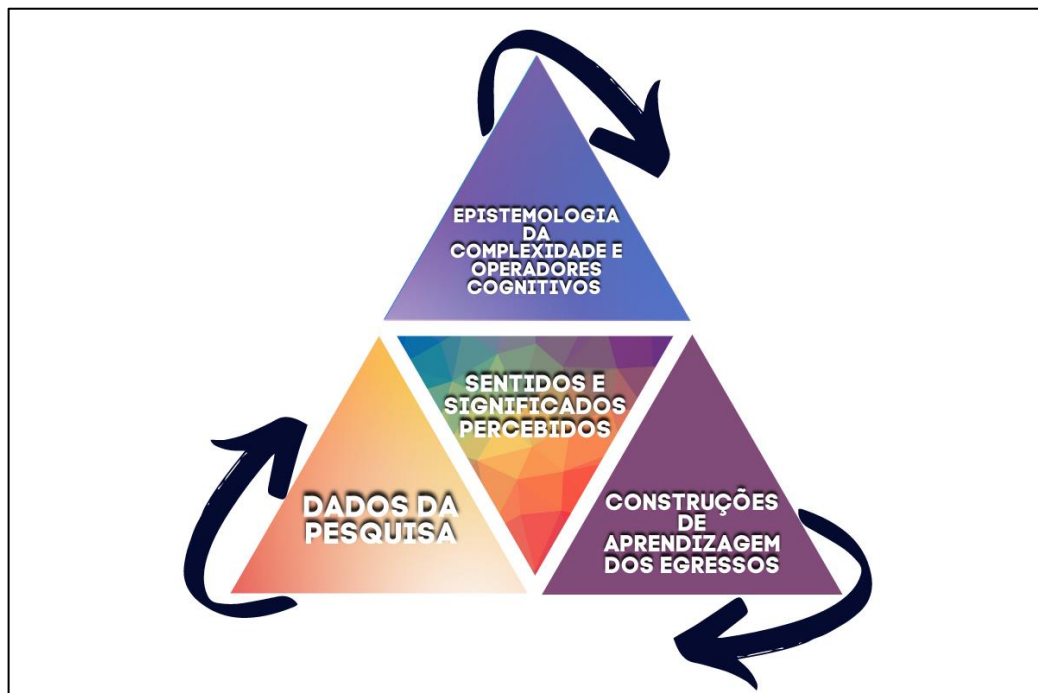
Como este capítulo é intitulado “Apresentação, Discussão e Análise de dados”, exponho inicialmente um breve olhar acerca da unidade educacional sede da Banda Marcial CEPI São Sebastião, apresento seu contexto histórico, características estruturais, organizacionais, didático-pedagógicas, marcos legais e profissionais que nela atuam.

Partindo para a apresentação da banda, me ancorei em um único projeto estruturado documentalmente e anexado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2020 da unidade, uma vez que, através dos dados documentais levantados desde a fundação da banda em 1996, suas atividades eram somente citadas nos Projetos Político Pedagógicos (PPP's) e não há registros de um projeto específico com elementos estruturais (Introdução, Desenvolvimento, Objetivos, Metodologia...) como o que apresento nos anexos desta dissertação. Todas as informações prescritas na apresentação e descrição da banda, foram levantadas por meio de visitas à unidade, conversas com a atual gestora, análise dos PPP's (2005, 2007, 2009, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2018 e 2020) do arquivo inativo e diálogos com o atual maestro via aplicativo de mensagem.

Na seção intitulada “Conceituando e Entrelaçando: Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, Vivências e Experiências” realizei o processo de triangulação de dados entre a Epistemologia da Complexidade e os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, os dados construídos/levantados da pesquisa de campo, tais como discursos, vivências, experiências, relatos de memória e compartilhamentos individuais e coletivos construídos nos momentos de levantamento dos dados via videochamadas gravadas, áudios transcritos, formulários virtuais e mensagens via aplicativo –, interligando-os às construções das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião.

Para que esse processo de religação de conhecimentos tenha alicerce científico, a triangulação de dados me permitiu enxergar elementos, situações, percepções, reações que, além de dialogar com a epistemologia apresentada, expandiu meu olhar de pesquisador às construções de conhecimento desses sujeitos, cuja pesquisa visa revelar. A fim de colocar à luz o processo de triangulação de dados, apresento um infográfico conceitual que expõe o processo.

Figura 4 – Infográfico conceitual sobre o modelo de triangulação de dados adotado



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Acreditamos que este processo triangular de análise corroborou com a Epistemologia da Complexidade justamente por enxergarmos todos esses elementos como constituintes e constituídos no processo de compreensão dos sujeitos

participantes e de suas relações (individuais e coletivas). Assim sendo, vislumbramos uma ligação direta do todo – resultado final desta investigação – com as partes – pesquisador, objetivo de estudo, sujeitos participantes e construções de conhecimento vivenciadas pelos egressos –, de forma que, ao findar o processo investigativo, a soma desses elementos sobrepujou o todo, transcendendo ainda mais o que esperávamos enquanto processo investigativo.

4.1 Olhar sobre o campo – Centro de Educação em Período Integral (CEPI) São Sebastião

Na escolha do campo a ser pesquisado, inúmeros fatores contribuíram para tal alternativa. A fim de elencar algumas especificidades desta unidade, aponto o Centro de Educação em Período Integral (CEPI) São Sebastião como sendo o ambiente no qual acolheu e ainda acolhe a Banda Marcial CEPI São Sebastião. Apesar dos sujeitos desta investigação não fazerem mais parte do corpo discente desta instituição, temos egressos da banda marcial que ainda estão conectados à esta unidade de forma direta ou indireta. Ressaltamos que o atual maestro, o Prof. Marciel Ferreira da Silva, além de ter feito parte da banda como aluno, responde por ela atualmente como principal responsável, sendo também regente em uma instituição religiosa no município.

Esta unidade é o lócus principal na qual toda a documentação necessária para a execução desta investigação foi levantada, documentos estes que retratam a história da banda marcial, a participação de seus egressos, fotos, vídeos, diários de classe, atas e demais documentos que se fizerem necessários. Para tanto, faz-se necessário apresentar esta unidade, sua história, contexto social e estrutural.

Esta instituição compõe o corpo educacional do município de São Luís de Montes Belos, interior do estado de Goiás e é subsidiada pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC). O CEPI São Sebastião oferece curso regular de Ensino Fundamental (anos finais) na modalidade em tempo integral, atendendo pré-adolescentes, adolescentes e jovens. A jornada escolar compreende 9 horas e 30 minutos diárias de trabalho pedagógico, das 07:30 às 17:00. Segundo o Projeto Político Pedagógico de 2020 (PPP) da instituição, esta dinâmica é fundamental para embasar o fazer pedagógico da unidade escolar, orientando os educadores para a reelaboração dos seus Planos de Curso e adequando-os à realidade dos alunos. Assim, pela análise do referido PPP da instituição, percebe-se que os caminhos

traçados por ela e seus componentes refletem os desejos e direções para avançar ainda mais na qualidade do atendimento aos pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos, buscando a garantia de que concluam o Ensino Fundamental (anos finais) com as competências e habilidades necessárias para o mundo contemporâneo, previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares para Goiás – ampliado (DC/GO-ampliado) que são os principais documentos legais que balizem o ensino das instituições públicas e privadas no Brasil.

Nesta perspectiva, a Banda Marcial ocupa espaço significativo nos projetos elaborados pela unidade escolar, no planejamento, na organização, na participação de projetos, eventos e construções didático-pedagógicas propostas pela unidade, perfazendo-se presente em toda documentação analisada nesta investigação. Nota-se preocupação relevante por parte do grupo gestor, professores e sujeitos envolvidos, uma vez que, toda a estrutura para o bom funcionamento da banda tem lugar significativo em todas as demandas da escola no âmbito de planejamento, financiamento, organização e estruturação.

4.1.1 Breve contexto histórico do CEPI São Sebastião

O Centro de Ensino em Período Integral São Sebastião, situa-se a rua 2, s/nº, Setor Vila Canaã, no município de São Luís de Montes Belos, estado de Goiás. Sobre a legalização e funcionamento, a história dessa Unidade Escolar inicia-se em 1978 com o oferecimento do Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) até o ano de 1998. Com a municipalização dos anos iniciais a partir de 2000, o colégio vem ministrando somente a modalidade dos anos finais do Ensino Fundamental. Em 2005, a escola implantou a Educação de Jovens e Adultos (EJA) atendendo, assim, uma crescente demanda setorial para o turno noturno. Em 2007, a partir do segundo semestre, a escola conseguiu a implantação da modalidade EJA/3ª fase, dando continuidade à modalidade ao ensino médio, passando a denominar-se Colégio.

O desafio abraçado no ano de 2012 compreendeu a implantação do projeto Estadual de tempo integral a partir de 2013, atendendo em turno ampliado os alunos do Ensino Fundamental. Para tanto, adaptações foram realizadas e ainda estão sendo feitas, tanto no currículo, quanto na equipe profissional. Em 2018, foi extinto a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) do CEPI São Sebastião e todos os alunos foram transferidos para outras unidades do município. No ano de 2020, a

unidade recebeu parecer positivo do Governo do estado para iniciar uma reforma estrutural que trouxe inúmeros benefícios aos professores e alunos atendidos, tais como reforma estrutural dos ambientes das salas de aula, ampliação da área de convivência, troca de utensílios da cozinha para a melhoria do processo de serviço da merenda escolar, envio de verbas para a aquisição de mais instrumentos musicais para a Banda Marcial e pintura das áreas externa e interna da unidade.

Ainda em 2020, com a descoberta e grande disseminação do novo Coronavírus, a unidade iniciou seus estudos regularmente de forma presencial até meados de março de 2020. No entanto, por conta do alto contágio e proliferação da doença, o Governo do estado publicou decreto que estabeleceu os procedimentos preventivos de emergência que foram adotados pelo Poder Executivo do Estado de Goiás e seus servidores, em razão de pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), proibindo as aulas presenciais em todas as suas unidades. A partir de então, as aulas passaram a adotar o Regime especial de aulas não-presenciais (REANP) utilizando plataformas digitais como Google Classroom, Whatsapp e Google Meet para manter contato com os alunos. E somente em 2021, o retorno presencial passou a ser liberado a partir do 2º semestre, por meio das portarias estaduais dos órgãos de saúde pública.

4.1.2 Estrutura física da unidade

No que diz respeito à estrutura física, o prédio do CEPI São Sebastião está sob a gestão da diretora Prof. Eliene Brito de Cirqueira Alves. A unidade faz parte do grupo de instituições estaduais ligados à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) também no mesmo município, sob resguarda do Governo do Estado de Goiás. O prédio da unidade foi recentemente reformado, pintado e algumas adaptações estruturais foram realizadas, como a inserção de rampas de acesso e troca de mobiliário entre outras modificações. Abaixo, descreve-se a estrutura física com quantidades atualizadas:

Tabela 1 – Discriminação da estrutura física do CEPI São Sebastião

ORD	Ambientes físicos da unidade	QUANT.
1	Sala de diretoria e secretaria	01
2	Sala de coordenação pedagógica	01
3	Salas de aula	08
4	Biblioteca	01
5	Sala de professores	01

6	Sanitários femininos (destinados às alunas)	03
7	Sanitários masculinos (destinados aos alunos)	02
8	Sanitários para professores	02
9	Sanitário com acessibilidade à Pessoa com deficiência (PCD)	01
10	Cantina	01
11	Depósito para o material de limpeza (almoxarifado)	01
12	Depósito para merenda escolar	01
13	Depósito para recursos materiais dos projetos da escola	01

Fonte: Projeto Político Pedagógico – CEPI São Sebastião (2020).

Segundo o PPP de 2020 da unidade e constatado nas visitas, toda a escola possui acessibilidade para as pessoas com deficiência (PCD), rampas de acesso para às salas de aula, sanitários e aos demais ambientes de convívio coletivo. O pátio do Colégio é murado e algumas partes há calçadas, facilitando a manutenção da higiene e limpeza. Possui um portão em frente e outro no fundo e um jardim em duas partes na entrada principal. Desta forma, o CEPI conta com uma área total livre de 1.546 m² e de área construída apresenta 887 m².

O sistema de saneamento é feito através das redes de esgoto e distribuição de água potável. O CEPI dispõe de água tratada fornecida pela empresa estatal Saneamento de Goiás S.A. (SANEAGO), possuindo uma caixa d'água com capacidade de 2000 litros. O fornecimento de energia elétrica é realizado pela Enel e o serviço de limpeza e a coleta de lixo são feitos pela Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos.

4.1.3 Marcos legais

Ante a análise do Projeto Político Pedagógico da instituição, o CEPI São Sebastião é jurisdicionado à Coordenação Regional de Educação (CRE) de São Luís de Montes Belos, sendo esta esfera do Governo do Estado de Goiás/Secretaria de Estado da Educação. Sua legalização de funcionamento registra-se nos seguintes autos:

- Lei de Criação e denominação nº 8408 de 19 de janeiro de 78, Diário Oficial nº 12950 de 15 de fevereiro de 1978;
- Renovação de Reconhecimento de 6º ao 9º ano: Resolução CEE n. 245/2007;
- Portaria nº 0304/2013-GAB/SEE, de autorização do Projeto Estadual de Tempo Integral, de 04 de fevereiro de 2013.

Enquanto instituição pública de ensino, o CEPI São Sebastião respeita e é orientado pelos marcos legais:

- Constituição da República Federativa do Brasil, 1988 (CF/1988);
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/1996 (LDBEN 9394/1996);
- Lei complementar n. 026, 28 de dezembro de 1998, que estabelece as diretrizes e bases do Sistema Educativo do Estado de Goiás.
- Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente (ECA);
- Lei nº 19.687, de 22 de junho de 2017. Cria os centros de ensino em Período integral, no âmbito da Secretaria, Cultura e Esporte e dá outras providências;
- Resolução CEE/P N°08, de 06 de dezembro de 2018;
- Parecer CEE/CP N. 28/2018 que versa sobre conteúdos mínimos para os ensinos fundamental e médio, para assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais, observada a legislação federal.

Além dos documentos supracitados, a unidade escolar está vinculada ao Sistema Estadual de Educação, seguindo as Resoluções do Conselho Estadual de Educação (CEE) e portarias da SEDUC (Secretaria de Educação) do estado de Goiás. Segue ainda, as orientações do Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE).

Toda a documentação supramencionada versa sobre os direitos legais de acesso, permanência e financiamento da educação pública do estado de Goiás, perfazendo papel relevante na vida orgânica da Banda Marcial, seus maestros e sujeitos integrantes. Todos os pareceres, resoluções, leis e complementares possibilitam a atuação e permanência da Banda Marcial, funcionamento da unidade escolar, financiamento dos instrumentos necessários para tais demandas e todo o controle pedagógico da instituição que gere os processos de ensino de música pela Banda Marcial.

4.1.4 Objetivos e Missão da Instituição

O Projeto Político Pedagógico da instituição estabelece objetivos para o oferecimento de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Para tanto, o PPP de 2020 aponta que o CEPI São Sebastião tem como objetivo principal formar leitores de mundo, pensantes, críticos e criativos, o que contribui significativamente para

constituição de cidadãos ativos e conscientes de seus direitos e deveres em diferentes circunstâncias da vida (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020). Ante este objetivo principal, podemos inferir que a estrutura fundante da instituição preza por princípios que dialogam com a Epistemologia da Complexidade, mesmo não apontando-a como parte do escopo teórico/filosófico no documento analisado.

A Epistemologia da Complexidade elege a inserção do sujeito cognoscente como um dos eixos orientadores do pensamento complexo. Nesta proposta, Edgar Morin nos incentiva a introduzir os sujeitos aprendentes na construção dos saberes e conhecimentos no ambiente educativo e, desta forma, além de fazerem parte dessa construção, são membros ativos, críticos, produtivos, criativos, conscientes do que se ensina e do que aprendem, selecionando conceito que orientarão suas vidas para o futuro. Suanno, M.V.R. (2015) fundamenta-se em Edgar Morin e aponta que

A complexidade resgata a cultura humanística e incorpora o princípio da reintrodução do sujeito cognoscente no processo de construção do conhecimento, orienta o pensamento a promover a reintrodução do sujeito na produção do conhecimento, uma vez que todo conhecimento é gerador de subjetividade, cultura, história e emoções. Todo o conhecimento é uma reconstrução de um conhecimento prévio do sujeito (SUANNO, 2015, p. 101).

Sob esta perspectiva, percebemos que pela ótica da Complexidade o objetivo posto pela instituição vem ao encontro deste conceito trazido por Suanno (2015), abrindo caminhos para o processo de construção de saberes coletivos, mediados, religados e que contribui para a promoção da autonomia crítica e criativa entre os alunos.

Enquanto objetivos específicos, a unidade apresentou diversos, como: o oferecimento de um ensino de qualidade para seus educandos, proporcionando-lhes qualificação e conhecimento para a vida e para o trabalho; garantia à permanência com sucesso de todos os alunos matriculados na unidade escolar; redução do índice de evasão e repetência; dinamização em nível teórico e prático o fazer pedagógico; estímulo do educando ao raciocínio lógico, levando-o a construir sua própria aprendizagem; promoção à leitura, escrita e raciocínio lógico; atualização com temas atuais de forma interdisciplinar; utilização de diferentes formas de linguagem para trabalhar os textos (dramatização, música, desenhos, pinturas, recortes, colagem, teatro etc); promoção quanto à integração de pais e docentes para refletir a importância da integração familiar, através de palestras com médicos, psicólogos,

pedagogos, promotor de justiça, líderes religiosos e educacionais, conscientizado no atuar como agentes de transformação social; promover cursos de formação continuada para toda equipe escolar; fortalecimento do Conselho Escolar; fortalecimento da gestão escolar; descoberta de novos talentos através de atividades culturais e esportivas e; incentivo e valorização de talentos artísticos da comunidade escolar (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020).

Percebe-se que a construção coletiva dos PPP's analisados, bem como seus objetivos pautam-se pelos princípios da Educação ética que se fundamenta numa perspectiva humanizada e voltada ao indivíduo como um todo. Analisando os PPP's encontrados na instituição no arquivo de consulta (documentos referentes aos anos de 2005, 2007, 2009, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2018, 2020), todos elegem o mesmo conceito de uma Educação pautada nos princípios da ética, numa perspectiva humanizada e voltada para a formação integral dos alunos/estudantes, numa perspectiva crítica.

Esta formação integral também está citada nos documentos normativos curriculares nacionais que são a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares para Goiás – ampliado. O termo formação integral está presente na BNCC não sob uma ótica complexa, nem tendo cunho explicativo/orientador no que diz respeito aos elementos dessa formação. Entretanto, apresenta a necessidade dessa formação logo nas primeiras páginas (p. 27, p. 33, p. 61). O documento faz somente uma menção do termo relacionando a formação integral ao “desenvolvimento pessoal e social (do aluno), por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida” (BRASIL, 2018, p. 472). Em todas as demais aparições deste termo, pressupõe-se que o leitor deve ter o conhecimento específico acerca do conceito de formação integral.

Nas Diretrizes Curriculares para Goiás – ampliado (DC/GO-ampliado), o termo “formação integral” aparece 4 vezes no documento de volume 1 que versa sobre a Educação Infantil, porém sem nenhum conceito-base que amplia o olhar sobre esta formação. Já no documento de volume 2 que versa sobre a Educação Básica e Ensino Fundamental (anos iniciais) o termo ocorre 16 (dezesesseis) vezes e traz um conceito em forma de mapa mental (p. 369) que pressupõe uma formação integral com vistas ao desenvolvimento do sujeito nos âmbitos intelectual, físico, cultural, afetivo, social, ético, moral e simbólico.

Numa perspectiva complexa aliamos a formação integral ao conhecimento da multidimensionalidade e multirreferencialidade dos educandos, visto que faz-se necessário compreender que os aprendizes são sujeitos complexos, multifacetados, enxergando-os em sua integralidade identitária, isto é, em âmbitos sociais, cognitivos, afetivos, políticos, filosófico, físico e cultural. Todavia o termo formação integral tem sido, em muitas realidades, sido esvaziado no seu sentido, isto é, pensar uma educação integral não é tão somente possibilitar a educação para formação da cidadania, mas sim para que esta formação, alicerçada em princípios humanos, estéticos, cognitivos, sociais, ambientais, musicais e políticos possibilite ao sujeito sua própria ascensão, autonomia, desenvolvimento da racionalidade crítica e não a inércia provocada pelas políticas públicas governamentais que estão postas hodiernamente.

Por essa análise, notei que a unidade busca oferecer um ensino que vai ao encontro às necessidades da comunidade local, promovendo uma formação continuada de professores para que o aprimoramento profissional seja constante, visando também fomentar elementos constituintes do corpo escolar que são: o Conselho escolar e gestão. Segundo o PPP de 2020, a unidade busca observar os alunos para além deles mesmos, enxergando talentos, elementos de criatividade, cultura e esporte, para assim, incentivar esses educandos no aprimoramento, desenvolvimento e sustentação desses talentos ante às propostas da unidade, remetendo-nos novamente ao princípio da reintrodução do sujeito cognoscente que abordaremos a posteriori.

A unidade aponta em seu PPP de 2020 que sua missão é

[...] oferecer ensino de qualidade e em equidade a todos, contribuindo para minimizar a marginalização social e cultural da comunidade, com criatividade, acesso às novas tecnologias e participação, dando aos educandos condições de continuarem sua formação. Formar o aluno para ter compreensão crítica da realidade, capaz de intervir nela para transformá-la, numa visão construtiva que leve também a desenvolvê-lo em suas competências é também uma das principais finalidades do CEPI São Sebastião. (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020, s/p).

É também missão da escola, segundo o PPP, despertar nos alunos a capacidade de questionar o meio social, tornando-os conscientes, atuantes, participantes e comprometidos com a realidade que os cerca, sendo princípios já internalizados na nossa práxis educativa. Como princípios, a unidade propõe trabalhar os quatro pilares para a Educação defendidos pela ONU/UNESCO: aprender a

conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Como princípio social, buscam oportunizar o acesso e a equidade do ensino (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020)

No que se refere às questões relacionadas à inclusão em âmbitos gerais, a unidade observa o disposto na Lei nº 10.639/2003, que estabelece diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. O CEPI São Sebastião também tem como meta promover a crítica do contexto social discriminatório que nos rodeia, adotando como ponto de partida, o princípio que vivemos no seio da sociedade multicultural e pluriétnica, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

4.1.5 Apresentando os profissionais

O quadro funcional do CEPI São Sebastião é composto por profissionais da docência, gestão pública e atividades administrativas e como a instituição é jurisdicionada à Secretaria de Estado da Educação, todos os profissionais que nela atuam, tanto no âmbito da docência quanto os servidores administrativos, são funcionários – efetivos e/ou contratados – do próprio estado de Goiás. A seguir, a tabela 2 apresenta a síntese do quadro de profissionais da instituição.

Tabela 2 – Quadro funcional dos servidores da unidade

ORD	Quadro Funcional	QUANT.
1	Diretor(a)	01
2	Secretário(a) Geral	01
3	Docentes (Ensino Fundamental – anos finais)	20
4	Maestro	01
5	Dinamizador da biblioteca	01
6	Professor Coordenador	01
7	Professores Coordenadores de área	03
8	Professora Coordenadora de Núcleo diversificado	01
9	Profissional higienizador PAC	01
10	Executores de serviços administrativos	15

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2021).

No que diz respeito aos docentes, todos apresentam curso de graduação em suas áreas específicas. Os demais servidores passam por curso de capacitação anualmente prezando o aprimoramento do grupo. Durante o ano letivo, a Coordenação Regional de Educação (CRE) oferece encontros bimestrais previstos no

calendário que busca alinhar, aprimorar, reavaliar processos educativos e pedagógicos com vistas a implementar a prática docente, a organização no ambiente educativo, a gestão dos processos, programas e revisão dos projetos da unidade com o intuito de programarem-se para sua execução.

4.2 Batuta em punho – apresentando a Banda Marcial CEPI São Sebastião

A Banda Marcial CEPI São Sebastião teve seu início no ano de 1996, como um projeto didático-pedagógico do então Colégio Estadual São Sebastião. Todos os alunos do Ensino Fundamental (anos finais) tinham a possibilidade de participar da banda enquanto musicistas, tendo a liberdade, inclusive, de escolher o instrumento oferecido pela unidade. Para essa entrada, os estudantes passavam por um processo seletivo de conhecimentos musicais de cunho teórico, para posteriormente, terem acesso aos instrumentos. Todo o material para estudos era fornecido pela própria unidade.

No ano de 1996, por haver um professor que idealizou a Banda Marcial e por conta de sua formação musical, a unidade era a única instituição pública com projeto voltado para o ensino de música e teoria musical, contando sempre com o apoio da Coordenadoria Regional de Educação (CRE) situada também no município de São Luís de Montes Belos. Com o passar dos anos, a banda foi sendo aprimorada com a inserção de diversos instrumentos de sopro e percussão e criação de novas performances da comissão de frente constituída pelas alunas da unidade que portavam as bandeiras e realizavam coreografias diversas de acordo com a música entoada (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020).

Segundo o *Projeto Pra Ver A Banda Passar*, anexo ao PPP de 2020 da unidade, a Banda Marcial passou a realizar apresentações locais e regionais, com um repertório de músicas temáticas, populares, Hino Nacional Brasileiro e as tradicionais músicas das fanfarras da época. Participou de inúmeros eventos e apresentações, inclusive em um evento fora do Brasil que foi o V Festival Internacional de Bandas e Fanfarras da cidade de Millipila, no Chile, no período de 9 a 14 de outubro de 1999, com apoio da Subsecretária Regional e Secretaria Estadual de Educação. Até então, a banda veio desenvolvendo as atividades de ensaios com os instrumentistas e comissão de frente, realizando apresentações em datas festivas e comemorativas do

município de São Luís de Montes Belos e cidades circunvizinhas, quando convidados e participando de campeonatos e disputas com outras bandas do estado e fora dele (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020).

Com o advento do Regime Especial de aulas não presenciais (REANP), a banda não pôde dar continuidade ao trabalho que desenvolvia, permanecendo inativada. Durante a pandemia, o grupo se manteve reunido via aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, porém, com o passar do ano letivo, os alunos veteranos concluíram o ano letivo, saíram da unidade escolar e novos alunos foram matriculados. Não conseguindo iniciar as atividades presenciais com os novos estudantes, a banda paralisou suas atividades e se manteve aguardando os órgãos sanitários e de saúde liberarem as portarias de retorno presencial.

Por esta questão, a banda passou por um período de declínio, uma vez que seus integrantes veteranos e mais experientes deixaram a unidade e os alunos novatos, não tendo acesso às atividades desenvolvidas pela banda, não puderam ingressar. Atualmente, as aulas presenciais estão sendo reativadas e implementadas. A banda retornou seus ensaios regulares de forma presencial a partir do mês de agosto de 2020, cumprindo um rigoroso protocolo de distanciamento e biossegurança, por sua vez, com um contingente mais reduzido – cerca de 15 alunos em média – devido ao impacto trazido pelas medidas de contenção da doença.

Neste retorno, foi necessário a inserção de elementos que outrora não eram necessários, como uso de luvas, higienização constante dos instrumentos, permanência dos instrumentos e cuidados gerais individuais, união de instrumentos de sopro e percussão com distanciamento, dentre outras medidas de contenção.

4.2.1 A Banda Marcial CEPI São Sebastião enquanto projeto didático-pedagógico

As informações deste trecho da pesquisa visam apresentar a banda enquanto projeto didático-pedagógico do CEPI São Sebastião. Desse modo, nos fundamentamos no projeto que se intitula *Projeto Pra Ver A Banda Passar* (2021) sob autoria do maestro Prof. Marciel Ferreira da Silva, apresentado ao Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás e anexo ao Projeto Político Pedagógico da instituição do ano de 2021. Este projeto foi escolhido uma vez que, em todos os PPP's da instituição, não há presente

(nem nos anexos) um documento/projeto que versa somente acerca da Banda Marcial enquanto projeto a ser executado na unidade. Em todas as versões dos PPP's analisados,¹⁴ a Banda Marcial é mencionada como um projeto da instituição, todavia não apontam especificações pontuais que se referem somente à banda, mas sim a todos os projetos como um todo. Pela análise dos PPP's que encontramos na instituição escolar, obtivemos os seguintes dados:

- ✓ PPP de 2005 e 2006 – os referidos documentos somente fazem alusão ao *Projeto Pra Ver A Banda Passar*, não trazendo informações pertinentes aos conteúdos, objetivos e demais elementos;
- ✓ PPP de 2009 – neste documento, há a primeira descrição com um resumo breve do *Projeto Pra Ver A Banda Passar*, contudo não há conteúdos, objetivos e demais elementos que descrevem de forma mais ampliada, as atividades realizadas pela Banda Marcial;
- ✓ PPP de 2010 – segue o mesmo formato do PPP anterior, sem nenhum acréscimo de informação ou alteração no corpo do texto;
- ✓ PPP de 2011 – este documento encontrou-se incompleto, com somente a citação do projeto no índice, mas sem as páginas;
- ✓ PPP de 2013, 2015, 2016 – estes documentos apresentaram o mesmo formato, corpo do texto, com poucas alterações nas demandas de material necessário para a confecção de uniformes. Numa visão geral, suas informações são as mesmas.
- ✓ PPP de 2018 – este documento apresenta o mesmo formato dos demais, sendo o *Projeto Pra Ver A Banda Passar* citado, todavia não apareceu no corpo do texto.
- ✓ PPP de 2020 – este foi o documento-base mais completo encontrado na unidade, com informações pertinentes à Banda Marcial e às ações que ela executa, tendo como anexo o Projeto “Pra Ver a Banda Passar” completo, com objetivos, justificativa, conteúdos ministrados e demais elementos que ampliam as informações acerca da Banda.

Segundo o *Projeto Pra Ver A Banda Passar*, as ações da Banda Marcial CEPI São Sebastião se justificam por dar

¹⁴ Utilizo deste termo para me referir aos Projetos Políticos Pedagógicos analisados durante o processo de levantamento de dados documentais, documentos estes referentes aos anos de 2005, 2007, 2009, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2018, 2020. Os demais documentos que não aparecem neste agrupado, não foram localizados pela instituição por motivos de reformas na unidade, descarte indevido de materiais/móveis escolares, danificação dos documentos, falta de tecnologia suficiente para o arquivamento documental, trocas de gestão da unidade dentre outros elementos elencados pela atual gestora da instituição.

continuidade de um trabalho musical que está sendo desenvolvido na Escola Estadual São Sebastião desde junho de 1996. É um trabalho que está despertando nos alunos o gosto pela música, proporcionando melhor rendimento nas aulas, apreço cultural e intercâmbios com outras escolas, municípios e outras culturas (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020, p. 2).

Sob esta perspectiva e baseando-nos na análise da documentação apresentada pela unidade, desde a criação da Banda Marcial não houve um projeto devidamente estruturado (com título, objetivos, conteúdos, justificativa e demais ações) que fizesse parte do PPP da instituição, mas as ações da Banda, bem como seus intuitos sempre foram somente mencionados como uma prática extracurricular que se integrava à rotina pedagógica da unidade. Desta forma, não houve como realizar um paralelo entre os projetos antigos (de 1996 à 2019) com o intuito de comparar tais ações.

No que concerne aos alunos que participavam/participam da Banda Marcial, percebemos que a clientela permanece a mesma, isto é, estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) interessados em integrar. Os interessados a ingressarem na banda de 1996 à 2000 passavam por uma avaliação que permitia ao maestro reconhecer habilidades musicais ou até mesmo um conhecimento prévio musical e assim, mediante este processo seletivo, os estudantes eram ingressos às aulas de música e integravam efetivamente o corpo da banda. Após o ano de 2000, os discentes ingressavam mediante interesse e eram admitidos ao ponto de suprirem as demandas de instrumentistas que era paralelo ao número de instrumentos.

Segundo o PPP de 2020, o objetivo geral do *Projeto Pra Ver A Banda Passar*, centra-se em “promover a educação artística e social através das aulas teóricas e práticas, assim como valorizar a cultura regional e nacional, representando a Unidade Escolar em Concursos, Mostras, eventos sociais, cívicos e culturais” (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020, p. 3). Percebi que o documento apresenta diversos objetivos que buscam promover ações práticas didático-pedagógicas voltadas aos alunos que primam questões humanas e sociais.

Enquanto objetivos específicos, o projeto propõe: i) desenvolver um trabalho junto aos alunos dessa Unidade Escolar de maneira interdisciplinar com os outros professores; 1) fazer com que o aluno sinta o gosto pela música e pela cultura; 2) aprimorar as teorias a cada dia tanto individual quanto coletiva da Banda Marcial; 3) promover a União entre os alunos músicos para que possam obter a segurança e a

capacidade de cada um tanto coletiva quanto individual; 4) preparar os alunos músicos na capacidade emocional, bem como respeitar os colegas e adversários no sentido de Festivais e concursos de Bandas; 5) criar oportunidades para um intercâmbio cultural entre Bandas; 6) promover o desenvolvimento das técnicas musicais; 7) formar e consolidar a música como uma linguagem da arte; 8) descobrir vocações da arte musical, revelando-os mudança da música através da participação espontânea; 9) fazer com que eles(as) sintam o gosto pela interpretação e dramatização de cada peça musical; 10) promover a União entre eles, mostrando a importância do companheirismo, para um trabalho em conjunto; 11) aprimorar a coordenação motora; 12) trabalhar a auto estima; 13) experimentar, investigar e utilizar de diferentes estímulos para improvisação (instrução diretas, descobertas guiadas, respostas selecionadas, jogo etc.) e para composição coreográfica (elementos de movimento, sons e silêncio, objetos cênicos) (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020).

Enquanto pesquisador, pude perceber pela análise dos PPP's que versam acerca da atuação da banda na unidade e na observância do *Projeto Pra Ver A Banda Passar* que é recorrente a presença de conceitos que se repetem em todos os documentos. Desta forma, elenquei abaixo os conceitos latentes em diversos PPP's:

- O ensino da música e a disseminação da cultura musical;
- A interação social entre os membros da banda;
- O compartilhamento de saberes musicais numa perspectiva coletiva;
- O aprimoramento musical em ritmos e estilos variados;

Os 4 (quatro) elementos supramencionados têm como eixo central a interação, os valores humanos, o companheirismo, a parceria, a amizade e a valorização das relações, o que é apresentado também na concepção dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexos, fazendo parte de suas construções conceituais.

Outro elemento de fundamental importância são os conteúdos a serem ensinados nas aulas teóricas e práticas. Pela análise dos PPP's observados, pude notar que somente os documentos dos anos de 2019 e 2020 apresentam características acadêmicas, isto é, um formato normativo que atende às peculiaridades de um projeto de ensino.

Para tanto, segundo o PPP de 2020, no processo de ensino da teoria musical, diversos conteúdos programáticos são previamente selecionados para serem trabalhados durante os encontros e ensaios. Dentre esses conteúdos, citamos os seguintes: Teoria musical; Escala musical; Pauta; Claves; Leitura rítmica; Leitura

métrica; Figuras musical e figuras de pausas e seus respectivos valores; Compasso simples; Staccato; Semitom Cromático e diatônico; Alterações; Intervalos simples; Manuseio de instrumentos e manutenção dos mesmos; Trabalho em conjunto com ritmo e harmonia, desenvolvimento evolução, postura, garbo e outros. Além do “Tocar Junto” que é uma coletânea de livros sobre método de ensino coletivo de banda marcial lançado pelo músico e professor Marcelo Eterno Alves adotado pela SEDUCE GO (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2021).

No tocante à instrumentalização da banda e do ensino da música, a unidade apresenta diversos instrumentos de sopro e percussão. Como a unidade escolar pertence à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de São Luís de Montes Belos, todos os instrumentos são oriundos de verbas públicas destinadas ao aprimoramento e ao incentivo à cultura, lazer e arte. Parte dos instrumentos podem ser caracterizados como usados, entretanto, em bom estado de conservação.

A última aquisição de instrumentos ocorreu no ano de 2021, por meio de uma emenda parlamentar destinada à aquisição de diversos instrumentos de sopro e percussão. Para que este processo pudesse acontecer, houve a intervenção de um dos vereadores municipais que, percebendo a importância da Banda Marcial e da necessidade de aprimoramento dos instrumentos, mediou a emenda parlamentar. Todos os instrumentos que foram adquiridos pela unidade foram novos e estão descritos na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Discriminação das quantidades de instrumentos

ORD	DISCRIMINAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS DA UNIDADE	QUANT.
1	trompete	21
2	flug horn	2
3	trombones de pistos	2
4	trombonito	2
5	trombone de vara	10
6	bombardinos	5
7	souzafone	1
8	bombardão	2
9	bombos 18" 20" 22" 24"	5
10	caixa tenor	5
11	par de pratos	2
12	quinto tons	2
13	pandeiro meia lua	1
14	glockenspiel de marcha 2.5 oitavas com colete	1

Fonte: Plano de trabalho da Banda Marcial CEPI São Sebastião (2020).

Todos os instrumentos apresentados correspondem a um grande empenho da unidade escolar em busca de melhorias e aprimoramento do quantitativo de instrumentos e de elementos. Por ser uma única banda marcial estruturada no município, fez-se necessário aprimoramento técnico, docente e instrumental. Acreditamos que, até o fim desta investigação, a unidade tenha alcançado um número maior de instrumentos e de elementos, uma vez que, a Banda Marcial CEPI São Sebastião faz parte, não somente da instituição que a sedia, mas também da cultura monte-belense em eventos escolares e festividades municipais e regionais.

Como parte integrante da banda, temos a Comissão de frente. Segundo as definições de Lorenzet e Tozzo (2009), a Comissão de frente é composta por um grupo de estudantes/elementos que pode ter um número variável, que se encarrega por encorpar e trazer sofisticação às evoluções, marchas, movimentos e coreografias do desfile. Muitas comissões apresentam um/a elemento que é nomeado/a como **baliza** e tem o papel de, além do manuseio de bastões com fitas, claves, bambolês e demais elementos artísticos, abre alas para a *referida* Comissão com passos de balé e movimentos de ginástica rítmica.

Observando o PPP DE 2020 percebi que a unidade também apresenta diversos conteúdos propostos para os integrantes da comissão de frente, sendo eles: 1) desenvolvimento de habilidades pessoais para trabalhar aquecimento, relaxamento e compensação do corpo relacionando-as a noção de anatomia aprendidas; 2) coreografias ensaiadas no ritmo, sem perder a característica marcial; 3) interpretação; 4) comunicação; 5) técnica/conhecimento/habilidades corporais; 6) movimentos; 7) equilíbrio, apoios, impulsos; 8) memorização; 9) expressão corporal e facial; 10) garbo; 11) elegância; 12) postura; 13) coordenação de movimentos corporais com adereços manuais; 14) disciplina; 15) respeito mútuo e coletivo; 16) responsabilidade e dedicação; 17) harmonia; 18) interpretação do tema proposto; 19) sincronismo; 20) marcialidade; 21) alinhamento; 22) cobertura e; 23) evolução e criatividade em trabalho conjunto (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020).

Nesta ótica, o Projeto *Pra Ver a Banda Passar* dialoga com alguns Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo tais como o Princípio Hologramático, Princípio Sistêmico-organizacional, Princípio Dialógico e Recursivo por valorizar as especificidades humanas, compreender a multidimensionalidade e a multirreferencialidade humanas, valorizar a organização e o trabalho em equipe sustentado por uma organização sistêmica e orgânica.

Todas as ações cênicas da banda, como as evoluções, marchas e coreografias são ensaiadas e coordenadas com as músicas pelo próprio maestro, para que ambos os componentes (musicais e corpóreos) se encaixem e sejam uníssonos, demonstrando um só corpo no grupo. Sobre este processo educativo da comissão de frente, o projeto da banda apresenta a premissa de que

Na ação educativa considerar-se-á que os alunos aprendam a arte à medida que forem capazes de perceberem, agirem efetivamente, dialogando com a informação percebendo que não se aprende sozinho, e sim em interação gerando um contexto de ensino – aprendizagem cooperativo que expresse a natureza social do saber, provocando assim, transformações nas aprendizagens individuais (CEPI SÃO SEBASTIÃO, 2020, p. 6).

Foi percebido que a formação da Comissão de frente integra-se, principalmente por mulheres/moças e não há a participação de homens/rapazes. Diferentemente da estrutura do agrupamento de músicos que tinham mulheres/moças em sua composição. Diante do olhar que tive sobre a banda, não percebi o cunho militarista, rígido e estabelecido por ordens e/ou comando como em bandas militares, proibindo mulheres/moças a integrarem o corpo de instrumentos, nem tampouco de homens/rapazes integrarem a Comissão de frente.

Cabe salientar a importância das discussões de gênero sobre esta perspectiva, tão pertinentes para atualidade; a valorização e os distintos discursos acerca do corpo feminino nos espaços sociais precisam ser debatidos e constantemente discutidos. Mesmo que esta investigação não tem o objetivo de abordar com profundidade a temática, pontuo que, pelas análises dos discursos durante a videochamada gravada e dos relatos obtidos, a não presença de homens/rapazes na composição da Comissão de frente pode ser considerada um elemento socioestrutural, regional e também cultural do interior goiano. As raízes de municípios interioranos e/ou camponeses são essencialmente atreladas ao olhar patriarcal familiar, estabelecendo o homem como o líder, responsável pelo sustento do lar e a mulher como aquela responsável pelo cuidado dos filhos e afazeres domésticos. Salientamos que este não é o constructo que defendemos nesta investigação. Todavia, a clareza que nos foi posta durante a análise desta realidade, não vem do cunho militarista, das regras, normas, impossibilidades ou proibições da participação de homens/rapazes na composição da Comissão de frente, mas sim da estrutura conceitual patriarcal que ainda impera nos interiores considerados sertanejos.

O referido projeto é reformulado anualmente pelo atual maestro da banda, a fim de ser reinserido no Projeto Político Pedagógico (PPP), que também é revisitado anualmente, para que sejam realizados os ajustes necessários às ações didático-pedagógicas do ano seguinte, e assim, vislumbrar possibilidades outras de avaliação, autoavaliação, mudanças de percursos e novos olhares que se fizerem necessários do processo de ensino da banda.

4.3 Conceituando e entrelaçando: Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, vivências e experiências

Esta seção foi escrita com o intuito de discorrer teoricamente acerca dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo e ao mesmo tempo entrelaçar experiências e vivências que os 13 egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, os 2 (dois) maestros e a professora da comissão de frente expuseram por meio da videochamada gravada, formulários virtuais, relatos em áudio e mensagens via aplicativo. Neste processo investigativo, como já mencionado em trechos anteriores, elencamos os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo como elementos que nos servirão de categorias de análise dos dados e alicerce teórico para um olhar sob as lentes da Complexidade.

Para Mariotti (2007), os Operadores Cognitivos podem facilmente nos possibilitar a colocação do pensamento complexo em prática. Eles nos fazem pensar de maneira diferente e, como resultado, nos permitem chegar a propostas e olhares diferentes do habitual, uma vez que ampliam as possibilidades, observam a multidimensionalidade e multirreferencialidade dos sujeitos e dos fenômenos. Seu uso possibilita estabelecer um diálogo entre o pensamento linear e o pensamento sistêmico, ou seja, promovem a reconexão do conhecimento gerado por essas duas formas de pensar, e nesta perspectiva, realizamos nossas análises.

Como já fora mencionado anteriormente, para a construção/levantamento dos dados utilizamos as plataformas digitais (*Google Forms* e *Google Meet*). Tanto para os participantes da videochamada gravada, quanto para os participantes que contribuíram via formulários digitais, as perguntas norteadoras das discussões foram as mesmas. Apresento-as a seguir:

- I. Qual o seu nome e data de nascimento?
- II. Em que ano(s) você participou da Banda?

- III. Você participava da banda tocando algum instrumento ou fazia parte da comissão de frente?
- IV. Você percebe algum envolvimento com a música, em sua vida pessoal e profissional, adquirido por meio de sua participação na banda? Você se envolve com música até o dia de hoje? Onde? Relate um pouco sobre isso?
- V. Conte um pouco sobre sua relação com os demais membros da Banda, estou falando tanto do maestro, como dos colegas. E sobre a organização e da disciplina da banda? O que você pode falar sobre isso?
- VI. Você participou de apresentações e/ou campeonatos com a banda? Se sim, pode nos relatar um pouco desses momentos? Em que esses momentos contribuíram em sua vida até o dia de hoje?
- VII. Para você, qual a importância do ensino de música na escola para o desenvolvimento do processo de aprendizagem e das relações entre os alunos e professores?

Nossa proposta de apresentação, análise e discussão dos dados se fizeram por meio da exposição e ampliação teórica do conceito de cada Operador Cognitivo e, de acordo com a ordem em que apresentei cada operador, inseri transcrições, relatos e vivências dos participantes a fim de interconectar, religar, relacionar e estabelecer um *link* ao olhar complexo sobre esses dados. Esta metodologia que adotamos nos possibilitou apresentar quais foram os sentidos e significados das aprendizagens construídas por estes egressos no período em que integraram a Banda Marcial CEPI São Sebastião e as influências dessas construções em suas vidas atualmente sob a ótica da Epistemologia da Complexidade.

A seguir, temos um quadro que apresenta a lista dos participantes entrevistados:

QUADRO 10 – Lista dos sujeitos participantes entrevistados

ORD	NOME	ATUAÇÃO NA BANDA
1	Marciel Ferreira	Egresso e atual maestro
2	Eliene Britto	Gestora atual da unidade
3	Gleicieny Alves	Comissão de frente
4	Clautamir Alves	Musicista / trompetista
5	Franciele Alves	Comissão de frente
6	Willian Timoteo	Musicista / trombone de vara
7	Gabriel de Castro	Musicista / pratos e instrumentos de sopro
8	Willian Eduardo Ribeiro	Fundador da Banda / maestro egresso
9	Magna da Guia de Oliveira	Professora responsável pela Comissão de frente
10	Marcos da Silva Costa	Musicista / trombone de vara

11	Paulo Henrique Filho	Musicista / Tarol-caixa
12	Ulysses Alves Martins	Musicista / instrumentos de percussão
13	Jhoanathan Fernando Andrade Da Silva	Musicista / corneta, trombone, bombardino e trombone de vara

Fonte: Criado pelo autor.

Para identificar os participantes utilizaremos seus nomes próprios, devidamente autorizados por todos. Acreditamos que desta forma valorizamos os sujeitos como legítimos sujeitos, suas peculiaridades, seus discursos, suas vivências, reconhecemos sua importância, sua multidimensionalidade neste processo investigativo.

4.3.1 Princípio Sistêmico-Organizacional

O Princípio Sistêmico-Organizacional é um dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo que pode contribuir significativamente no processo de compreensão do sujeito e do objeto, visto que ele “nos ajuda a ligar o conhecimento das partes ao conhecimento do todo” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 35) e assim podemos enxergar, de forma mais ampliada, as especificidades e a multidimensionalidade de determinados fenômenos, elementos e objetos de análise. No processo de pesquisa, análise e reflexão de determinado contexto, Morin (1999) afirma que, há a impossibilidade de se conhecer o todo, sem conhecer todas as partes que compõem este todo. Da mesma forma, torna-se impossível de se conhecer as partes, sem conhecer também o todo.

Pela perspectiva moriniana, “o todo poderia ser maior ou menor do que a soma das partes” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 35). Desta maneira, a totalidade tornar-se-ia algo maior do que uma forma global ou a percepção do que é completo, uma vez que nela estariam também as especificidades e peculiaridades emergentes que surgem numa organização qualquer a partir de um processo de adaptação e também de auto-organização dos elementos que fundamentam este todo complexo.

Sob esta perspectiva, concebemos o conceito de sistema como organização composta por uma vasta quantidade de elementos, os quais se conectam e integram para gerar estratégias de adaptação de sobrevivência para os agentes constitutivos do próprio sistema e para o sistema como um todo (PONCHIROLLI, 2007).

Durante o processo de construção/levantamento de dados percebemos ligações dos discursos e vivências com este operador. Enquanto expunha acerca dos momentos de quando era um aluno da banda, Marciel Ferreira disse:

Ver vocês hoje me trouxe essa memória de como que foi bom esse trabalho na escola como aluno e seguindo hoje. Depois teve a professora Magna assumindo e contribuiu bastante com o brilho. E eu falava: Magna nós tocamos e você é o brilho da banda. Tem todo aquele movimento do corpo coreográfico. Eu diria que um complementa o outro. E vendo vocês aqui hoje me traz esses momentos de alegria, momentos de felicidade, de saber que o projeto contribuiu para mim, enquanto pessoa, enquanto ser humano (Marciel Ferreira).

Quando Marciel relata a conexão do grupo coreográfico aos músicos, remetemo-nos à articulação das partes dos conhecimentos, compreendendo que o todo é formado por partes e estes elementos somados é maior que o todo. O brilho relatado por ele –corporeidade, movimentos, dança, passos, evoluções da comissão de frente – está intrinsecamente ligado ao corpo musical (sons, ritmos, músicas) formando um todo complexo e interconectado que corresponde à Banda como um todo. Sob esta perspectiva, Suanno, M.V.R. (2015) nos permite ampliar o olhar para o pensamento de forma complexa voltado para a pesquisa, afirmando que:

Pensar por meio do Princípio Sistêmico-Organizacional significa buscar relacionar o conhecimento do todo ao conhecimento das partes de forma articulada, religando por meio de uma dinâmica relacional, já que o todo é formado por partes e sua totalidade organizada retroage sobre as partes (SUANNO, M.V.R., 2015, p. 98).

Sob esta luz, as ações pautadas e os conceitos traçados sob a perspectiva do Princípio Sistêmico-Organizacional, interconectam-se com o princípio hologramático, possibilitando assim, a dinâmica da religação, junção, conexão entre o todo e as partes que o compõem, promovendo uma relação não-fragmentada, mas complexa, algo tecido junto ao todo (MORIN, 2007c; PETRAGLIA, 2000; SUANNO, 2015).

Corroborando com Suanno. (2015) e com Moraes e Valente (2008), Bataloso Navas (2010) exemplifica o Princípio Sistêmico-Organizacional no âmbito no processo de aprendizagem, afirmando que a aprendizagem pode ser considerada como um processo de construção pessoal, por meio do qual o sujeito integra novos conteúdos de diferentes naturezas na estrutura cognitivo-emocional preexistente, de modo que, como consequência da nova incorporação e da adaptação e integração produzida,

cria-se uma estrutura cognitivo-emocional nova, mais ampla e dotada de capacidade para explicar os preceitos da realidade, permitindo o surgimento de processos criativos que podem dar origem a novos conhecimentos.

Podemos considerar que o processo supramencionado por Bataloso Navas (2010) é um procedimento em que o conhecimento e reconhecimento das partes está fortemente ligado ao conhecimento e reconhecimento do todo, possibilitando a manifestação e expressão de fenômenos, idealizações e criações que revelam o fato de que o todo, ou seja, os processos e resultados de aprendizagem, são sempre maiores e qualitativamente diferentes da soma das partes.

Ante esta proposição, a entrevistada Franciele Alves aponta a relação entre os membros da banda que volta nosso olhar o Operador Sistêmico-Organizacional e a este reconhecimento das partes e do todo quando disse:

Eu considero essa relação entre a banda, o maestro e as pessoas que colocava tudo pra acontecer, uma família. Porque nós éramos uma família. A relação entre nós era o que? Era um grupo. Nós não estávamos ali individualmente. Nós estávamos como uma família para fazer o melhor um para o outro. Eu considero isso. Porque todos nós estávamos juntos, passávamos por momentos difíceis, passávamos por momentos maravilhosos, a gente passou por momentos de competição... assim que chegasse bem na hora, um instrumento estragava e nós tínhamos que mover céus e terra pra conseguir. E todo mundo tava junto né? E dentro da disciplina que os nossos professores passavam, a gente buscava o que? Atingir todos eles para estar na banda, para fazer o melhor, para dar o melhor né? Com todo mundo. Por isso que eu resumo a banda como uma família (Franciele Alves).

Ante a fala de Franciele, pudemos perceber a importância do reconhecimento que os membros construíram uns dos outros, de si mesmos e da Banda Marcial como um todo no decorrer do período em que eram membros. O sentido que davam ao grupo se alinha ao significado que esse grupo tinha para eles: uma família. O sentido de família nos gera diversos elementos: intimidade, parceria, fraternidade, igualdade, união, companheirismo, valorização do outro como legítimo outro e a representatividade. Como parte significativa e concreta, os membros eram considerados como família. Desta forma, o processo de uma representatividade para a banda foi maior que sua mera soma. Eles não se consideravam somente membros de uma banda, mas sim membros de uma família e responsáveis uns pelos outros. Assim, este Sentido e Significado de Família se revela como parte integrante da

construção das aprendizagens realizadas da banda, transcendendo conceitos musicais e partindo para os âmbitos transdisciplinar, humano e pessoal.

Corroborando com que supramencionamos e trazendo à luz os sentidos e significados que percebemos, observamos novamente o sentido de Família e o significado concreto desse sentido nas ações práticas nos discursos que se seguem:

Então eu tava aqui preocupado dando o melhor no meu e tava preocupado também com todos os alunos fazendo o mesmo. Dando o seu melhor lá. E dava certo. Cada um sabia mesmo! As meninas da coreografia confiava nos instrumentos e nós confiava nelas. Existia aquele compromisso de cada um dar o seu melhor porque no final a gente tinha um negócio funcionando direitinho. Existia respeito (Clautamir Alves).

O prof. Willian foi quem transcendeu os muros da profissão e nos abraçou como filhos! Com a chegada do Prof. Maciel não foi diferente, só reforçou a importância do cuidar e principalmente do zelar pelo outro (Paulo Henrique Filho).

Como Professor/maestro sempre trabalhei com respeito e carinho com a líder da comissão de frente... posso dizer que éramos quase irmãos... a primeira professora Kenia Silva França com todo carinho deu início a comissão de frente com seu trabalho voluntário foi um sucesso e logo ela também teve um contrato de trabalho temporário. Como era mágico ouvir o som da Banda e ver os movimentos coreográficos da comissão de frente (Willian Eduardo).

Muita parceria é mais ou menos um casamento. A gente sempre mostrou a importância do trabalho em equipe. Do respeito mútuo, da responsabilidade, disciplina, companheirismo. A gente conversava muito sobre essa união e junção pra que no final tudo desce certo. Trabalhar em equipe se não tiver tudo isso é impossível chegar à resultados positivos. Temos que lutar pelo mesmo objetivo uns ajudando os outros.. (Magna da Guia de Oliveira).

O maestro Marciel era praticamente um pai e tinha aqueles amigos que a afinidade era maior, mas éramos todos muito unidos. Dávamos sempre o melhor (Marcos Silva).

Era praticamente uma família todos se ajudavam corrigiam uns aos outros (Gabriel de Castro)

O maestro Marciel é um dos meus melhores amigos é uma referência pra mim, foi quem me levou pra tocar na Igreja onde estou envolvido. Até hoje tenho ele como uma figura de irmão mais velho e tenho uma dívida de gratidão com ele. Os ensinamentos e a disciplina foram fundamentais na minha vida como pessoa e como profissional. O que passamos juntos jamais será esquecido, foram momentos muito especiais em nossas vidas. Tenho amizade com todos da minha época. Nos falamos pouco devido à distância e o rumo que cada um tomou, mas sempre que encontramos ou temos a oportunidade de nos falarmos pelo Whatsapp assim fazemos (Jhoanathan Fernando).

A percepção do sentido e significado relacionado à Família nos relatos supramencionados vêm ao encontro do Operador Sistêmico-Organizacional, uma vez

que para Batalloso Navas (2010) as dinâmicas e os resultados finais de todo movimento complexo são sempre superiores e diferentes do que a simples soma das partes. Neste contexto, o que se esperava desses sujeitos era que a união de elementos diferentes compusesse um grupo com interesses afins para executarem atividades musicais relacionadas à banda. Entretanto, o que percebemos foi uma interação superior que traz sentidos e significados maiores do que a simples soma de elementos.

Sob a ótica complexa e pela análise dos trechos supramencionados percebemos que esse grupo fora composto por membros de uma verdadeira irmandade que transcendeu aspectos meramente escolares, partindo para compartilhamento de vivências, experiências, atividades e processos humanos que são construídos, em sua grande maioria, por membros de uma família, transparecendo assim o sentido e significado que pudemos perceber, nomeado aqui como Sentido e Significado Familiar. Desta forma, o resultado final da união dos membros da banda sobrepuiu um grupo com regras e regimentos, alcançando um patamar, por eles nomeado como Família, dadas às relações de interação, convivência, confiança mútua, apoio coletivo, troca e construção de saberes tidos por eles.

4.3.2 Princípio Hologramático

O Princípio Hologramático constitui-se como um dos principais Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo que nos fundamenta. Em sua obra intitulada “Os Sete Saberes necessários para a educação do futuro”, Edgar Morin compara o princípio hologramático a conceitos e elementos da natureza, exemplificando-o por meio de temáticas do campo biológico. Sob esta luz, o autor atesta que,

[...] tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (MORIN, 2007a, p. 37-38).

Por meio de uma comparação feita com elementos da genética, Morin (2007a) elucida este princípio para que possamos gerar a seguinte síntese: o todo está intrínseco nas partes, assim como as partes também contém o todo em sua composição, e nesta visão, corroboramos com Silvana Santos e Karina Hammerschmidt, que atestam que

[...] esse princípio indica que, como em um holograma, cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado; em qualquer organização complexa, não só a parte encontra-se no todo, mas o todo encontra-se igualmente na parte (SANTOS; HAMMERSCHIMIDT, 2012, p. 564).

Verificamos também a mesma compreensão nos conceitos elencados por Petraglia (2000), Suanno (2015) e Moraes e Valente (2008). Valendo-se de uma perspectiva social, Maria Cândida Moraes nos confirma que o indivíduo é visto e percebido como representante de uma determinada sociedade, enquanto este, por sua vez, também é representado em cada indivíduo por meio da cultura, da linguagem, das normas.

Inferimos aqui que, ao mesmo tempo que este sujeito está auxiliando na construção de uma sociedade, ele também é parte da sociedade, e por fazer parte desse movimento, carrega as características dessa sociedade em sua vida. Como, então, ele está presente nesta sociedade? Está de maneira informal ou culturalmente presente nas conversas dos sujeitos, na participação dos mais diversos grupos, na leitura da realidade, nas observações que são feitas, nos valores professados, na religião que pratica, na filosofia que defende e nos conceitos que constrói (MORAES, 2000; SUANNO, 2013).

Suanno (2013) convida-nos a voltar nossos “olhos para a sociedade, formada por pessoas, indivíduos, representando cada uma das partes que a compõe, mostrando que sem estes, a sociedade não se constitui, nem se forma” (SUANNO, 2013, p. 57) e que cada indivíduo é agente e causador das transformações deste meio em que se insere. O autor ainda menciona que:

Faz-se necessário voltar, também, os olhos para cada indivíduo, que traz dentro de si as representações sociais do ambiente no qual está integrado, o que é possível perceber através da sua fala, do seu comportamento, da sua obediência ou não às regras, aos costumes e a cultura do seu povo. (SUANNO, 2013, p. 57).

Ora, conectando as proposições com Suanno (2013) acerca da cultura, Monique Andries Nogueira aponta que por intermédio da cultura podemos expandir nossos olhares e percepções, conhecer realidades outras, visões de mundo específicas e discrepantes das nossas, nos compor de forma única e individual e, desta forma, “ampliar nossos referenciais estéticos, permitindo uma fruição rigorosa e fundante de outras lógicas possíveis” (NOGUEIRA, 2012, p. 622), aceitando-nos compor de partes fundantes do outro, olhares, pontos de vista, concepções, acolhendo perspectivas diversas e, muitas vezes, contraditórias às nossas, como descreve Morin (2000).

Além de buscar compreender o indivíduo como parte integrante do todo que se perfaz todo, Suanno (2013) nos leva a ampliar o olhar e as perspectivas reducionistas do pensamento que nos limita a enxergar somente as partes, os fragmentos, os pedaços e não o todo como tal, partindo também para além do *holismo*,¹⁵ que percebe somente o todo, entretanto de forma disjuntiva, separada, fragmentada e não interligada ao todo, “propondo a totalidade em oposição à fragmentação” (TEIXEIRA, 1996, p. 287) não considerando que “tudo está relacionado com o todo nos diversos níveis, apresentando interações, ou melhor, inter-relações” (SUANNO, 2015, p. 57).

Por meio da análise dos dados encontramos elementos discursivos nos relatos levantados nesta investigação que caminham paralelamente ao conceito matriz do Princípio Hologramático. Em um dos seus relatos, Clautamir Alves expõe que quando era membro da Banda Marcial, o prazer em estar reunido era tanto que sua rotina era preenchida com atividades relativas à Banda. Isso o motivava, pois trazia-lhe prazer, bem-estar, alegria e entusiasmo. Assim relata:

A nossa vida era aquilo, tocar, tocar e tocar... ele (o maestro) sabia que eu estava ali e então eu tinha que dar o meu melhor. Falando isso aqui eu chego até arrepiar, é um negócio que está dentro do meu coração sabe? A banda para mim nunca vai sair do meu coração, eu posso estar onde eu estou se ouvir um trombone, eu ouvir uma banda tocando, minha mente viaja e me faz lembrar da onde que eu vim. Então reunir com vocês e fazer parte dessa pesquisa é honroso para mim (Clautamir Alves).

¹⁵ O precursor do paradigma holístico foi Jan Smuts (1870-1950). Foi o criador do termo Holismo, quando divulgou seu livro em 1926. Seu conceito avança para uma visão sintética do universo e propõe a totalidade em oposição à fragmentação, isto é, o holismo valoriza o todo em contrapartida às partes, como se o todo fosse mais importante que a soma das partes (TEIXEIRA, 1996).

A percepção que religamos ao Operador Hologramático é que este egresso internalizou em si a banda assim como a banda ainda o tem como membro/padrinho. Nesta troca mútua, a banda – momentos de construção de saber musical, compartilhamento de experiências, ensinamentos, disciplina e comportamento, ambientalização musical e escuta sensível – ainda permanece viva e ativa em suas memórias, tanto que pelos relatos, ao ouvir o instrumento que tocava ou alguma banda, Clautamir Alves revive memorialmente aos tempos em que fazia parte do grupo, reativando lembranças saudosas, o lembrando de onde veio – uma cidade de interior, família humilde, realidade de timidez.

Nesta mesma percepção, Franciele Alves relata:

A gente aprende a respeitar, a gente aprende limites, a gente aprende a crescer. Porque são tantas etapas que a gente passa, tantas responsabilidades que a gente tem que ter, em poder viajar, em poder fazer o melhor... porque a gente não carrega o nosso nome, a gente carrega o nome da Banda e da escola. Então ali a gente tá pra poder apresentar o melhor. Então a gente vai crescendo (Franciele Alves).

Seu relato nos atesta que a relação hologrâmica – o todo nas partes e as partes no todo – era tão clara para os membros que eles carregavam em si o nome da Banda e da Escola que frequentavam, dado o orgulho e ligação direta com este grupo e ambiente. Eles não os consideravam mais sujeitos individuais, mas um coletivo (banda/escola) que representavam, corroborando assim com o que Mariotti (2007) aponta quando expõe que a parte pode ser reconhecida como parte, mas não pode ser desconectada, disjuntiva ao todo. Desta forma, percebemos que por meio dos nossos cinco sentidos, os elementos podem ser separados, todavia essa desconexão não se constitui um desligamento ou disjunção, pois tudo está ligado a tudo.

Pela análise dos relatos e experiências compartilhadas é perceptível que os egressos ainda mantêm uma relação com a Banda Marcial ou com a música dada à relação e ao período em que participaram do grupo de músicos, alinhando-se assim às percepções do Princípio Hologramático. Questionados se ainda percebem algum envolvimento com a música, pessoal e/ou profissionalmente, adquiridos por meio da participação na banda, obtivemos os seguintes relatos:

Meu nome é Willian, hoje eu estou residindo em Campos Belos, Goiás. E falar disso aí é até complicado é meio complexo pra mim, porque toda vida eu nunca consegui sair da música na verdade. Eu nunca consegui sair da música

não. Até aqui mesmo na banda da igreja eu toquei. Tive o privilégio de tocar trompete de novo e depois de muitos anos eu consegui. E é bom demais. Eu não dou conta de ficar sem (Willian Timóteo).

Na vida pessoal sim! Nos momentos de lazer vendo alguém tocando algum instrumento, dá vontade de tocar também. Não somente por diversão, mas também pra mostrar pra minhas filhas e lembrar um pouco também. Tanto eu e minha esposa fazíamos parte da banda (Marcos Silva).

O meu envolvimento com a música começou desde novo na igreja, aí surgiu a oportunidade de participar da banda do colégio, então eu ingressei na banda do colégio. Até hoje meu envolvimento musical é na igreja, tocar na igreja! Eu faço participação dos louvores e música para mim é vida! É um dom que Deus me deu e eu quero aproveitar ele (Ulysses Alves).

Sim foi fundamental na minha vida para formação como pessoa e intelectual. Após continuei tocando em Igrejas das Assembleias de Deus em São Luís de Montes Belos GO, depois Ituiutaba MG, e hoje sou maestro da Banda Harmonia Celeste na cidade de Itumbiara GO, com 6 meses fundação (Jhoanathan Fernando).

Eu, dentro da Educação Física, eu sou apaixonada. Como eu trabalhei na Banda com coreografia, eu sou apaixonada em coreografias. Então eu trabalho muito e já ganhei até com os alunos da escola Antônio Campos no festival de dança e música. Do Américo Antunes (outra escola) a turma ganhou em primeiro lugar com dança. Então eu sou apaixonada nessa questão. Eu busquei aonde? Através da banda, com ajuda do Marciel para montagem de coreografias na parte do corpo coreográfico da Linha de Frente (Franciele Alves).

Para mim também foi a banda viu, Vinícius? influenciou profissionalmente. Eu era pequeno, aí eu conheci a banda da igreja, aí eu pensava assim: eu quero crescer, eu quero ser professor e quero ser maestro (Marciel Ferreira).

Ante os relatos supramencionados, podemos perceber que a construção de sentido e significado para os egressos partem para uma vertente que construímos aqui como Sentido e Significado de Ligação, isto é, os movimentos didático-pedagógicos da banda, as suas aprendizagens, suas relações, os ensinamentos que ali obtiveram, fizeram com que os egressos estabelecessem um elo permanente e efetivo com a Banda Marcial. Este elo, aqui considerado como Sentido e Significado de Ligação, constituiu-se de relações, interações, compartilhamentos, relacionamentos pessoais e coletivos que, de uma forma ou de outra, ainda têm um peso e relevância significativo para os participantes.

O sentido de banda construído pelos egressos correspondente a um grupo de amigos de escola que tocam junto em um agrupado de musicistas, apontou ampliações de conceito maiores e que ainda permanecem na vida pessoal de cada um/a, sobrepujando o seu real significado. Dentre os participantes desta investigação, 2 (dois) deles – Willian Timóteo e Jhoanathan Fernando – se casaram com outras

duas pessoas que também faziam parte deste mesmo círculo e relataram que não teriam havido estes relacionamentos caso os mesmos não estivessem integrados à Banda Marcial. Da mesma forma, o Sentido e Significado de Ligação se estabelece quando Marciel Ferreira, Franciele Alves e Jhoanathan Fernando atestam que suas respectivas profissões são fundamentadas no tempo em que era músicos da referida Banda e que sem este tempo no grupo, provavelmente, eles não estariam atuando profissionalmente onde estão. Para tanto, ante as análises realizadas construímos o conceito de Sentido e Significado de Ligação que se ancorou na percepção de um elo pessoal, profissional, afetivo, coletivo, emocional e de memórias na vida dos participantes.

4.3.3 Princípio Retroativo

O Princípio Retroativo, segundo Moraes e Valente (2008), é compreendido também como *feedback*. O conceito deste termo é oriundo dos sistemas cibernéticos cujo funcionamento ocorre por meio da adequação permanente desses sistemas ao ambiente no qual estão inseridos. Como falamos de seres humanos, podemos dizer que o funcionamento das condições humanas se adequa ao meio no qual estão inseridos, uma vez que o ser humano é adaptável às diversas condições.

Neste caso, segundo Moraes e Valente (2008), a retroatividade ou o *feedback* rompem com a causalidade linear, ou seja, desconstruem o conceito de que existe somente a noção binária de causa e efeito. Isto posto, podemos inferir que onde há seres humanos não há somente a binaridade de causa e efeito, pelo contrário, as relações humanas são sempre circulares, em pleno movimento, inconstantes, incertas, imprecisas, imensuráveis. Não podemos afirmar que para cada causa há um só efeito, mas sim que para cada causa podem haver múltiplos efeitos que provocam outras causas e que retroagem provocando novos efeitos.

De forma a sintetizar este conceito, Suanno (2013) aponta que este princípio destrói a ideia de que os acontecimentos e fenômenos caminham paralelamente em uma só direção, ou sentido, e que não provoquem consequências retroativas nas ações individuais e coletivas. Assim sendo, os acontecimentos e fenômenos não podem ser colocados em um âmbito binário (causa *versus* efeito), mas segundo o autor, eles são um consecutivo processo de autorregulação, de adaptação, pois recebem o efeito de determinadas causas, provocando outros efeitos que retroagem

sobre novas causas e segue esta ampliação. Assim, desconstruímos o conceito de binaridade e demonstramos o conceito de retroatividade.

Corroborando com os conceitos apresentados por Suanno (2013), Moraes e Valente (2008) afirmam que nem toda causa produz o mesmo efeito esperado, uma vez que existem causas que têm em si um emaranhado de ligações, conexões que consequentemente produzirão outros efeitos inesperados, promovendo assim, a transformação das realidades e dos sujeitos. Desta forma, os efeitos nunca são lineares e inertes, mas retroativos, uma vez que eles retroagem novamente sob novas causas gerando outros resultados sistematicamente complexos e interligados, porém discrepantes sobre a realidade.

Sobre essa compreensão da realidade, Suanno (2015) aponta que buscar entender a realidade que vivemos através do operador cognitivo retroativo significa “reconhecer a existência dos processos autorreguladores, que promovem retroalimentações, no qual a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa, transformando-se mutuamente” (SUANNO, 2015, p. 100) e para que possamos compreender melhor e de forma mais contemplativa as causas de determinados fenômenos, devemos observar e analisar o maior número possível de interações entre elas, para que, desta forma, conhecendo as diversas referências destas realidades, possamos entender o processo por completo.

Para simularmos uma conjectura sob a perspectiva educacional ligada ao Princípio Retroativo, podemos dar o seguinte exemplo: um professor que atua sobre uma determinada realidade adversa de elevado índice de violência na escola, pode agir com determinadas ações dialógicas, didático-pedagógicas e metodológicas, a fim de possibilitar a construção de elementos eficazes de redução deste índice. Neste caso, este professor promove ações e práticas que surtirão efeitos adversos sobre as diversas realidades ali presentes, de forma que, uma ação poderá ter múltiplos efeitos e esses efeitos, por sua vez, retornarão ao professor que, consequentemente, manterá as mesmas ações ou as modificará de acordo com o retroefeito recebido.

Na relação causa e efeito do operador cognitivo Retroativo, percebemos que uma das causas iniciais promovidas pelo primeiro maestro e fundador da Banda Marcial juntamente com a professora/diretora da unidade na época (1996) alicerçou-se na cativação, motivação e no incentivo, elementos esses que no âmbito da educação formal curricular têm grande relevância, uma vez que somos seres multidimensionais, com níveis de consciência individuais, especificidades de aprendizagem que precisam ser supridas no campo das ciências humanas, mas também no campo das emoções. Como efeito retroativo à causa inicial – cativação, motivação e incentivo –, Marciel Ferreira relatou que foi exatamente este processo que o fez encantar-se pelo grupo, pelas práticas ali trabalhadas, pelo coletivo e então, ensejar futuramente poder ser um maestro, o que acarretou sua formação em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia e graduação em Música.

Ao abordar sobre sua formação em Educação Física, como já supramencionado,¹⁶ Franciele Alves recorre à sua base formativa, retroagindo sobre ela e reconstruindo uma nova perspectiva de realidade em sua vida, gerando assim um efeito que, conseqüentemente, traz reflexos do tempo em que era integrante da banda. Quando ela afirma: “Eu busquei aonde? Através da banda, com ajuda do Marciel para montagem de coreografias na parte do corpo coreográfico da Linha de frente”, percebemos que esta afirmação vem ao encontro do que Mariotti (2017, s/p) nos aponta: “Os efeitos retroagem sobre as causas e as modificam. Além disso, eles também se influenciam mutuamente e dessas múltiplas interações surgem novos efeitos, que retroagem sobre suas causas e assim por diante.”.

Da perspectiva de Mariotti (2017) podemos citar também o fato de a gestora da instituição que sedia a Banda Marcial também ter sido aluna do colégio. Pelos relatos, ela não teve participação na banda como musicista; porém, retornou a esta instituição depois de sua formação e entrada ao corpo docente dos professores do estado de Goiás, enquanto gestora. Ciente da relevância do papel formativo, humano e musical da Banda Marcial, foi uma das gestoras que mais ofereceu suporte e viabilização às demandas que a Banda apresentou/apresenta.

¹⁶ Eu, dentro da Educação Física, eu sou apaixonada. Como eu trabalhei na Banda com coreografia, eu sou apaixonada em coreografias. Então eu trabalho muito e já ganhei até com os alunos da escola Antônio Campos no festival de dança e música. Do Américo Antunes (outra escola) a turma ganhou em primeiro lugar com dança. Então eu sou apaixonada nessa questão. Eu busquei aonde? Através da banda, com ajuda do Marciel para montagem de coreografias na parte do corpo coreográfico da Linha de Frente (Franciele Alves).

Outro discurso que é pertinente para este trecho é o relato de Gabriel de Castro, que se segue:

Até hoje, tem quase um ano que a banda não toca, o Marciel me chama. E já tem 6 anos que eu saí do colégio, no caso. Toda vez, sempre é aquela mesma emoção, sempre aquele arrepio, não importa. Qualquer lugar, viagem, aniversário da cidade principalmente (Gabriel de Castro).

Este relato vem ao encontro do operador Retroativo uma vez que, movido pelas transformações provocadas pela Banda quando era integrante, o músico ainda estabelece ligações que são contínuas e, atualmente, ele pode promover efeitos não-lineares e diferentes dos que provocava outrora, visto que sua percepção atual sobre a realidade é outra, enquanto egresso. Todavia, a relação causa e efeito deste operador é predominante no discurso, pois o músico retroage ao estado inicial de integrante, sob novas causas e novos efeitos que lhe são perceptíveis nesta nova realidade.

Diante das proposições e análises realizadas construímos o conceito de Sentido e Significado de Retorno. Este conceito vem alicerçado na perspectiva-matriz do Princípio Retroativo de causa e efeito, somadas às experiências de retorno dos egressos às realidades na qual outrora viviam, sejam elas na própria banda ou em ambientes que os remetam memorialmente a ela. Para esse sentido e significado construídos somaram-se as realidades concretas dos egressos às causas e efeitos por eles apresentadas e ao retorno ao ponto inicial (escola/banda) para assim, ter novas causas e efeitos não-lineares que permanecem até os dias atuais.

Nesta ótica, mesmo os egressos estando desligados da instituição/banda na qual eram integrantes, emergiu-se nos diálogos e troca de experiências desta investigação esta percepção de retorno. Todos ainda mantêm algum vínculo, não somente suas raízes, influências e reflexos alicerçados no tempo em que participaram da banda, mas como ainda se perduram relações interpessoais, profissionais, afetivas e humanas desses egressos à unidade (escola) e à Banda Marcial como um todo, promovendo assim, o Sentido e Significado do Retorno.

Este sentido e significado foram observados durante as exposições gravadas via videochamada, nas quais os egressos demonstraram ligação permanente até os dias atuais, mesmo aqueles que atualmente não residem mais no Brasil. Desta forma, apontaram relevante importância, expondo suas participações, mesmo que de forma

indireta, apoiando financeiramente o Projeto “Pra Ver a Banda Passar”, contribuindo pessoalmente em eventos, auxiliando o atual maestro nas construções de apresentações novas e se dispondo para possíveis atuações no projeto atual.

4.3.4 Princípio Dialógico

O Princípio Dialógico ou Princípio da Dialogia, segundo Moraes e Valente (2008, p. 41), “levou Edgar Morin a pensar na necessidade de serem superadas as dicotomias do tipo ordem/desordem no seio das organizações”, isto é, o autor considera que é quando se “deixa viva a contradição para possibilitar sucessivas sínteses provisórias”. Assim, os sujeitos são mais capazes de dialogar com as dualidades, as tensões contraditórias, conceitos que estão ligados por serem antagônicos. Estas percepções humanas são de fundamental importância para todas as instituições educacionais de forma democrática e dialógica para os dias atuais (SUANNO, 2015).

Moraes e Valente (2008) ainda destacam que

[...] devemos conceber a dialogia ordem/desordem no seio das organizações desde o nascimento do universo, pois essa dialogia está presente a partir da própria emergência da vida, mediante invisíveis inter-retroações que constantemente estão acontecendo nos mundos físico, biológico e social [...]. a dialógica ocorre para dar conta da associação do que é aparentemente considerado antagônico, a partir da ideia de união dos contrários (MORAES; VALENTE, 2008, p. 41).

Para apontarmos as especificações teóricas sobre a dialética e a dialogia, conceituamos que a dialética hegeliana¹⁷ é constituída por processos que partem de um fenômeno específico (a tese); diante desta propositura, para que possa haver questionamentos e enfrentamentos desta tese, faz-se necessário emergir uma posição contrária (a antítese). No processo dialético, o confronto às concepções contraditórias gera uma nova posição, que por sua vez, mescla-se com conceitos de ambos os lados contrários, que passa a ser a resposta encontrada, no caso, a síntese. Diante desta exposição teórica que elucubramos, a resposta obtida, que aqui podemos nomear de solução/resposta (síntese), não cancela a tese nem a antítese,

¹⁷ Conceito de dialética construído a partir do olhar do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich *Hegel* (1770-1830).

uma vez que, a tese é confrontante à antítese nesta concepção dialética, gerando assim uma síntese.

O que trazemos aqui é que a “dialógica se diferencia da dialética pelo fato de ser o debate entre duas posições contrárias, com o propósito de manter e ampliar as contradições entre opostos e conflitantes” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 173), isto é, não se exclui conceito A ou conceito não-A, mas nas suas contradições e em seus opostos, pode-se surgir um novo conceito que nomearemos de B que conviverá com os demais conceitos. Na concepção dialética, ocorre o conflito e a contestação teórica entre as partes que constituem um mesmo contexto, mas que são, por natureza, contrárias, “sem o propósito de anulá-las ou de alcançar uma posição de consenso; (MORAES; VALENTE, 2008, p. 173-174). Desta relação de análise e contestação de opostos, emerge-se outro conceito que poderá (ou não) ser contrário ao conceito já posto.

Ante a relação de opostos supramencionada, faz-se necessário trazer uma breve concepção da lógica binária aristotélica que fundamenta a concepção de dualidade. Esta perspectiva, apresenta uma lógica clássica de Aristóteles que aponta dois princípios básicos: o silogismo e a não-contradição. O primeiro atesta que a partir de duas concepções tidas como verdadeiras, elabora-se uma terceira que é a conclusão, fundamentando-se na binaridade conceitual. Já a não-contradição busca a peculiaridade de cada elemento, isto é, chegando à conclusão que é impossível que uma determinada coisa seja e não seja ao mesmo tempo. Para conjecturar a explanação supramencionada, segue-se uma frase: Todos os homens são maus. João é homem. Logo, João é mal. Neste assertiva não levou em consideração inúmeros elementos como as realidades vivenciadas por João, os princípios generalizadores, a exclusão da diversidade humana e as relações com as realidades, chegando a uma conclusão terceira, fundamentada em uma lógica binária.

Nesta propositura de convivência, apontamos o surgimento do terceiro incluído, que se constitui na inserção de um outro nível de percepção da realidade que não se fundamenta somente na tese ou na antítese, mas que dessa relação insere elementos outros que enriquecem o desenvolvimento de um conceito provisório. Desta forma, não nos fundamentamos mais na relação de A e não-A, mas sim de A, não-A e B convivendo e coexistindo no mesmo momento e mesmo tempo, possibilitando a travessia de maneira coerente e coesa entre os diversos campos do conhecimento (NICOLESCU, 1999).

Sobre a ligação entre o operador cognitivo dialógico e a lógica do terceiro incluído, Suanno (2009) nos aponta que

O operador cognitivo dialógico nos possibilita pensar na lógica do terceiro incluído, apresentado por Nicolescu (1999), quando alerta que há sempre um outro nível de realidade, mais amplo, além daquele em que os objetos de observação fazem parte e o que parece ser contraditório, na verdade não o é, mas sim complementar (SUANNO, 2009, p. 8334).

Segundo os conceitos do autor, para que possamos entender determinada concepção, é preciso que compreendamos também as várias multifaces e referências deste conceito; o que o autor nomeia como os níveis de realidade. Assim, emergindo a contradição diante dos fenômenos que nos surgem, “esta promove a construção de uma unidade includente indo além da soma dos termos em questão” (SUANNO, 2009, p. 8334).

Ainda para o autor, pensar de maneira dialógica é acolher as diferenças dos indivíduos de maneira única e pessoal, e desta relação, aproveitar as experiências obtidas para que o grupo todo cresça de maneira integral. Pensar dialogicamente, portanto, “é entender que uma pessoa completa a outra com aquilo que ainda não é dela, mas depois de participar da relação interpessoal, transforma em seu o novo conhecimento e dele se apropria ao seu jeito” (SUANNO, 2009, p. 8334), respeitando as individualidades, as singularidades, a multidimensionalidade e também os diversos níveis de realidades individuais e coletivos.

Fundamentados nas concepções teóricas que trazemos, observamos ligações ao Operador Cognitivo Dialógico em alguns de nossos discursos e dados levantados. Em um dos relatos ao rememorar momentos de apresentação da Banda Marcial anos após sua saída do grupo, Franciele Alves disse:

A emoção é muito grande de ver aquele momento. Principalmente ver que tá continuando. A continuidade, ver os alunos ali esforçados, principalmente na hora que eu vi o Marciel acolhendo as crianças com deficiências, gente... é uma coisa muito grande...essa criança gente, ela tá sendo incluída onde ela é muito excluída no mundo, né? Como se diz né: o que o mundo as vezes, muitos excluem, ele vivendo uma parte que não é excluída né? Até uma criança que não consegue no dia lá da apresentação, ele era cadeirante e tava lá... cadeirante na sua apresentação linda, maravilhosa, fazendo os movimentos, fazendo tudo. Então assim... a banda é uma conquista. É uma conquista (Franciele Alves).

O discurso de Franciele Alves alia-se à percepção da lógica do terceiro incluído supramencionada por Suanno (2009) quando aponta o acolhimento das diferenças como uma forma de encontrar caminhos outros para o entrechoque de ideias contrárias. Nesta realidade, a inclusão de um terceiro incluído (pessoas com deficiência) promove a desestruturação do conceito de organização sistemática do grupo e da linearidade das personalidades, uma vez que para que haja a real inclusão da pessoa com deficiência faz-se necessário desenvolver formas outras para o acolhimento, cuidado e métodos de ensino a estes alunos.

Sobre esta questão Mariotti (2007) aponta que a diversidade, muitas vezes, cria um grau de conflito. A diversidade, aparente ou latente, não pode ser ocultada ou negada. O conflito de ideias, opiniões e comportamentos é uma das principais fontes de inspiração para a criatividade e a convivência. Diz ainda que esse nível de conflito aceitável e desejável é simplesmente o resultado de oposições que não podem ser resolvidas em síntese, mas que busca caminhos outros para sua adaptação e aceitação.

No que diz respeito à aceitação da diversidade como forma dialógica de percepção, Clautamir Alves relata:

Eu tenho comigo que aprender um instrumento pra mim, foi aquele começo de eu me sentir capaz. Ele foi aquele start de falar assim: De agora em diante você sabe que você consegue se você correr atrás. Então pra mim foi muito importante. Tanto é que eu coloquei minhas filhas também numa aula de piano porque tudo que a gente aprender, a música vai muito além do que a gente imagina. Então pra mim, eu aprender um instrumento foi a coisa essencial que me fez eu acreditar em mim mesmo. Eu nunca fui muito bom em escola, um jogador de bola, um esportista. Em nada eu era bom. Quando eu comecei a tocar eu vi que eu era bom. Demorou eu entender que eu era bom, mas eu vi que meus companheiros contavam comigo e eu tinha aceitação deles, então isso aí me ajudou muito como pessoa até hoje (Clautamir Alves).

Ante o discurso desse egresso podemos perceber o processo dialógico da construção de um terceiro incluído que não é A (realidade de incapacidade de desenvolver atividades como esporte e estudos escolares), que também não se fundamenta em não-A (desenvolver habilidades respectivas ao esporte e aos estudos escolares), mas que se ancora em B (possibilidade do aprendizado da música como caminho para a dialogia entre A e não-A). Este processo que, aparentemente pode se apresentar como antagônico, faz com que possamos ampliar ainda mais nosso olhar,

assim como supramencionado em Suanno (2009, p. 8334),¹⁸ não excluindo nenhuma das possibilidades, mas abrindo caminhos outros para a complementariedade e convivência de opostos. A dialogia aqui apontada é também refletida quando percebemos a aceitação desse egresso na integração da banda realizada pelos membros do grupo. Mesmo sem ainda saber tocar um instrumento, o grupo abre espaço para a aceitação de demais elementos que se aprimoram no processo de construção de saberes musicais, abrindo caminhos outros para a aceitação de terceiros incluídos. Percebemos também esta abertura dialógica quando Willian Timóteo disse:

É um divisor de água mesmo. Eu falo porque eu era o piolhinho lá. O mais miudinho o mais fraco, só sofria na escola mesmo. Aí eu pegava um instrumento daquele e me sentia 10 vezes o tamanho que eu era fisicamente e tanto espiritualmente. Parece que até minha alma se elevava tocando. Porque eu era muito miudinho. Não podia nem encostar que eu já chorava. Aquilo ali pra mim foi autoestima.

A aceitação da possibilidade de aprendizagem de um instrumento musical, ante às ideias contrárias que este egresso tinha de si, possibilitou a inserção de um elemento outro (aprendizagem de música instrumental) ampliando assim o nível de realidade sobre si mesmo (fragilidade por ser o melhor, o mais fraco, possivelmente o mais novo) possibilitando a construção de sua autoestima que o fez vencer os obstáculos impostos por sua realidade fragilizada. É o que percebemos no relato de Gabriel de Castro, já supramencionado.¹⁹ Neste relato, Gabriel também apresenta suas fragilidades ante a realidade que vivia. Contudo, a entrada de uma terceira via fez com que ele fosse capaz de, no decorrer do processo de formação musical, ir construindo sua personalidade, vencendo suas dificuldades, acolhendo seus pontos frágeis e estabelecendo um novo diálogo entre esses pontos, aparentemente contrários, mas que segundo Suanno (2009) se complementam.

¹⁸ Citação em questão: O operador cognitivo dialógico nos possibilita pensar na lógica do terceiro incluído, apresentado por Nicolescu (1999), quando alerta que há sempre um outro nível de realidade, mais amplo, além daquele em que os objetos de observação fazem parte e o que parece ser contraditório, na verdade não o é, mas sim complementar (SUANNO, 2009, p. 8334).

¹⁹ Citação em questão: Eu era muito introvertido e quando eu entrei na banda eu comecei a conversar com as pessoas mais, participar mais das coisas né? Até então eu não gostava de participar das apresentações que tinha, eu falo da parte escolar né? E a parte de conseguir conversar mais com as pessoas que eu não conseguia mesmo. Hoje em dia eu converso de boa, trabalho em recepção, conversando com as pessoas, atendendo as pessoas e isso me ajudou bastante.

Pela análise dos discursos e (re)ligações observadas notamos uma máxima que se apresentou em todos os relatos, no que diz respeito à percepção de um novo sentido e significado, que é o Sentido e Significado da Superação Individual. A elaboração desse conceito significativo vem alicerçado na predominância de uma realidade A, que é contrária à realidade de não-A, e que encontrou caminhos de superação em B, isto é, os egressos relataram suas realidades de fragilidade emocional, física, cognitiva, estudantil, apontando elementos que correspondem às suas debilidades e fraquezas. Como forma de contrapor estas possibilidades contrárias de superação, encontraram uma terceira via, um terceiro incluído nesta equação que viabilizou a construção de um novo nível de realidade de si mesmo ante a relação de contrários (tese-antítese). Percebemos que em B (aprendizagem de música instrumental) os egressos puderam ancorar-se, construindo um novo nível de realidade, de percepção de si, da autoprodução de elementos superadores das dificuldades apresentadas e da fundamentação de uma nova roupagem individual, não excluindo as dificuldades, mas acolhendo-as, aceitando-as, desta forma complementando a relação.

4.3.5 Princípio Recursivo

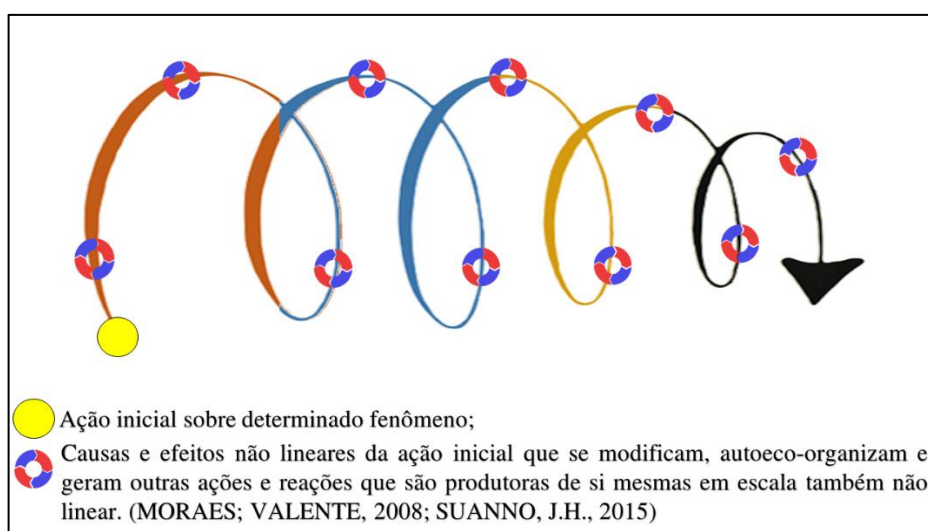
Outro princípio bastante significativo como um dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo é o Princípio Recursivo. Este, segundo Moraes e Valente (2008), vai além da noção de auto-regulagem do sistema retroativo, uma vez que parte para a fase da auto-organização na qual, “produtos e efeitos são eles próprios produtores e causadores daquilo que os produz” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 39). Para tanto, este princípio nos orienta a “compreender o fato de o indivíduo produzir a sociedade e ser por ela ao mesmo tempo produzido, em termos de cultura, linguagens e os mais diferentes códigos nela presentes” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 40).

Como conceituação e considerações no ato educativo, notamos que o princípio recursivo busca nortear o pensamento, a fim de formar um conceito amplo sobre a produção/construção do ser/indivíduo engendrado e ao mesmo tempo em que ele mesmo é produzido/construído. O professor, por exemplo, durante sua ação pedagógica, constrói o ambiente educativo com seus alunos e ao mesmo tempo, é por ele construído, modificado e (res)significado, gerando assim, “uma dinâmica auto-

produtora de sua organização, autoprodutora daquilo que a produz” (MORAES; VALENTE, 2008, p. 40).

A fim de explicar sobre este assunto, trazemos a figura 6. Nela obtemos uma ação inicial de um indivíduo sobre determinado fenômeno. Esta ação inicial gerará neste fenômeno, ações e reação não lineares que repercutirão em outras ações e reações também não lineares, sendo produtoras e produzidas ao mesmo tempo. Nesta ótica, as ações e reações não lineares significam que não podemos garantir que repercussões terão essas ações, após deflagrada por quem as gerou. Nesse não-controle habita a reverberação que foge do objetivo inicial pensado e passa a habitar o imaginário e a compreensão construída por cada pessoa, a partir de seu contexto de vida e aprendizagens que teve até então. Segue a figura:

Figura 6 – Estrutura cognitiva do princípio recursivo



Fonte: Criação do autor.

Suanno (2013) complementa sua explanação acerca do Princípio Recursivo atentando que:

Enquanto o princípio retroativo tem uma imagem dinâmica circular, esse princípio traz consigo a imagem de uma dinâmica circular espiralada, demonstrando a evolução do sistema, que vai de um ponto menos organizado para outro imediatamente mais amplo e superior ao anterior, transformando, ao mesmo tempo, a ideia de auto-regulação (princípio retroativo) em direção à espiral auto-organizadora que caracteriza o princípio recursivo (SUANNO, 2013, p. 59).

Isto posto, Suanno (2013) corrobora com Moraes e Valente (2008) quando atesta que a dinâmica do princípio recursivo – apresentado por ela e representado pela Figura 6 – está no fato de que todo produto é produtor daquilo que o produz e sob esta ótica, somos formados e formadores do processo educativo, sujeitos e produtos das nossas ações educativas, somos (res)significados e (res)significadores de conhecimentos e, mediados e mediadores dos saberes.

Bataloso Navas (2010) contextualiza o princípio recursivo dizendo que os processos de ensino-aprendizagem são recursivos por natureza, na medida em que produzem permanentemente condições que possibilitam processos de auto-eco-organização,²⁰ nos quais as pessoas que ensinam e aprendem relacionam-se umas com as outras e estão vinculadas ao contexto e ao objeto de aprendizagem, eles produzem e criam experiências que permitem sempre a geração de aprendizagens diversas e diversas formas e procedimentos de ensino. Neste caso, são produtoras e produtos do ambiente no qual eles mesmos constroem de forma coletiva e recursiva.

Durante o processo de levantamento dos dados foi perceptível a ligação de alguns discursos dos egressos a este Operador Cognitivo, principalmente no que diz respeito à formação humana. Pela via da Epistemologia da Complexidade compreende-se como formação humana a considerável valorização de todas as nuances do indivíduo, atendo-se às suas amplas facetas, tais como: multidimensionalidade intrínseca do sujeito, sua multirreferencialidade, seus variados níveis de realidade, suas bases filosóficas, políticas, sociais, religiosas e cognitivas.

Fundamentados nesta proposição e na concepção teórica apresentada por Moraes e Valente (2008) quando abordam a recursividade encontrada na relação homem-sociedade, no qual o homem integra/forma/participa/interage em uma sociedade e é por ela modificado/transformado/alterado, apresentamos o discurso do atual maestro, Professor Marciel Ferreira, que expôs o seguinte apontamento.

Eu vejo que o trabalho edifica e eu percebia que trabalhar com os alunos trazia essa responsabilidade de crescimento, porque eu via que os alunos

²⁰ Nos fundamentamos na definição de **Auto-eco-organização** dos conceitos de Edgar Morin (2007) que nos aponta uma nova forma de perceber que o sujeito e o mundo são elementos indissociáveis. Assim sendo, remetemo-nos novamente ao conceito supramencionado do Princípio Hologramático, compreendendo que o sujeito está no mundo assim como o mundo está em cada sujeito, estabelecendo uma relação de reciprocidade e constitucionalidade. Este conceito nos aponta que o ser humano tem em si a capacidade de se auto-organizar de forma natural (eco), ao mesmo tempo em que se relaciona e interage com o ambiente no qual vive e está inserido. Desta forma, diante desta relação seu comportamento é mutável, variável, numa perspectiva auto organizacional de comportamento de forma natural.

estavam ali com amor. Com amor a gente poderia estar buscando um amadurecimento profissional, amadurecimento técnico de cada um. E hoje eu vejo dentro do nosso projeto, muitos alunos que passaram a ser gerentes de loja, outros trabalhando aí, formaram-se na área do direito, se tornaram advogados, outros trabalharam assumindo grandes responsabilidades (Marciel Ferreira).

Ante o discurso de Marciel Ferreira percebemos a ótica da formação humana integral por meio do projeto promovido na banda e nas aprendizagens/construções formativas ali desenvolvidas. Notamos que ao mesmo tempo em que os egressos faziam parte da banda enquanto integrantes, eles eram por ela formados e, assim, se estabelecia um ciclo recursivo de aprendizagem e formação.

O maestro Willian Eduardo também relata momentos de formação humana e percebe que o trabalho desenvolvido com os alunos da Banda promoveu transformações que transcenderam os currículos e as atividades didático-pedagógicas na instituição escolar, modificando caminhos, reverberando na vida dos integrantes até os dias atuais. Segue seu relato:

Na verdade, eu me sinto realizado por ser o primeiro professor da fanfarra e depois banda. Muitos frutos foram colhidos nossos alunos tiveram a oportunidade de serem cidadãos e serem reconhecido municipalmente, no estado, no Brasil e na América do Sul levando o nome da cidade e da escola quando participaram no festival internacional de bandas e fanfarras no Chile. Todos os alunos participantes se realizaram como cidadãos, terminaram seus estudos e muitos cursaram ensino superior, odontólogos, professores, enfermeiros, advogados, policiais, fisioterapeutas e outros se tornaram músicos e um se tornou o regente atual da banda. Veja como um projeto pode resgatar e dar sentido às crianças de uma escola periférica dando-lhes dignidade, oportunidade serem cidadãos (Willian Eduardo).

Nesta mesma proposição, Clautamir Alves disse:

Eu sempre fui tímido, eu achava que eu chegar em algum lugar. Eu achava que tudo meu era inferior das outras pessoas. Eu era mais feio, eu era menos tudo. E entrar na Banda e já me deu aquele assim, uau ponto eu consigo! E aí quando a gente começou a tocar, como a gente ensaiava demais, tocava demais (Clautamir Alves).

Os discursos acima deram robustez à nossa perspectiva no âmbito recursivo, visto que, no primeiro relato, as ações práticas, didáticas, pedagógicas, o trabalho docente no âmbito do ensino de música e da relação mantida entre os alunos e maestro, puderam gerar reações por parte dos alunos que, influenciados por esse período, realizaram escolhas autônomas para suas vidas refletindo em seus futuros

como cidadãos, pais e mães de família e profissionais. No segundo relato, o egresso mencionado integrava a banda como musicista, interagia com seus membros, colegas, mantinha suas relações pessoais, escolares e pedagógicas e ao mesmo tempo, neste processo cíclico, era formado nele e por ele, remetendo-nos às exposições de Moraes e Valente (2008). Assim, também, confirmou Franciele Alves quando expôs:

Outro ponto também é que muitos alunos que participam conseguem sobressair no mundo, saber conversar. Porque tem muitas crianças que entram dentro da banda que são tímidas, as vezes dentro da sala de aula não conseguem expor o que as vezes ele precisa. E dentro da banda ele vai buscar isso, porque? Porque dentro da música ele precisa procurar pra poder aprender. Então ele tem que dialogar, ele tem que perguntar. E nisso ele sobressai no mundo, porque ele vai conseguir procurar, ele vai saber conversar, ele vai saber tentar tirar suas dúvidas, onde as vezes ele não conseguia. Vencer a timidez. Porque tem muitas crianças que entram que são tímidas e conseguem vencer isso através da música (Franciele Alves).

O discurso de Franciele Alves também fortalece a propositura de uma formação em dupla via, ou seja, o sujeito transforma/integra um ambiente e é por ele transformado. Nesta relação, as construções formativas dos sujeitos são estabelecidas por meio das relações humanas alicerçadas em práticas que promovem a transcendência das dificuldades individuais, o rompimento de barreiras emocionais, afetivas, relacionais, interacionais e, desta forma, contribuem positivamente no delineamento psicossocial do sujeito. Nesta mesma concepção, Willian Timóteo nos expõe sobre as contribuições que até os dias atuais reverberam em sua vida:

E outra coisa que eu carrego até hoje é a questão da disciplina que o Willian era muito severo em relação a isso aí. Tinha que estudar, tirar nota boa e fazer parte da banda e obedecer ele. Como diz: era um segundo pai que nós tinha lá, porque ele punha regra mesmo, sabe? Então isso aí a gente leva até hoje e eu sigo ela (Willian Timóteo).

Segundo os apontamentos de Willian Timóteo, a formação que receberam no período em que integraram a banda reverberam até hoje em suas relações. O egresso rememora a disciplina que era exigida do grupo pelo primeiro maestro. Em seus apontamentos, compreendemos que a disciplina não se remete somente às questões comportamentais, mas de organização, compromisso, união, comprometimento com os estudos, empenho em se comportarem no ambiente de sala de aula para que

pudessem ser alunos exemplares e garra em conquistar seus objetivos. Gabriel de Castro e Jhoanathan Fernando também expuseram o seguinte:

Eu era muito introvertido e quando eu entrei na banda eu comecei a conversar com as pessoas mais, participar mais das coisas né? Até então eu não gostava de participar das apresentações que tinha, eu falo da parte escolar né? E a parte de conseguir conversar mais com as pessoas que eu não conseguia mesmo. Hoje em dia eu converso de boa, trabalho em recepção, conversando com as pessoas, atendendo as pessoas e isso me ajudou bastante. Com certeza me ajudou (Gabriel de Castro).

Sim foi fundamental na minha vida para formação como pessoa e intelectual. Após continuei tocando em Igrejas das Assembleias de Deus em São Luís de Montes Belos GO, depois Ituiutaba MG, e hoje sou maestro da Banda Harmonia Celeste na cidade de Itumbiara GO, com 6 meses fundação (Jhoanathan Fernando).

Tanto o discurso de Gabriel de Castro quanto o discurso de Jhoanathan Fernando, consolidam nossas proposições e contribuem para a construção de um novo sentido e significado percebido em todos esses diálogos: O Sentido e Significado Humano-Formativo Transdisciplinar. Para a construção desse sentido e significado foram percebidas as relações recursivas dos egressos – formar um grupo e ser por ele formado / integrar uma instituição e ser por ela modificado/transformado –, as reverberações dessas relações nos dias atuais na vida desses sujeitos e à transcendência das temáticas meramente didático-pedagógicas e musicais.

Acreditamos que a formação humana das aprendizagens desses egressos, ultrapassaram os conceitos meramente curriculares transcendendo, modificando, reverberando e transformando caminhos que não seriam facilmente modificados sem a integração dos mesmos(as) à Banda Marcial. Notamos uma formação transdisciplinar quando os egressos apontam temáticas sobrepujam os trabalhos didático e pedagógico e avançam para o nível das percepções humanas, dos sentimentos, da escuta musical sensível (PAREJO, 2018), das relações interacionais e afetivas ainda mantidas hodiernamente, assim, remete-nos a um dos saberes que Morin (2007a) nos aponta em sua obra intitulada “Os sete saberes necessários à Educação do Futuro” que é a Ética do Gênero Humano. Em seus apontamentos, Edgar Morin aponta que “Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas o mesmo processo é produzido por indivíduos a cada geração. As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos” (MORIN, 2007, p. 105).

Ancorados nesta perspectiva que construímos o Sentido e Significado da Humano-Formativo Transdisciplinar, por compreender que a transdisciplinaridade, como já supramencionamos, apresenta-se como uma via de olhar ao que está claro. Porém, permanece entremeado nos conceitos teóricos, indo ao encontro do que Parejo (2018, s/p) aponta em seus estudos quando afirma:

A lógica transdisciplinar é muito adequada para as situações complexas com as quais nos deparamos, na vida em geral e na educação, pois o ser humano é concebido na totalidade de suas dimensões visíveis e invisíveis. Interessa tanto o que está por fora, quanto o que vai por dentro: mitos, crenças, imagens, representações. A realidade – também multidimensional e multirreferencial – admite múltiplos enfoques e a existência do inexplicável.

Acreditamos que este sentido e significado percebidos alicerça boa parte do que buscamos com esta investigação que é justamente analisar, por uma via Complexa, as relações humanas desses aprendizes e suas reverberações na vida de cada um. Por conseguinte, poder enxergar as múltiplas realidades, vivências enfoques e perceber que o recorte tempo/espço que aqui investigamos contribuiu para que esses sujeitos pudessem adquirir/construir coletivamente aprendizagens que alicerçam sentidos e significados distintos para cada um, dá sentido a esta investigação e amplia olhares outros sobre outras áreas do saber.

4.3.6 Princípio Auto-eco-organizador

O Princípio da Auto-eco-organização é parte constitutiva dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo na perspectiva que trazemos, fundamentada nas concepções teóricas de Edgar Morin. Para ele, este princípio constitui-se como orientador e explicitador da relação autonomia e dependência. Moraes e Valente (2008) atestam que no âmbito da dependência, o sujeito só pode ser autônomo a partir de suas relações em um determinado contexto no qual vive e do qual ele se mantém, isto é, a emancipação do homem é oriunda de suas relações com o meio no qual está inserido, das pessoas, situações, fenômenos que, de uma forma ou outra, modificam esse sujeito e são por ele modificados.

Essa relação intrínseca entre autonomia *versus* dependência, emancipação *versus* atrelamento, introduz o conceito de auto-eco-organização na qual estas

construções e estruturas geram novas formas de conexão e interligação, gerando novos comportamentos a partir do contexto no qual se vive.

Pensar pedagogicamente o Princípio da Auto-eco-organização é pensar também o complexo, o interligado, aquilo que está tecido junto (MORIN, 2007a), o inseparável, o pensamento em rede. Pensamento em rede, nesta concepção, constitui-se que cada indivíduo modifica, participa, interage e transforma os demais elementos que fazem parte das conexões nas quais estão interligados. Todos os fenômenos que emanam desta relação, sejam eles conflitantes ou não, agem e se movem de forma a se auto-eco-organizarem e beneficiar toda a rede de forma complexa e não mais fragmentada e disjuntiva.

Em um ambiente como a sala de aula, agir baseando-se no princípio auto-eco-organizador é promover um ambiente complexo, interligado, conectado, que (re)conhece a multidimensionalidade dos elementos nele inseridos, a fim de que todos se apoiem mutuamente para a resolução de situações-problemas que porventura possam emergir das relações e beneficiar a todos os elementos constitutivos deste organismo em rede.

Ciente de que o ser humano vive, atua e transforma um ambiente que é significativamente incerto, instável, maleável, não linear, mutável. Entretanto, é também permanente, descontinuado e complexo em relações e, assim, a perspectiva auto-eco-organizadora observa e (re)conhece “a existência de uma realidade constituída de objetos interconectados, por fluxos de energia, matéria e informação, que caracterizam processos auto-eco-organizadores” (MORAES, 2008; SUANNO, 2015, p. 33;) no qual, podemos orientar e pautar nossas ações, reflexões, análises e pensamentos.

No que tange à orientação do pensamento, baseando-se no operador cognitivo auto-eco-organizador, Marilza Vanessa Rosa Suanno nos traz alguns conceitos. Para ela,

Orientar o pensamento por meio do princípio auto-eco-organizador ou de autoprodução significa compreender que os sistemas vivos produzem e organizam a si próprios, sendo paradoxalmente autônomos e dependentes. Esta autonomia depende do meio exterior, por isso são seres auto-eco-organizadores (SUANNO, 2015, p. 101).

Isto posto, a autora visa explicar que a organização e orientação do pensamento, segundo o princípio auto-eco-organizador ou de autoprodução, faz com

que compreendamos que os sistemas vivos produzem e organizam a si próprios, sendo assim, autoprodutores e auto-organizadores de si mesmos e das suas relações com o próprio sistema no qual estão inseridos. Desse modo, se conjecturarmos um pouco sobre o ambiente educacional, poderemos reconhecer que as unidades escolares têm em sua essência, o princípio da auto-eco-organização ativado, uma vez que se constitui de elementos vivos que interagem entre si, agindo e reagindo sobre realidades múltiplas, tendo inseridas nessas experiências, níveis diversos de consciência e de realidades nos quais se interconectam e entrelaçam, fazendo com que esse ambiente complexo, aquele *tecido junto* (MORIN, 2007c) se auto-eco-organize a fim de promover uma ação que se assemelha ao da natureza ecológica, se adaptando, transformando e acolhendo as diferenças.

Partindo para a análise dos discursos que obtivemos, percebemos conexões oriundas dos conceitos deste operador cognitivo. Uma destas conexões se estabeleceu quando o atual maestro, Marciel Ferreira, abordou o trabalho que desenvolviam/desenvolvem e dos reflexos constitutivos destas ações.²¹ Na ótica auto-eco-organizadora, os seres vivos são autônomos – autoprodutores, auto-organizadores de si e de suas relações –, mas dependem diretamente do ambiente em que vivem e a relação entre eles e o ambiente é de dependência mútua e contínua. Sob esta perspectiva, para que os egressos entrevistados pudessem estar-ser quem são-estão, dependeram dos processos construtivos da escola/banda e assim, hoje eles são resultados autônomos de suas escolhas sendo autoprodutores de si mesmos e transformadores de seus ambientes, assim como foram outrora.

A relação de autoprodução e auto-organização é um processo intrínseco do ser humano, de forma que o sujeito o é atualmente fruto de organizações prévias, construídas e elaboradas por eles mesmo durante o processo formativo. Percebemos esta ligação nos discursos de Willian Timóteo,²² de Clautamir Alves²³ e nos relatos que seguem:

²¹ Citação em questão (já mencionada da p. 108): Eu vejo que o trabalho edifica e eu percebia que trabalhar com os alunos trazia essa responsabilidade de crescimento. Porque eu via que os alunos estavam ali com amor, com amor a gente poderia estar buscando um amadurecimento profissional, amadurecimento técnico de cada um. E hoje eu vejo dentro do nosso projeto, muitos alunos que passaram a ser gerentes de loja, outros trabalhando aí, formaram-se na área do direito, se tornaram advogados, outros trabalharam assumindo grandes responsabilidades.

²² Citação em questão já mencionada: Rapaz, eu é a mesma pegada. Eu nunca consegui sair da música não. Até aqui mesmo na banda da igreja eu toquei. Tive o privilégio de tocar trompete de novo e depois de muitos anos eu consegui. E é bom demais. Eu não dou conta de ficar sem.

²³ Citação em questão já mencionada: [...] quando a gente já foi pra Caldas Novas, tudo era cobrado, a sua roupa, como você estava vestido, se tá tudo acertadinho, se o chapéu tá torto, se você tá

A gente quer conquistar mais, a gente quer ir mais além a gente quer ajudar. Então eu comecei assim... como uma simples menininha lá no meio da banda, tentando dar o meu máximo, né? Nisso eu fui crescendo na vida, descobri o meu dom de ensinar, o meu dom de ajudar e hoje me tornei professora de Educação Física. Estou trabalhando na rede municipal (Franciele Alves).

Hoje nós trabalhamos na escola em como trazer essa oportunidade²⁴ para mais alunos. A gente via que pra eles (aos alunos interessados em participar da banda), a banda, a música, seria uma oportunidade que eles teriam para um crescimento na vida. E hoje nós trazemos essa oportunidade. Eu diria que a banda hoje, a música dentro da escola São Sebastião ela é um marco, uma estrutura de oportunidade que nós temos. E é isso que nós fazemos hoje: trazemos oportunidades para os alunos lá do CEPI (Marciel Ferreira).

Aprendemos a ter uma boa disciplina, bom convívio e um melhor interesse, aprender e estar presente sempre, seja em provas, campeonatos e apresentações representando sua banda e seu colégio, e no futuro bem próximo poder dizer: eu fiz parte desta história (Marcos Silva Costa).

Pela análise dos excertos discursivos que selecionamos, podemos compreender a ligação do operador cognitivo da Auto-eco-organização e a relação autoprodutiva, autoformativa e auto-organizacional numa perspectiva em rede, isto é, uma formação autônoma e ao mesmo tempo interdependente do meio no qual os sujeitos estão inseridos. Em todos esses discursos os egressos apontaram elementos contundentes de que os momentos de construção coletiva, compartilhamento de experiências e de formação foram o alicerce para sua autoprodução enquanto sujeitos autônomos e também autoprodutores de si mesmos. Nesta concepção, todos eles conseguiram estabelecer o vínculo de interdependência formativa ao tempo em que estiveram atuando na banda enquanto musicistas.

Seus discursos reforçam o conceito de que os resultados de suas evoluções pessoais e profissionais possuem alicerces fundantes em um período formativo de construção de um perfil autônomo e independente, resultado de uma construção prévia em coletivo. Na banda, as ações práticas para a promoção da emancipação eram constantes, visto que cada indivíduo era participante e coparticipante do processo de construção da apresentação como um todo. Música e coreografia deveriam estar sincronizadas em um plano organizacional específico, a fim de que

marchando direito, se as meninas tá girando o bastão pro lado certo. Então eu tava aqui preocupado dando o melhor no meu (instrumento) e tava preocupado também com todos os alunos fazendo o mesmo, dando o seu melhor lá. E dava certo.

²⁴ Em seu relato, Marciel Ferreira abordava as possibilidades de oferecer o ensino de música e um instrumento aos alunos interessados em integrar a Banda Marcial.

todos os elementos estivessem ancorados em uma emancipação que fora construída a priori para que a apresentação acontecesse de forma bela e organizada.

Enquanto notação de sentido e significado atribuído aos discursos e às percepções que os egressos expuseram, pudemos construir o Sentido e Significado da Autoprodução, isto é, a consciência de que ao mesmo tempo em que somos sujeitos autônomos e independentes, o somos também interdependentes e conectados ao meio nos quais vivemos e esse contexto serve de instrumento coprodutor de nós mesmos. Somos responsáveis pela nossa autoprodução, autodesenvolvimento, autoformação; contudo, somos também dependentes de ambientes internos e externos e das relações desses ambientes com os sujeitos envolvidos para tais evoluções, corroborando assim com os pressupostos que Mariotti (2007) quando afirma que

[...] é possível dizer que os seres vivos são autônomos, mas não independentes. De modo paradoxal, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. Em outros termos, os seres vivos são autônomos (autoprodutores, auto-organizadores), mas dependem do ambiente em que vivem. A relação entre eles e o ambiente é de dependência mútua (MARIOTTI, 2007, s/p).

Mariotti (2007) aborda o conceito de autonomia-dependência que Edgar Morin tanto fala quando elabora seus pressupostos acerca da Epistemologia da Complexidade e é desta forma que percebemos o Sentido e Significado da Autoprodução: ciente de que fazemos parte de um ecossistema vivo composto de processos de transformações e enquanto sujeitos, somos autoprodutores de nós mesmos, contudo produzidos no e pelo meio no qual estamos. Somos autônomos e dependentes, emancipados e conectados ao mesmo tempo. Esta dualidade complexa remete-nos à concepção matriz da Epistemologia da Complexidade que esta investigação se propôs intentar. Tudo está entremeado, ligado, adjunto, unido e complexo.

4.3.7 Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente

O Princípio da reintrodução do sujeito cognoscente no processo de construção do conhecimento é um dos operadores elementares do pensamento complexo, visto que, este remove a estagnação e a inércia da atuação daquele que aprende e devolve

seu lugar de agente transformador participativo e atuante no processo de construção dos saberes.

Ao analisarmos etimologicamente a palavra “reintrodução”, percebemos a presença do prefixo re ao substantivo introdução. A utilização deste adjunto à palavra, tem a intenção de trazer ao verbo introduzir, um movimento de retorno que se repete, isto é, o termo reintroduzir denota-nos que algo foi removido e está novamente sendo inserido em determinado fenômeno. Sob esta perspectiva, percebemos que algo/alguém, seja indivíduo ou fenômeno, fez com que esse sujeito fosse removido do processo de construção do seu conhecimento ou não fizesse parte dele de forma ativa. A concepção de reintrodução do sujeito cognoscente, segundo Moraes e Valente (2008), não somente reintroduz o sujeito ao ato da construção do conhecimento, mas abrange também o âmbito epistemológico e metodológico do processo de construção.

Sob a análise supracitada, os autores afirmam que reinserindo o sujeito que pensa, conhece, sabe e, que é autor de sua(s) própria(s) identidade(s) e também co-autor de construção mútua em um processo de construção de saberes, constitui-se um resgate dele mesmo no processo de construção do conhecimento e, a partir daí, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por parte do espírito/cérebro que vive numa cultura e num tempo determinado (MORAES; VALENTE, 2008, p. 43-44).

Suanno (2015) corrobora com Moraes e Valente (2008) quando afirma que este princípio “compreende a inseparabilidade entre ser e conhecer e o papel dinâmico e ativo do sujeito na construção de mediações, relações, intercâmbios, conexões, auto-eco-organizadoras do conhecimento que constrói[...]” (SUANNO, 2015, p. 81), retirando assim, o sujeito que aprende, multidimensional, multirreferencial, capaz, de um lugar de estagnação e inércia do ato de construção dos saberes coletivos e individuais. Este processo devolve o poder da fala, da atuação, da autonomia, do poder de criatividade, de transformação e coloca o sujeito cognoscente como autor de sua própria história e saber.

Bataloso Navas (2010) complementa os conceitos já apresentados por Moraes e Valente (2008), Suanno (2013) e Suanno (2015) inferindo que reintroduzir o sujeito cognoscente nos processos de ensino-aprendizagem significa partir do fato de que sempre aprendemos de forma integral e unitária, isto é, cada um aprende a seu tempo, por meio de métodos e processos únicos e particulares, respeitando as especificidades cognitivas deste sujeito. Para o autor, não é o cérebro que aprende,

não é o hemisfério esquerdo, nem mesmo o direito, nem o corpo isolado do contexto pessoal e social, mas, pelo contrário, é a pessoa inteira, multidimensional, multirreferencial, multifacetada, em todas as suas dimensões e inter-relações que tão harmônicas estão integrando e articulando a aprendizagem a partir da perspectiva de seu processo único de desenvolvimento e autorrealização.

Sob esta luz, podemos inferir que todos, independentemente de questões biocognitivas, sociais, econômicas, filosóficas, psicológicas, têm em si, ampla capacidade de serem reintroduzidos no processo de construção dos saberes, ao ponto de não estarem mais inertes, estagnados e imóveis, mas autônomos, capazes, motivados e prontos para poder construir os saberes por meio das interrelações que o ambiente proporciona.

Para Bataloso Navas (2008), reintroduzir o sujeito cognoscente no processo de construção do saber, além de uma nova visão epistemológica que nos permite integrar a aprendizagem oriunda das experiências e das ações humanas, que são sempre mais ricas e vão muito além das prescrições elaboradas pelos preceitos da gestão educacional, também nos imerge em um novo paradigma educacional de natureza libertadora, personalizada, holística e transdisciplinar.

Colocar o indivíduo com suas especificidades no centro de toda atividade educativa, garantindo as condições que possibilitem seu máximo desenvolvimento no sentido de conquistar sua máxima humanidade é, portanto, uma abordagem didática estratégica que está sempre situada muito além dos estreitos limites do livro puramente de receitas, técnicas ou administrativo. Cabe salientar que o sujeito não se mostra jamais inerte ou neutro, incapaz de promover transformações nos fenômenos e circunstâncias, pelo contrário, defendemos que as transformações ocorrem justamente por existirem sujeitos presentes em um determinado contexto.

Este operador cognitivo do pensamento complexo foi percebido em alguns diálogos que obtivemos com os participantes. Em sua grande maioria, as realidades múltiplas dos egressos demonstraram que a inserção do sujeito enquanto construtor de sua própria realidade foi elemento preponderante para que pudessem passar pelo processo de formação humana, curricular, escolar e no ensino de música. A construção do sujeito, segundo o pensamento Complexo é influenciada diretamente pelo meio e pelas relações construídas desse contexto interativo. A mediação por parte do sujeito que medeia tem papel fundamental na construção dos conhecimentos.

Pelos relatos dos maestros Willian Eduardo e Marciel Ferreira podemos perceber o processo de integração e reinserção dos sujeitos aprendizes no processo de construção dos conhecimentos musicais da Banda Marcial no que diz respeito à escuta, produção artística, diálogo, sugestões, construção conjunta do repertório, apoio coletivo e mútuo. Seguem os relatos:

Como era bom ouvir as sugestões deles. Tivemos até uma composição oficial com nome: 'FAZ PARTE' iniciada pelos alunos Clautamir, Pedro, Rogério, Jonas, Jhoanathan(boca), Jhonatas Ebert, seguida por outros... Era lindo ouvir o FAZ PARTE algo nosso, único!!! Lembro como se fosse hoje eu escrevendo a partitura daquele som que encantava (Marciel Ferreira).

Na formação do primeiro grupo de alunos em 1995 eles tinham em média 12 a 13 anos e eram do Ensino Fundamental anos finais. Na verdade, os primeiros toques foram construídos por mim, mas muitos alunos se destacavam e eu abria espaço para eles opinarem e dar sugestões na escolha e melhor forma de aprender (Willian Eduardo).

Os excertos dos discursos acima retratam traços do Princípio de Reintrodução do Sujeito Cognoscente, demonstrando a dinâmica de integração entre os maestros e os estudantes, se atendo aos conhecimentos prévios desses alunos, suas capacidades de produção de saberes musicais mesmo sendo iniciantes. Numa perspectiva complexa, os sujeitos são reinseridos no processo de construção e passam a ter voz ativa, transformadora, autônoma e participativa. O sujeito que medeia este processo passa a fazer parte da responsabilidade e autonomia construtiva aos aprendizes que, coletivamente, relacionam-se entre si e integram saberes produzindo um novo nível de percepção da realidade neste contexto.

Ante esta propositura, Clautamir Alves apontou um elemento significativo no que diz respeito à sua inserção enquanto autoprodutor de seus conhecimentos, dentro do recorte temporal em que foi aluno e musicista da Banda Marcial. Segue seu discurso:

Eu lembro quando eu fui fazer a prova teórica, porque tinha que fazer a prova teórica e aí tinha que fazer a prova prática... a prova teórica, eu lembro como se fosse hoje. Eu tirei acho que foi 70 e alguma coisa, e eu fiquei tão triste porque eu já sabia que eu não tinha passado... porque William tinha falado que a nota é 'tal' para vocês passarem. Eu fiquei muito triste mesmo, muito triste, eu fiquei assim: Acabou meu mundo... eu pensei: não passei. E eu peguei essa prova e saí chorando no dia do teste. O William já era da banda nessa época. Nós éramos uma turma nova e eu saí chorando. Ele me viu de longe, com certeza ele já sabia que eu teria potencial, que a nota em si não diria muito sobre o meu potencial... ela era importante sim, mas ele percebeu que eu era dedicado e que eu queria muito participar. Aí foi onde ele olhou a

prova e disse: deixa eu ver sua prova. Ele olhou minha prova assim... 'vem amanhã para ensaiar'. A partir desse dia, esse momento já mudou a minha vida como pessoa porque eu era uma pessoa muito tímida (Clautamir Alves).

Este excerto foi escolhido, pois nele há uma memória de vida que se conecta ao operador apresentado. Ante o processo seletivo para a integração à banda realizado na época de seu ingresso, o então aluno não conseguiu média suficiente para sua entrada; porém, segundo os relatos, o maestro da época conseguiu enxergar a potencialidade do estudante, sua vontade de participar e de construir um futuro ali e escolheu inseri-lo no como integrante, mesmo que uma das etapas (seletivo) não tivesse sido considerada um sucesso. Desta forma ocorre no cotidiano das realidades, isto é, os agentes que medeiam as construções de conhecimento, ao inserirem os sujeitos que são considerados cognoscentes (pois são autônomos dos seus saberes, produtores de conhecimentos, ativos na ação didático, capazes de desenvolver práticas criativas de aprendizagem) promovem um processo essencial para o rompimento de fragilidades que, outrora, impediam esse aprendiz de estar inteiramente inserido, tornando-o verdadeiramente integrado na construção de seus saberes. Segundo o relato, esta ação de inserção, consideração, de vislumbrar o que estava por trás das meras informações de uma ferramenta avaliativa fez com que Clautamir Alves se sentisse capaz e desta forma, passou a ser protagonista de sua própria história. Deste modo, chegou-se à realidade relatada já supramencionada.²⁵

Sobre esta realidade, Franciele Alves e Magna da Guia de Oliveira disseram:

E hoje eu acredito que todos que entraram na banda, como filha da professora que ajudou nessa etapa, eu via grandes momentos do Marciel da minha mãe²⁶, buscando alunos pra poder entrar na banda, pra poder participar. As vezes tirar até de algum mundo que a criança tava entrando e eles iam ali, resgatava pra dentro da banda, onde tinha que ter disciplina, onde eles cresciam. Já teve situações assim que a gente viveu, que é um aprendizado muito grande. Então, eles estavam ali pra o quê? Pra buscar, pra fazer esses alunos crescerem na vida e hoje muitos alunos que foram da Banda eu vejo que cresceram (Franciele Alves).

Foi a melhor experiência da minha vida dentro desse projeto no decorrer desses anos tivemos a oportunidade de tirar muitos alunos do caminho das drogas da prostituição aconselhando ajudando. Mostrando que podemos vencer dificuldades e fazer desses desafios oportunidades.

²⁵ Citação em questão já mencionada: Eu sempre fui tímido, eu achava que eu chegar em algum lugar. Eu achava que tudo meu era inferior das outras pessoas. Eu era mais feio, eu era menos tudo. E entrar na Banda e já me deu aquele assim, uau ponto eu consigo! E aí quando a gente começou a tocar, como a gente ensaiava demais, tocava demais. (Clautamir Alves)

²⁶ A mãe de Franciele Alves é Magna da Guia de Oliveira que foi professora da Comissão de frente de 2005 à 2014.

Hoje olho pra trás e sinto gratidão por ter entrado nesse projeto no qual pude exercer meu trabalho para escola e aprender muito mais que ensinar. (Magna da Guia de Oliveira).

A reintrodução do sujeito cognoscente no desenvolvimento do seu processo de aprendizagem busca reintegrar, religar e redirecionar caminhos de sujeitos que, outrora foram desconexos, desfeitos ou não inseridos no processo de construção dos conhecimentos, sejam eles quais forem. No que tange ao processo supramencionado por Franciele Alves e por Magna da Guia de Oliveira, a busca ativa dos alunos, realizada pelo maestro e pela professora responsável pela Comissão de frente, constitui-se não somente um resgate dos alunos de um contexto social, econômico e moral fragilizado, mas como um passo para a integração desses sujeitos a um grupo de outros estudantes que, em conjunto, construiriam um novo nível de realidade a partir das práticas vivenciadas pela banda e de suas relações. Desta forma, enxergamos uma ligação com a Epistemologia da Complexidade, visto que ela objetiva o resgate dos sujeitos, concedendo-lhes a elaboração de instrumentos humanos que lhes possibilitarão ser autores de suas próprias histórias, coautores de realidades e de construções coletivas, fazendo com que se integrem e se enxerguem no processo de construção do conhecimento, sendo ativos, auto-eco-organizadores e coprodutores de si mesmos.

Nesta mesma ótica complexa, percebemos outro relato de Franciele Alves quando atestou a participação de alunos com deficiência sendo integrados à Banda Marcial e participando ativamente como musicistas de apresentações já realizadas pela banda.²⁷ Segundo esta egressa, a (re)inserção dos estudantes com deficiência ainda pode ser considerada um patamar ainda mais elevado para a integração dos saberes, visto que cada aluno com deficiência tem suas necessidades específicas para a promoção da aprendizagem de música. Neste caso, Franciele Alves ainda ressalta que “o que no mundo as vezes, muitos excluem, ele (pessoa com deficiência)

²⁷ Citação em questão já mencionada. Principalmente na hora que eu vi o Marciel acolhendo as crianças com deficiências, gente... é uma coisa muito grande...essa criança gente, ela tá sendo incluída onde ela é muito excluída no mundo, né? Mexer com a criança que a gente trabalha 24 horas quase com uma criança que tem uma necessidade especial não é fácil. Imagina numa banda. Como se diz né: o que o mundo as vezes, muitos excluem, ele vivendo uma parte que não é excluída né? Até uma criança que não consegue no dia lá da apresentação, ele era cadeirante e tava lá... cadeirante na sua apresentação linda, maravilhosa, fazendo os movimentos, fazendo tudo. Então assim... a banda é uma conquista. É uma conquista. É um aprendizado pra cada um que entra. Ele vai carregar pro resto da vida. Quando ele entra ele vai aprender uma coisa e essa coisa ele vai levar até o resto da sua vida (Franciele Alves).

vivendo uma parte que não é excluída”, integrando-se, sendo inserido, ligado, conectado aos demais membros tornando-se um grupo só.

Clautamir Alves complementa a fala de Franciele Alves dizendo:

Então meu primeiro contato com a música, como instrumentista foi na Banda, porém eu já tinha um ouvido muito bom, porque desde pequeno eu já ouvia música, meu pai gosta muito de música e gostava de música no som do carro, som alto e eu sempre fui envolvido com isso. Ouvia muito Michael Jackson então gostava de ouvir música. Meu pai e minha mãe me motivou a participar da banda. Até então eu não acreditava que poderia ser capaz e minha mãe falou: é muito bonito meu filho, vai lá participar. Foi aí que eu comecei, fiz o teste passei e nunca mais eu me desliguei da música na questão de instrumento mesmo (Clautamir Alves).

Percebemos que o incentivo ao ingresso na Banda Marcial promovido pelos pais deste egresso fez com que ele buscasse sua inserção no grupo, seu aprimoramento pessoal, apoio coletivo e o rompimento de suas fragilidades como a timidez, baixa autoestima, pouca percepção de futuro e baixo rendimento escolar. Assim, a reinserção do sujeito aprendente, partindo em forma de incentivo dos pais também constitui-se como elemento fundamental para o desenvolvimento de uma mudança dos níveis de percepção da realidade deste sujeito, promovendo o autorreconhecimento, a autopercepção de suas habilidades musicais, a autoprodução das ações didáticas da banda e a promoção da elevação da autoestima fazendo com que este aluno tornasse-se produtor e construtor de sua realidade e da realidade do contexto no qual ele se inseria.

Outra marca similar a supramencionada foi percebida nos apontamentos de Jhoanathan Fernando. Segue o relato:

Iniciei com maestro William que tenho boa relação... nos vemos pouco, mas sempre que nos vemos nos falamos. Foi quem me ajudou muito! Eu tinha um problema sério de timidez e não conseguia desenvolver as atividades musicais individualmente. E ele com paciência me ajudou a desenvolver e a perder o medo do que os colegas iriam pensar se eu errasse uma nota (Jhoanathan Fernando).

Podemos perceber que não são somente as ações práticas ou até mesmo didáticas que produzirão a reinserção do sujeito cognoscente no processo de construção dos seus conhecimentos, mas também momentos de ensino, de paciência, de diálogo, de compreensão das fragilidades, desenvolvendo laços afetivos de amizade, companheirismo e união. Foi o que percebemos nos relatos de

Jhoanathan Fernando. As ações pacientes do maestro da época (Prof. Willian) promoveram o desenvolvimento da autoestima, do autorreconhecimento da sua importância no grupo e também da criação de maneiras de se expressar melhor, perdendo a timidez e o medo da não-aceitação pelo grupo. Essas práticas podem ser vistas como elementos significativos no processo de reintrodução do sujeito cognoscente, visto que visam produzir nos sujeitos envolvidos a coparticipação ativa na ação de construir um novo nível de percepção da realidade e de si mesmo, fazendo com que se amplie também a visão sobre si, sobre os outros e sobre sua realidade.

Ante as proposituras aqui analisadas, pudemos construir um conceito sobre o Sentido e Significado que se liga a este operador: Sentido e Significado da Integração. Este conceito que construímos fundamenta-se no estabelecimento de uma triangulação que alia o sujeito que medeia, ao sujeito aprendente e aos níveis de realidade dos contextos.

Acreditamos que quando há a integração e o reconhecimento dos diferentes níveis de realidade desses elementos sob uma perspectiva processual complexa e dialógica, podemos ter a reinserção desses sujeitos na construção dos conhecimentos, visto que, pelo processo integrador podemos inserir esses indivíduos na (re)formulação de estratégias de rompimento das fragilidades pessoais e coletivas; pelo processo de reconhecimento dos diferentes níveis de realidade podemos caminhar sobre as incertezas, acolhendo as diferenças de realidade, compartilhando saberes coletivos para a criação de uma nova percepção dessa realidade coletiva que promova o bem-estar, o desenvolvimento de competências emocionais, da autoestima e da autopercepção de si e do outro.

Percebemos e construímos esse Sentido e Significado pela percepção de integração dos relatos, nas vivências e nas memórias afetivas expressas pelos egressos e compreendendo que a realidade é constituída da integração de vários níveis de percepção humana sob a ótica dos sujeitos que dela participam. Por meio da integração, os sujeitos podem se sentir parte do todo complexo, partilhando saberes, aprendendo com o outro, transformando o contexto e sendo por ele transformado e assim, desenvolver uma nova percepção de si e do coletivo, transcendendo para relações integrais de vivência, ou seja, respeito mútuo, valorização da multidimensionalidade humana, respeito à pluralidade de ideias, autoprodução de conhecimento num todo coletivo e o autorreconhecimento como sujeitos ativos e transformadores de realidades.

CONSIDERAÇÕES PARA O MOMENTO

Aliar os conceitos da Epistemologia da Complexidade, bem como os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo às práticas didático-pedagógicas trabalhadas nas instituições educativas pode ser um elemento de significativa relevância para que possamos compreender um pouco mais do movimento da compreensão do homem enquanto ser multidimensional, multirreferencial e complexo. A compreensão da Epistemologia da Complexidade nos oferece possibilidades de construção de saberes não disjuntivos e não fragmentados, ampliando assim nossos níveis de percepção sobre as realidades, aliando constructos criativos às propostas de atuação da vida humana nos momentos de interação coletiva e autoprodução de saberes individuais.

Ao iniciar esta trajetória investigativa, diversos foram os percalços encontrados, complicações devido à pandemia, restrições, mudanças de caminhos e acolhimento das incertezas. Edgar Morin foi e ainda tem sido para mim uma grande inspiração do vislumbre de um mundo mais humano, com ações planetárias que refletem o bem-estar do outro, o respeito às diferenças, o acolhimento das possibilidades e impossibilidades, das fragilidades humanas e da produção criativa de um olhar complexo sobre as várias facetas da vida neste mundo.

No decorrer deste caminho investigativo, buscamos ressignificar os termos sentidos e significados, fundamentando as construções teóricas em concepções dos conhecimentos linguísticos que se ancoram em Bakhtin (2010) e em Leontiev (1978) e da Psicologia Humana em Vygotsky (1986-1934), respectivamente, para assim poder construir um conceito autônomo, mas indissociável, do que já fora construído pelos teóricos supramencionados.

Promovemos um retrospecto histórico que remonta à criação das bandas musicais e marciais em terras brasileiras com o propósito de dar ao leitor um pano de fundo histórico, uma vez que as construções acerca das bandas marciais outrora criadas, se alicerçam até os dias atuais sob quase os mesmos aspectos constitutivos, isto é, uso dos instrumentos em ritmos marcadamente utilizados no contexto militar, vestimentas que se assemelham com fardas, uso de gritos de guerra, marcha marcada dentre outros elementos já mencionados.

Buscamos estabelecer uma relação teórica à luz da Epistemologia da Complexidade entre os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo aos

sentidos e significados das aprendizagens dos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião que foram constituídos pelos vários discursos, experiências (individuais e coletivas) e relatos apresentados pelos participantes desta investigação.

Nossa pesquisa se propôs responder uma questão problematizadora: Quais os sentidos e significados das aprendizagens construídas pelos egressos da Banda Marcial do CEPI à luz dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo? Ante a questão que nos inquietou, pudemos realizar todo o processo investigativo-metodológico para a construção dos dados desta pesquisa, possibilitando-nos ampliar o olhar acerca da Epistemologia da Complexidade, sob as balizas dos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo e assim, enxergar sentidos e significados construídos pelos egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião.

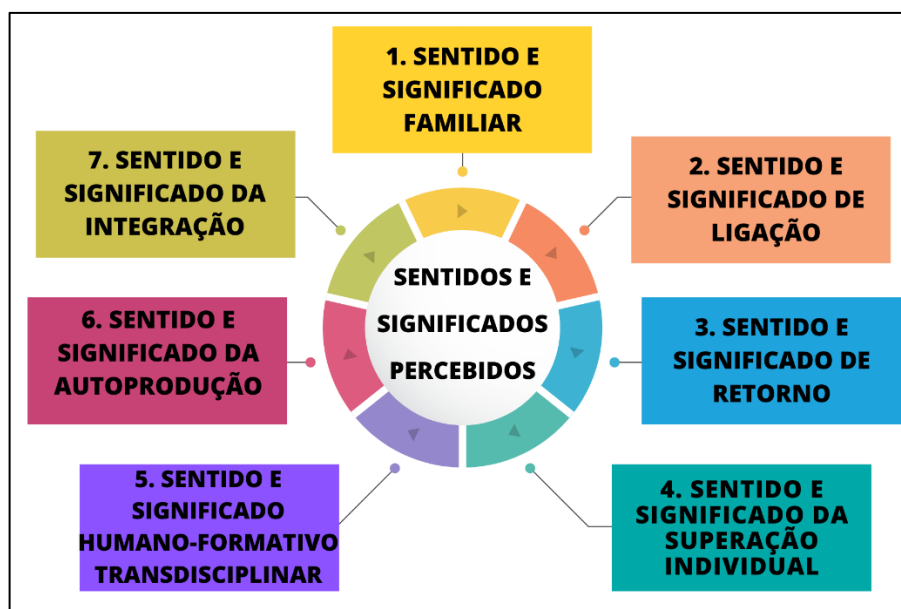
A análise dos discursos construídos nas sessões de videochamadas, nos formulários virtuais e nos diálogos em plataformas digitais de mensagens nos permitiu ampliar nossa perspectiva acerca do ensino de música na escola, das relações humanas construídas através da interação entre os participantes da banda, das possibilidades de enxergar complexo as (re)ligações de saberes e a construção da aprendizagem e poder compreender até onde estas construções individuais e coletivas de aprendizagem influenciaram/influenciam esses sujeitos hodiernamente. Chegamos à conclusão deste processo investigativo sem a intenção de encerrar a temática aqui trabalhada (Música - Banda Marcial – Educação - Complexidade) e cientes de que esta obra torna-se um ponto de partida para que outros pesquisadores ampliem o olhar sobre este tema e produzam outros conhecimentos, análises e reflexões, visto que em toda nossa busca em plataformas científicas, academicamente respeitadas, não encontramos nenhuma dissertação ou tese que alie a música, Banda Marcial, Educação e a Epistemologia da Complexidade.

Após realizar um processo minucioso de análise – tanto documental, quanto de dados empíricos – , escuta atenta e sensível aos discursos obtidos, olhar balizador e ancorado na epistemologia que nos fundamentamos, percebemos que as práticas didático-pedagógicas do ensino de música na Banda Marcial CEPI São Sebastião, bem como as relações maestro-músicos, músicos-músicos, maestro-comissão de frente, comissão de frente-músicos, as construções de conhecimento – individuais e coletivas – realizadas pelos membros desde a fundação da banda em 1996 dialogam com diversos princípios do pensamento complexo. Relacionamos alguns elementos principais que promovem um olhar Complexo sobre o que mencionamos:

- ✚ Percebemos que a atuação dos maestros e da coordenação da comissão de frente religam saberes individuais e coletivos quando abrem a possibilidade de diálogo para a construção de novos ritmos, músicas e apresentações;
- ✚ O grupo analisado foi capaz de construir uma relação de familiaridade entre os membros, compartilhando experiências (individuais e coletivas) que influenciaram e ainda influenciam suas vidas (pessoais e profissionais), tomadas de decisões e caminhos a serem trilhados por cada um;
- ✚ Enxergamos a conexão de todos os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo aos discursos e relatos obtidos pelos participantes, consolidando assim, em maior ou menor grau, a relação direta dos operadores às construções de sentido e significado que propomos analisar;
- ✚ Tende-se compreender que uma Banda Marcial tem suas estruturas de comportamento e relacionamento fundamentadas no militarismo hierárquico, com posturas rígidas, ordens de comando, autoritarismo para disciplina. Todavia, mesmo a Banda Marcial CEPI São Sebastião sendo estruturada como uma Banda Marcial, as práticas de ensino nos períodos de ensaio e de apresentações nos mostraram momentos de autoprodução da autonomia, da valorização das diferenças, da autoprodução coletiva de valores e habilidades que desconstruíram fragilidades pessoais como a timidez, baixa autoestima, pouca percepção de futuro e baixo rendimento escolar, fazendo com que os membros tenham uma nova visão de si e do outro, construindo um novo nível de percepção da realidade (individual e coletiva);
- ✚ O grupo apresentou a valorização a diversos conceitos que permeiam a Epistemologia da Complexidade – mesmo sem conhecer os referidos estudos –, como a presença da unidade e multiplicidade nos sujeitos, a pluralidade e o antagonismo intrínsecos em cada músico, a complementaridade, a indissociabilidade e afetividade presentes nas relações do grupo.

Ao fim da análise dos dados e do processo de triangulação conceitual entre a Epistemologia da Complexidade e aos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo, as construções de aprendizagem dos egressos e os dados da pesquisa, pudemos elencar algumas percepções que se alinham às construções de Sentido e Significado que se ancoraram em conceitos-matrizes do campo da Linguística e da Psicologia histórico-social. Segue um infográfico que conceitua o princípio que citamos:

Figura 7 – Infográfico conceitual sobre os Sentidos e Significados percebidos



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Todos esses sentidos e significados foram construídos após a análise e ressignificação dos discursos, observando a ligação dos relatos individuais que geraram parâmetros de comparação e, por fim, a geração de um sentido e significado percebido. Coincidentemente, obtivemos 7 (sete) sentidos e significados que correspondem também aos 7 (sete) Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo que nos serviu de eixos balizadores e categorias de análise. Acreditamos que, sob diferentes olhares, diversos outros sentidos e significados poderiam/poderão ser construídos com base no que propomos nesta pesquisa.

Como já fora supramencionado, não temos o intuito de encerrar a temática aqui trabalhada ou tentar estreitar, de alguma forma, as análises aqui construídas com elementos que consideramos relevantes para o olhar do sujeito enquanto ser multidimensional e complexo. Acreditamos que este trabalho poderá fundamentar outras pesquisas, incentivando futuros investigadores e estudiosos a enxergarem os processos educativos, sobretudo os processos humanos, sob uma ótica que amplia as percepções da realidade, os níveis de consciência de si e dos que estão ao nosso redor, que religa saberes outrora fragmentados, que aliam conhecimentos específicos aos conhecimentos de vida dos sujeitos tornando-os ativos na construção dos saberes

compartilhados. Uma ótica que ultrapassa o reducionismo e reconhece a multiplicidade humana, que é capaz de, por meio da integração de saberes e experiências, possibilitar aos sujeitos a autoprodução de instrumentos de superação das suas fragilidades e a transcendência do que é curricular para o que é humano, uma ótica que inclui a diversidade e acolhe as incertezas, valorizando a criação de trajetos criativos para a resolução de problemas e que acolhe a dialogia como forma de auto-eco-organização e reconhecimento do terceiro incluído, trazendo assim percepções outras para os diferentes níveis de realidade humana. Acreditamos que por meio da Epistemologia da Complexidade conseguimos alcançar todas as propostas supramencionadas e construir pontes para o compartilhamento de saberes humanos, criativos e complexos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, 2006, p. 222-245. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>. Acesso em: 9 nov. 2021.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, n. 0, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2021.

BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel Batalloso. Didáctica deconstructiva y complejidad: algunos principios. *In*. MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso (Orgs.). **Complexidade e transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak, 2010. p. 63-107.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 2010.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BOTELHO, Marcos. **Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense: Um estudo sócio-histórico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BRITO, Alessandro Ribeiro. **O papel da banda de música na escola regular: resultados sociais e sonoros para a educação musical brasileira**. 2013. Monografia (Licenciatura em Música) - Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CEPI SÃO SEBASTIÃO. **Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) São Sebastião**. São Luís de Monte Belos: CEPI São Sebastião, 2020.

CERON, Isabel Nercolini. A música na educação infantil: a contribuição da música para o desenvolvimento de crianças entre 0 e 5 anos. *In*: **Encontro Regional Sul da ABEM**, 16, 2014, Blumenau. Anais. Blumenau: FURB, 2014. p. 1-10.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

COSTA, Fabiane Adela Tonetto. FERREIRA, Liliana Soares. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: Implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 55, 205-223, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35362/rie550532>. Acesso em: 9 nov. 2021.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 6, n. 2, 1999. Acesso em: 26 out. 2021, pp. 277-291. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300003>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300003>. Acesso em: 10 maio 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Glaucio Xavier da. Banda de Música: uma tradição sociocultural. **Conceitos**, v. 23, n. 2, dez. 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 24, p. 155-179, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 nov. 2021.

GRANIER-DEFERRE, Carolyn *et. al.* A melodic contour repeatedly experienced by human near-term fetuses elicits a profound cardiac reaction one month after birth. **PLoS One**, v. 6, n. 2, e17304, 23 fev. 2011. DOI: 10.1371/journal.pone.0017304. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21383836/>. Acesso em: 13 out. 2021.

GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna. **Effective evaluation**. San Francisco, Ca.: Jossey-Bass, 1981.

KOCHHANN, Andréa. **A Produção Acadêmica e a construção do conhecimento científico: concepções, sentidos e construções**. Editora Kelps, 2021.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias Del Hombre, 1978.

LORENZET, Simone; TOZZO, Astrit Maria Savaris. Bandas Escolares. *In*: **Congresso Nacional de Educação-EDUCERE, IX, e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba: PUCPR, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P. U., 2018.

MACHADO, Michelle. **Cenários formativos da docência transdisciplinar em ambientes virtuais de aprendizagem**. 2014. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. A música na infância e as experiências de compreensão do outro. *In*: SALGADO, G. Raquel; ROCHA, Simone A. da. **Educação Infantil 2: as crianças e a linguagem na/da infância**. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 83- 98.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Musicalidade, Mitos e Educação. **Actas del X Encuentro de Ciencias Cognitivas de la Música**. 2016. Disponível em: http://sacom.org.ar/v2016/sites/default/files/48.Maffioletti_0.pdf. Acesso em: 13 out. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIOTTI, Humberto. **Os Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo**. Escola de Diálogo de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://escoladedialogo.com.br/escoladedialogo/index.php/biblioteca/artigos/operador-es-cognitivos/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Editora Nova Fronteira, 2005.

MARQUES, Wladimir de Oliveira; NOGUEIRA, Monique Andries. O ensino de música nas escolas brasileiras, da Colônia à ditadura civil-militar: faces do conservadorismo. **Revista Caminhos da Educação**, v. 3, p. 108-124, 2021.

MARTON, Silmara Lúcia. Complexidade, música e formação para a vida. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 5, 2005.

MATIAS, Bárbara Leite. Trilogia Afeminada: mascaradas para dizer do memoricídio no Kariri do Siará. **Revista de Biblioteconomia e Ciências da Informação, Juazeiro do Norte**, v. 7, n. 1. p. 118-133, jan./abr. 2021. DOI: 10.46902/2021n1p118-133. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/download/679/524/>. Acesso em: 25 out. 2021.

MORAES, Maria Cândida. Complejidad, Transdisciplinariedad y Educación. *In*: PRADO, Wendy Lucía Morales; BUDNOVA, Tatiana Valdez (Orgs). **Perspectivas desde la complejidad y ciencias sociales**. Morelos (México): El Colegio de Morelos, 2020. p. 111-142.

MORAES, Maria Cândida. Da epistemologia da complexidade à docência transdisciplinar. *In*: DRAVET, Florence *et al.* (org). **Transdisciplinaridade e educação do futuro**. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade ; Universidade Católica de Brasília, 2019. p. 135-163.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MORAES, Maria Cândida. VALENTE, José Armando. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino De La. Pesquisando a partir do pensamento complexo - elementos para uma metodologia de desenvolvimento ecossistêmico. **Revista Educação**. Porto Alegre, v.1, n. 58, p. 145-172, 2006.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de La. Sentipensar sob o olhar autopoietico: estratégias para reencantar a educação. **São Paulo: PUC/SP**, 2001.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 3.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2007a.

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade, a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007c.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **La Vía. Para el futuro de la humanidad**. Tradução Núria Petit Fontseré. Barcelona: Paidós, 2011.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. *In*: PENAVEIGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária** - O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003

MOTTA-ROTH, Desirré; HENDGES, Graciela. **Produção textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. **Método elementar para o ensino de instrumentos de Banda de Música "Da Capo"**: um estudo sobre sua aplicação. 2007. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

- NICOLESCU, Basarab et al. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. **Educação e transdisciplinaridade**, v. 1, n. 2, 2000.
- NOGUEIRA, Monique Andries. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista UFG**, v. 6, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48654>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- NOGUEIRA, Monique Andries. Educação musical no contexto da indústria cultural: alguns fundamentos para a formação do pedagogo. **Educação (UFSM)**, v. 37, p. 615-626, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/5101>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- NOGUEIRA, Monique Andries. Música, Patrimônio e Formação de Ouvintes. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 32, p. 475-482, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5015>. Acesso em 03 fev. 2021.
- PALHEIROS, Graça Boal; BOURSCHEIDT, Luís. A pedagogia musical ativa. 2011. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Orgs.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 305-341.
- PAREJO, Enny José Pereira. **Escuta musical: uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar**. 2008. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PAREJO, Enny José Pereira. **Iniciação e Sensibilização Musical: uma proposta de Educação Musical para o novo paradigma**. S. l.: Signum Veritas, 2018.
- PATINO, Cecilia Maria; FERREIRA, Juliana Carvalho. Critérios de inclusão e exclusão em estudos de pesquisa: definições e por que eles importam. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 44, n. 2, p. 84-84, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/LV6rLNpPZsVFZ7mBqzjXkXD/?lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2021.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. Complexidade e auto-ética. **EccoS Rev. Cient.**, UNINOVE, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-17, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/183>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.
- SANTOS, Silvana Sidney Costa; HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida. A complexidade e a religação dos saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**, Brasília, 2012.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 23. ed., 2017. ePub

SILVA, Admário Vieira. **Projetos Bandas de PE (Pernambuco): sua importância sociocultural na perspectiva de professores ministrantes**. 2020. Monografia (Licenciatura em Música) – Departamento de Educação Música. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, Lélío Eduardo Alves da. **Musicalização através da banda de música escolar: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical de seus integrantes e na observação da atuação dos “mestres de banda”**. 2010. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Thallyana Barbosa. **Banda Marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino-aprendizagem musical**. 2012. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SILVA, Yara Fonseca de Oliveira e. **Universidade e desenvolvimento local: o caso da Universidade Estadual de Goiás**. 2014. 207 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Yara Fonseca. FERREIRA, João Roberto Resende. Pós-graduação: a orientação coletiva como espaço de formação do futuro pesquisador. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, n. 65, 2020.

SUANNO, João Henrique. Inovação na Educação: uma visão complexa, transdisciplinar e humanista. *In: IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*, p. 8332-8348, 2009. Paraná. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3483_1988.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

SUANNO, João Henrique. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. 2013. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2013.

SUANNO, João Henrique. Práticas inovadoras em educação: uma visão complexa, transdisciplinar e humanística. *In: MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa Suanno. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. 493 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, 2015.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; MORAES, Maria Cândida. Didática, Saberes e práticas docentes complexas e transdisciplinares. *In: Saberes para uma cidadania planetária*. Anais da Conferência Internacional Saberes para uma cidadania planetária. Fortaleza, 2016. Disponível em:

http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-473-31032016-215930.doc. Acesso em: 10 mar. 2021.

TEIXEIRA, E. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 30, n. 2, p. 286-90, ago. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v30n2/v30n2a08>. Acesso em: 6 maio 2021.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1998. 368p.

VARGAS, Geovana Camargo. **Produção de sentidos e significados por docentes em formação continuada**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed Riendo Castigat Mores, 2002.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos da Psicologia**, n. 7, p. 79-88, 2002.

APÊNDICE A

Perguntas semiestruturadas realizadas na videoconferência gravada

1. Qual seu nome completo e sua idade?
2. Qual o ano você participou da Banda Marcial CEPI São Sebastião?
3. Qual seu papel enquanto integrante da Banda?
4. Você percebe algum envolvimento com a música, em sua vida pessoal e profissional, adquirido por meio de sua participação na banda? Relate um pouco sobre para nós.
5. Conte um pouco sobre sua relação com os demais membros da Banda, estou falando tanto do maestro, como dos colegas. Estou dizendo da organização e da disciplina.
6. Você participou de apresentações e/ou campeonatos com a banda? Se sim, pode nos relatar um pouco desses momentos?
7. Para você, qual a importância do ensino de música na escola para o desenvolvimento do processo de aprendizagem e das relações interpessoais?

APÊNDICE B

Termos de Anuência das Instituições I



ESTADO DE GOIÁS
COORDENAÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO - CRE
SÃO LUÍS DE MONTES BELOS - GOIÁS



TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

A COORDENAÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, juntamente com o CEPI SÃO SEBASTIÃO estão de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “**MUSICALIZAÇÃO, COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE – ANÁLISE DA BANDA MARCIAL DO CEPI SÃO SEBASTIÃO**”, coordenado pelo(a) pesquisador(a) **VINÍCIUS FAGUNDES DOS SANTOS**, desenvolvido em conjunto com o(a) pesquisador(a) **PROF. Dr. JOÃO HENRIQUE SUANNO** na **Universidade Estadual de Goiás**.

A COORDENAÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, juntamente com o CEPI SÃO SEBASTIÃO assumem o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de **JANEIRO** até **DEZEMBRO** de 2021. Declaramos ciência de que a coleta de dados só poderá ser iniciada após a aprovação do protocolo de pesquisa pelo sistema CEP/CONEP.

Declaramos, ainda, que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

São Luís de Montes Belos /GO,

06 de Outubro de 2020

Assinatura/Carimbo do(a) responsável pela instituição pesquisada

Mariluce Elias de Bastos Monteiro
Coordenadora Regional
Decreto de 15/02/19 D. O. 22995 de 15/02/19
CRE/ São Luís de Montes Belos - GO

Termos de Anuência das Instituições II



ESTADO DE GOIÁS
CEPI SÃO SEBASTIÃO
SÃO LUÍS DE MONTES BELOS - GOIÁS



TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O **CEPI SÃO SEBASTIÃO** está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **“MUSICALIZAÇÃO, COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE – ANÁLISE DA BANDA MARCIAL DO CEPI SÃO SEBASTIÃO”**, coordenado pelo(a) pesquisador(a) **VINÍCIUS FAGUNDES DOS SANTOS**, desenvolvido em conjunto com o(a) pesquisador(a) **PROF. Dr. JOÃO HENRIQUE SUANNO** na **Universidade Estadual de Goiás**.

O **CEPI SÃO SEBASTIÃO** assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de **JANEIRO** até **DEZEMBRO** de 2021. Declaramos ciência de que a coleta de dados só poderá ser iniciada após a aprovação do protocolo de pesquisa pelo sistema **CEP/CONEP**.

Declaramos, ainda, que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

São Luís de Montes Belos /GO,
06 de Outubro de 2020

Assinatura/Carimbo do(a) responsável pela instituição pesquisada

Eliene Brito de Cirqueira Alves
Diretora
Port. Nº 3064/2018 - GAB/SEDUCE

CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL SÃO SEBASTIÃO
CNPJ: 00.640.354/0001-09
Rua 02 s/nº Vila Canaã I - São Luís de Montes Belos - GO
Autorização de Funcionamento: Resolução CEE/CEB nº 686/2017
Recredenciamento Resolução CEE/CEB nº 213/2017 -
Validade: 06/04/2017 à 31/12/2020

R. 4, 944 - Vila Canaa, São Luís de Montes Belos - GO, 76100-000 - Telefone: (64)
3671-2084

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS - UEG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNID. CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – CSEH



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI) SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da Complexidade**”. Meu nome é Vinícius Fagundes dos Santos, sou mestrando da Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Linguagens e Tecnologias (PPG- IELT), pesquisador(a) responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine este formulário preenchendo-o com seus dados. Esse mesmo formulário será enviado ao seu e-mail e também ao e-mail do pesquisador para possível impressão, caso necessário. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail profviniciusfagundes@gmail.com, Rua Cidade de Goiás, Qd. 09, Lt. 09-A – St. Serrânea, São Luís de Montes Belos - GO, 76100-000, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (64) 9 96543820 ou encaminhando uma mensagem via Whatsapp para o mesmo número. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa, sou eu, Vinícius Fagundes dos Santos sob a orientação do Prof. Dr. João Henrique Suanno.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 10 minutos e a sua participação na pesquisa 2 horas a depender de situações externas.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é poder conhecer e analisar o trabalho realizado pela Banda Marcial do CEPI São Sebastião, no município de São Luís de Montes Belos bem como sua relevância para a formação humana dos alunos que ali frequentam.

O objetivo desta pesquisa é analisar os sentidos e significados das aprendizagens de egressos da Banda Marcial CEPI São Sebastião, pautando-se a partir do olhar da Epistemologia da Complexidade, fundamentada em Edgar Morin e balizada pelos Operadores Cognitivos do Pensamento Complexo enquanto categorias de análise e do pensamento.

Os procedimentos de coleta de dados serão a partir das entrevistas videogravadas e também formulários virtuais. Realizar-se-á uma videoconferência utilizando o Google Meet e aqueles que não puderem participar, será disponibilizado no grupo no Whatsapp que será criado para este fim, um formulário com as mesmas perguntas da videoconferência. Como a videochamada será gravada, serão colhidos também, registros fotográficos, sonoros e/ou audiovisuais da conversa, algumas imagens, fotos, que deverão ser autorizadas por todos os participantes. Todas as abordagens por meio das videochamadas acontecerá em ambiente virtual.

Para tanto, informo que, ao preencher ler este documento e preencher este formulário você estará aceitando participar desta investigação. Neste caso, permitindo a gravação/obtenção sua minha imagem/voz durante a videoconferência.

ENDEREÇO: AV. JUSCELINO KUBITSCHEK, 146 - JUNDIAÍ, ANÁPOLIS - GO, 75110-390
TEL. (62) 3328-1128

Página 01 e 03



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS - UEG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNID. CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – CSEH



Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são mínimos ou quase nulos. Possivelmente, algum/a aluno/a ou professor/a poderá ficar constrangido ou envergonhado em expor seu ponto de vista ou expor-se de forma coletiva. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação, eu Vinícius Fagundes dos Santos, professor pesquisador farei as inferências orais e explicarei o andamento de todos o processo de gravação da videoconferência conscientizando sobre a valorização e respeito mútuos dentro do processo, orientando e sanando dúvidas para que nada constrangedor ocorra.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação das entrevistas a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios o ato de discutir o processo formativo, humano, planetário e multidimensional numa perspectiva complexa na vida de professores e alunos desta comunidade local; compreender a musicalização como um elemento relevante na atuação transdisciplinar, lúdica e criativa; perceber a influência da formação humana pela banda marcial do colégio pesquisado; (re)conhecer o alcance desta formação e da influência da banda marcial na vida dos alunos e da comunidade monte-belense. Pelo fato de a Banda Marcial do CEPI São Sebastião existir há cerca de mais de 25 anos, fez e faz parte do processo formativo da sociedade Monte-belense e também regional, torna-se relevante valorizar a cultura escolar específica desta comunidade, respeitando suas especificidades e características únicas.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Seu sigilo será mantido e as imagens/vídeos coletados não serão expostos em nenhuma plataforma digital, site ou reunião virtual, mas será de uso restrito deste pesquisado e seu orientador. Os vídeos, áudios, mensagens e demais informações serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será deletado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como transporte ou alimentação, este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. No decorrer do processo disponibilizarei meu número particular para que todos os participantes possam entrar em contato, questionar, inferir propostas e sugestões.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos o número (64) 996543820 referente ao próprio pesquisador para quaisquer esclarecimentos.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS - UEG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNID. CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – CSEH**



Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Declaração do(a) Participante

Eu, assinarei este formulário e já discuti com o pesquisador(a) **Vinicius Fagundes dos Santos** sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo **“SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI) SÃO SEBASTIÃO**: uma análise possível à luz da Epistemologia da Complexidade”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

São Luís de Montes Belos, Goiás, Agosto de 2021.

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Documento de identificação (CPF/RG ou outro documento comprobatório)

Agosto e Setembro de 2021

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

ANEXO I
Projeto Pra Ver a Banda Passar

ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO IPORA- GO
COORDENAÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE
SÃO LUIS DE MONTES BELOS – GO
CEPI SÃO SEBASTIÃO

PROJETO

“PRA VER A BANDA PASSAR”

BANDA MARCIAL CEPI SÃO SEBASTIÃO
PROFESSOR: MARCIEL FERREIRA DA SILVA

Projeto da Banda Marcial CEPI São Sebastião apresentado ao Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás.

Janeiro/2020

JUSTIFICATIVA

O presente projeto é a continuidade de um trabalho musical que está sendo desenvolvido na Escola Estadual São Sebastião desde junho de 1996. É um trabalho que está despertando nos alunos o gosto pela música, proporcionando melhor rendimento nas aulas, apreço cultural e intercâmbios com outras escolas, municípios e outras culturas.

O mesmo, atende aos alunos do Ensino Fundamental, tendo em vista, ser esta a clientela atendida pela CEPI São Sebastião.

Esse trabalho com a Banda Marcial é reconhecido não somente na comunidade escolar a que pertence, mas tanto Estadual quanto internacionalmente, uma vez que participou do V Festival Internacional de Bandas e Fanfarras da cidade de Millipila, no Chile, no período de 09 a 14/10/99, com apoio da Subsecretária Regional e Secretaria Estadual de Educação.

Sabendo da importância da Banda no resgate dos valores culturais, tais como: Execução do Hino Nacional, Hino de louvor, Música Regional, Comemorativa e Infantil. Ela diante dos educandos tem alcançado a compreensão e conscientização sobre a cultura da comunidade montebelense e outras.

Assim, devido o êxito alcançado pela Banda Marcial na comunidade escolar e na sociedade em geral, recebendo grande procura por apresentações e, principalmente, pelo sucesso dos alunos envolvidos tanto em seus estudos regulares, concretiza-se a necessidade da renovação deste projeto.

O trabalho está embasado numa perspectiva crítica superadora uma vez que visa não só a performance mas principalmente a formação integral de nossos alunos, conforme diretrizes da LDB, PCN e PPP da Escola.

1. OBJETIVOS

1.1 GERAL

- Promover a educação artística e social através das aulas teóricas e práticas, assim como valorizar a cultura regional e nacional, representando a Unidade Escolar em Concursos, Mostras, eventos sociais, cívicos e culturais.

1.2 ESPECÍFICOS

- Desenvolver um trabalho junto aos alunos dessa Unidade Escolar de maneira interdisciplinar com os outros professores;
- Fazer com que o aluno sinta o gosto pela música e pela cultura;
- Aprimorar as teorias a cada dia tanto individual quanto coletiva da Banda Marcial;
- Promover a União entre os alunos músicos para que possam obter a segurança e a capacidade de cada um tanto coletiva quanto individual;
- Preparar os alunos músicos na capacidade emocional, bem como respeitar os colegas e adversários no sentido de Festivais e concursos de Bandas.
- Criar oportunidades para um intercâmbio cultural entre Bandas
- Promover o desenvolvimento das técnicas musicais;
- Formar e consolidar a música como uma linguagem da arte.
- Descobrir vocações da arte musical, revelando-os mudança da música através da participação espontânea;
- Fazer com que eles(as) sintam o gosto pela interpretação e dramatização de cada peça musical;
- Promover a União entre eles, mostrando a importância do companheirismo, para um trabalho em conjunto;
- Aprimorar a coordenação motora;
- Trabalhar a auto estima
- Experimentação, investigação e utilização de diferentes estímulos para improvisação (instrução diretas, descobertas guiadas, respostas selecionadas, jogo etc.) e para composição coreográfica (elementos de movimento, sons e silêncio, objetos cênicos).

2.1 - Os conteúdos a serem ministrados no estudo instrumental:

- Teoria musical;
- Escala musical;
- Pauta;
- Claves;
- Leitura rítmica;
- Leitura métrica;
- Figuras musical e figuras de pausas e seus respectivos valores;
- Compasso simples;
- Staccato;
- Semitom Cromático e diatônico;
- Alterações;
- Intervalos simples;
- Manuseio de instrumentos e manutenção dos mesmos;
- Trabalho em conjunto com ritmo e harmonia, desenvolvimento evolução, postura, garbo e outros;
- Tocar Junto - coletânea de livros sobre método de ensino coletivo de banda marcial lançado pelo músico e professor Marcelo Eterno Alves adotado pela SEDUCE GO.

2.2 - Os conteúdos a serem trabalhados com a comissão de frente:

- Desenvolvimento de habilidades pessoais para trabalhar aquecimento, relaxamento e compensação do corpo relacionando-as a noção de anatomia aprendidas.
- Coreografias ensaiadas no ritmo, sem perder a característica marcial;
- Interpretação
- Comunicação
- Técnica / conhecimento / habilidades corporais

- Movimentos
- Equilíbrio, apoios, impulsos
- Memorização
- Expressão corporal e facial
- Garbo
- Elegância
- Postura
- Coordenação de movimentos corporais com adereços manuais
- Disciplina
- Respeito mutuo e coletivo
- Responsabilidade e dedicação
- Harmonia
- Interpretação do tema proposto
- Sincronismo
- Marcialidade
- Alinhamento
- Cobertura
- Evolução e criatividade em trabalho conjunto

3. METODOLOGIA

3.1 – Comissão de Frente:

A coreografia será montada da seguinte forma; será escolhido a música, no qual será executada pela Banda e gravada em um CD, para elaboração e montagem da coreografia específica. Sendo elaborado uma teoria dos movimentos e colocados em prática na quadra da escola , ao som do CD gravado. E depois de ensaiada será encaixada com a execução da peça pela Banda.

A marcha será passada de acordo com o estilo proposto pelo ritmos indicando a movimentação das pernas e pés. Com isto, será ensinado e corrigido o sincronismo e a marcialidade, alinhamento, cobertura e expressão facial e o aprumo e elegância de cada componente e do conjunto.

Na ação educativa considerar-se-á que os alunos aprendam a arte à medida que forem capazes de perceberem, agirem efetivamente, dialogando com a informação percebendo que não se aprende sozinho, e sim em interação gerando um contexto de ensino – aprendizagem cooperativo que expresse a natureza social do saber, provocando assim, transformações nas aprendizagens individuais.

A metodologia basear – se –a num educar para o exercício de respeito mútuo, onde seja capaz de fazer e receber críticas, ser solidárias, dialogar, expor suas idéias e sentimentos.

3.2 – Corpo Musical:

As aulas se desenvolvem em 2 períodos, teoria e prática, sendo preciso ministradas nos horários matutinos e vespertino conforme cronogramas das eletivas. Como é grande a busca para ingresso na mesma, temos alunos de todas as turmas.

As aulas são ministradas de acordo com a oferta de instrumental, material humano e divisão de setores da banda, sendo o corpo musical e dividido em: parte rítmica(percussão) e parte musical (instrumento de sopro), sendo que cada uma é trabalhada separadamente, até estarem aptos para desenvolver bem suas funções, os mesmo são incorporados nos ensaios gerais, assim buscando ter conjunto. A teoria será trabalhada em sala de aula utilizando xerox e quadro para a explicação do conteúdo musical a aula pratica e instrumental se desenvolverá na quadra coberta da escola. A teoria e pratica será trabalhada separadamente observando os conteúdos de harmonia, evolução, marcha e garbo de toda a corporação musical.

Na banda, buscamos valorizar o aluno em todos os aspectos como: ser humano incentivando a prática da cultura entre os mesmos. Atender a escola como apresentações buscando dar mais brilho e vida aos eventos, tanto da comunidade local e a sociedade em geral.

4. AVALIAÇÃO

- A avaliação será continua a partir de uma ficha de acompanhamento tanto nível individual e coletivo. Observar-se-á, ainda o grau de aprendizagem dos conteúdo desempenho e assiduidade.

5. QUADRO DE PROFESSORES

Professor	Marcie Ferreira da Silva			
Função	Teoria Musical e Regência E linha de frente	Pavilhão das bandeiras	Balizas	Corpo coreográfico

Professor	Marcie Ferreira da Silva		
Função	Teoria Musical e Regência	Percussão: jogo de bombos, caixa tenor, pratos e quinto tom	Instrumentos de Sopro: Trompete, flughorn, Trombones, trombonito, bombardino, souzafone e tuba

6. QUADRO DE HORÁRIOS PARA TREINAMENTO SEMANAL

HORA	2.ª FEIRA	3.ª FEIRA	4.ª FEIRA	5.ª FEIRA	6.ª FEIRA	SÁBADO
07h00 – 07h50	OP	OP	OP	OP	OP	
07h50 – 08h40						AI
08h40 – 09h30						AI
09h30 – 09h50						NS
09h50 – 10h40						
10h40 – 11h30						
12h00 – 13h00	NS	AI	AI / EG	AI / NS	AI / EG	
13h30 – 14h20						
14h20 – 15h10						
15h10 – 15h30						
15h30 – 16h20						EG
16h20 – 17h10						EG
17h10 – 19h00		NC / EG	NC / EG	NC / EG	AI	

ASSINALAR COM “X”

AULAS COMPLEMENTARES	2.ª FEIRA	3.ª FEIRA	4.ª FEIRA	5.ª FEIRA	6.ª FEIRA	SÁBADO
Prática Musical	X		X		X	X

HORA ATIVIDADE	2.ª FEIRA	3.ª FEIRA	4.ª FEIRA	5.ª FEIRA	6.ª FEIRA	SÁBADO
Elaboração de Material	X	X		X		X
Cursos	X					

AI – Aulas Individuais: atendimento individualizado para atender as especificidades dos estudantes. NS – Naipes Separados: junção de instrumentos da mesma família. NC – Naipes em Conjunto: junção de instrumentos de famílias diferentes. EG – Ensaio Geral: junção do corpo musical e da Linha de Frente. OP – Organização prévia e pós aula PM - Prática Musical: Banda de professores (Anápolis, Goiânia e Aparecida de Goiânia) com aulas complementares.

7. QUADRO INFORMATIVO DO NÚMERO DE VAGAS DO PROJETO

Ensino Fundamental	
VAGAS: PAVILHAO DAS BANDEIRAS, BALIZAS E CORPO COREOGRAFICO	
Ano/Série	Número alunos(as)
6º A e B	10
7º A e B	10
8º A e B	10
9º A e B	05
Total	35

Ensino Fundamental	
VAGAS: PERCUSSAO, TROMBONES, TROMPETE, FLUGHORN BOMBARDINO, TUBAS E SOUZAFONE	
Ano/Série	Número alunos(as)
6º A e B	20
7º A e B	20
8º A e B	15
9º A e B	10
Total	65

Total de 100 (cem) alunos(as) estimado para atendimento no projeto “Pra Ver a Banda Passar”

AI – Aulas Individuais: atendimento individualizado para atender as especificidades dos estudantes. NS – Naipes Separados: junção de instrumentos da mesma família. NC – Naipes em Conjunto: junção de instrumentos de famílias diferentes. EG – Ensaio Geral: junção do corpo musical e da Linha de Frente. OP – Organização prévia e pós aula PM - Prática Musical: Banda de professores (Anápolis, Goiânia e Aparecida de Goiânia) com aulas complementares.

7. QUADRO INFORMATIVO DO NÚMERO DE VAGAS DO PROJETO

Ensino Fundamental	
VAGAS: PAVILHAO DAS BANDEIRAS, BALIZAS E CORPO COREOGRAFICO	
Ano/Série	Número alunos(as)
6º A e B	10
7º A e B	10
8º A e B	10
9º A e B	05
Total	35

Ensino Fundamental	
VAGAS: PERCUSSAO, TROMBONES, TROMPETE, FLUGHORN BOMBARDINO, TUBAS E SOUZAFONE	
Ano/Série	Número alunos(as)
6º A e B	20
7º A e B	20
8º A e B	15
9º A e B	10
Total	65

Total de 100 (cem) alunos(as) estimado para atendimento no projeto “Pra Ver a Banda Passar”

10. RECURSOS MATERIAIS

Item	MATERIAIS DISPONIVEIS/SITUAÇÃO
01	2 Floghorn(regular)
02	3 Trombone de Pisto Sib(péssimo)
03	4 Bombardino Sib(regular)
04	4 trombone de Vara (regular)
05	2 Trombonito Sib(regular)
06	10 Trompete de Pisto Sib(regular)
07	2 Caixa Tenor(regular)
08	1 Baixo-tuba mi b(regular)
09	2 Baixo-tuba Si b(regular)
10	1 jogo de bombo 4Un.
11	1 Bombardão Sib(ótimo)
12	2 quinto ton(regular)
13	2 par de prato(ótimo)
14	1 pandeiro meia lua(ótimo)
15	1 estandarte(regular)
16	4 mastro de bandeira(regular)
17	2 bamboles(balizas)
18	2 fitas (balizas)
19	30 bastões(corpo coreográfico)

11. BIBLIOGRAFIA

PRIOLLI, Maria Luisa de Mattos. Princípios Básicos da Música Para a Juventude. 31ª ed. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Músicas Ltda, 1988;

FÉRON, José. Uma Orquestra e seus Instrumentos;

LDB Lei de Diretrizes Bases;

Tocar Junto - coletânea de livros sobre método de ensino coletivo de banda marcial lançado pelo músico e professor Marcelo Eterno Alves adotado pela SEDUCE GO;

<https://www.google.com.br>

<https://www.youtube.com>

ANEXO II

Transcrição das falas dos participantes da videochamada gravada

Videoconferência via *Google Meet* gravada no dia 27 de outubro de 2021, das 19h às 20:45. As transcrições abaixo foram realizadas pelo pesquisador Vinícius Fagundes dos Santos, sob orientação do Prof. Dr. João Henrique Suanno, como material empírico para a pesquisa intitulada: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS APRENDIZAGENS DOS EGRESSOS DA BANDA MARCIAL DO CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL (CEPI) SÃO SEBASTIÃO: uma análise possível à luz da Epistemologia da Complexidade. Os excertos selecionados foram transcritos na íntegra, assim como os vícios de linguagem apresentados, termos de oralidade, mantendo a máxima originalidade terminológica apresentada pelos participantes. Foram transcritos somente as falas que, na perspectiva do pesquisador, foram relevantes para contribuir para a investigação.

Marciel: 1995/1996 maestro Marciel era ainda aluno.

(10:55) "Eu me lembro dos momentos ali... eu era o aluno velho, estava ali junto... o professor Willian, que foi o criador da banda, primeiro professor, juntamente com a professora Fátima, que era a diretora da unidade. E aí eles me cativaram: 'Marciel, vamos participar junto conosco, do projeto'. E eu fui participando. Eu era aquele aluno grandão lá no meio dos pequenos, mas eu era aquele aluno suporte que ajudava a contribuir ali. O prazer foi tão grande que até hoje eu estou lá. Ver vocês hoje me trouxe essa memória de como que foi bom esse trabalho na escola como aluno e seguindo hoje. Depois teve a professora Magna assumindo e contribuiu bastante com brilho. E eu falava: Magna nós tocamos e você o brilho da banda. Tem todo aquele movimento do corpo coreográfico. Eu diria que um complementa o outro. E vendo vocês aqui hoje me traz esses momentos de alegria, momentos de felicidade, de saber que o projeto contribuiu para mim, enquanto pessoa, enquanto ser humano."

(14:13) "Eu vejo que o trabalho edifica e eu percebia que trabalhar com os alunos trazia essa responsabilidade de crescimento. Porque eu via que os alunos estavam ali com amor, com amor a gente poderia estar buscando um amadurecimento profissional, amadurecimento técnico de cada um. E hoje eu vejo dentro do nosso projeto, muitos alunos que passaram a ser gerentes de loja, outros trabalhando aí, formaram-se na área do direito, se tornaram advogados, outros trabalharam assumindo grandes responsabilidades."

Eliene Britto, está no CEPI desde 2006. Concluindo 3o. Mandato enquanto gestora.

(17:20) A gente percebe o quanto esse projeto faz a diferença na vida de nossos meninos. É um trabalho muito bonito né? A cada dia se escreve um capítulo.

Gleicieny Alves - comissão de frente

(21:10) "Bom eu só tenho a agradecer a Eliene, assim, era um Colégio que me recebeu sempre me tratou muito bem, tanto Eliene quanto Marciel, tia Magna, eu só tenho muito que agradecer por ele, fui muito bem tratada na banda. Sinto muita saudade de apresentar de tudo, das nossas viagens era muito bom. Assim, só tenho coisas boas para falar por quê todos três me receberam de braços abertos então só tenho saudades. Eu entrei na banda em 2011. E saí em 2015 que foi quando eu saí do São Sebastião."

Clautamir Alves (23:36) – tempo de permanência de 7 anos.

"Obrigado pela oportunidade aí. Quando você, Vinícius, chamou, quando Marciel primeiramente chamou para fazer essa pesquisa, eu ficava pensando assim... eu sempre buscava pela Internet história relacionada à Banda Marciel do São Sebastião. Isso aí vai ficar para os meus filhos, para os meus netos eu vou poder mostrar para eles o que dizer: Eu vim disso aqui, minha filha... isso aqui foi o que o papai passou. Se eu for contar assim... dá para fazer um livro do tanto que foi bom esse período meu na banda.

"Eu fiquei lá por sete anos e para mim, enquanto pessoa, ter participado da banda foi uma coisa incrível. Porquê? Até hoje eu fico pensando né? A banda para mim, quando eu entrei, quando eu fui fazer a prova, na época em que eu entrei era uma prova super difícil. Era um nível hard mesmo."

" só entrava aquelas pessoas em que a vida delas estava relacionada a entrar na banda. Quem fazia a prova lá, e passava eram aquelas pessoas que só pensava que um dia iriam tocar na Banda... O teste, na época que eu entrei, até a nota 100 e se você tirasse 80 era perigoso você não passar. Eu lembro quando eu fui fazer a prova teórica, porque tinha que fazer a prova teórica e aí tinha que fazer a prova prática... a prova teórica, eu lembro como se fosse hoje, eu tirei acho que foi 70 e alguma coisa, e eu fiquei tão triste porque eu já sabia que eu não tinha passado... porque William tinha falado que a nota é tal para vocês passarem. Eu fiquei muito triste mesmo, muito triste, eu fiquei assim: acabou meu mundo... eu pensei: não passei. E eu peguei essa prova e saí chorando no dia do teste. O William já era da banda nessa época. Nós éramos uma turma nova e eu saí chorando. Ele me viu de longe, com certeza ele já sabia que eu teria potencial, que a nota em si não diria muito sobre o meu potencial... ela era importante sim, mas ele percebeu que eu era dedicado e que eu queria muito participar. Aí foi onde ele olhou a prova e disse: deixa eu ver sua prova. Ele olhou minha prova assim... 'vem amanhã para ensaiar'. A partir desse dia, esse momento já mudou a minha vida como pessoa porque eu era uma pessoa muito tímida. Eu não tinha aprendido a tocar nenhum instrumento até então, não tocava nenhum instrumento."

(27:53) "Eu sempre fui tímido, eu achava que eu chegar em algum lugar. Eu achava que tudo meu era inferior das outras pessoas. Eu era mais feio, eu era menos tudo. E

entrar na Banda e já me deu aquele assim, uau ponto eu consigo! E aí quando a gente começou a tocar, como a gente ensaiava demais, tocava demais.

(28:38) "A nossa vida era aquilo, tocar, tocar e tocar... ele sabia que eu estava ali e então eu tinha que dar o meu melhor. Falando isso aqui eu chego até arrepiar, é um negócio que está dentro do meu coração sabe? A banda para mim nunca vai sair do meu coração, eu posso estar onde eu estou se ouvir um trombone, eu ouvir uma banda tocando, minha mente viaja e me faz lembrar da onde que eu vim. Então reunir com vocês e fazer parte dessa pesquisa é honroso para mim."

(30:25) "Era poucas pessoas que tinham condição de pagar pelo menos um curso de violão. Mas tinha o CAIS, daí depois da Banda eu fui e aquilo dali fez: se eu conseguir trocar um trombone, então eu posso aprender outro instrumento. E assim leva pra toda área da vida da gente. Se aprendeu uma coisa que dali vai te motivar pra aprender a outra. E em questão da banda pra mim, foi algo importantíssimo."

"Esta pesquisa... eu até pensei: essa pesquisa vai pegar a história de todos os alunos que participaram da banda, vai fazer um apanhado assim, da onde nós viemos, participamos da banda e aonde chegamos, e comparar as vezes com as pessoas que não participou de algum grupo musical, de alguma banda, eu tenho certeza absoluta que a tendência nossa, que participou da banda, que lutou, que dedicou, que aprendeu, é questão assim, até de respeito, na banda tem que ter respeito, tem que respeitar seu diretor, seu professor né? Senão não vai pra frente... então leva pra vida inteira."

Franciele Alves (38:02)

"Eu era do corpo coreográfico, que dançava na frente... como se diz há muitos anos: era o brilho. Então assim, a gente entrava nessa conquista como o propósito assim: Eu quero participar, eu quero ser um membro né? E quando eu passei, gente parece que era a melhor felicidade do mundo. Eu nunca esqueço que naquela época eu tinha até um diário.... eu coloquei lá: Eu consegui passar no teste da banda, eu estou dentro. E a partir daí a gente vê os grandes propósitos né?"

(38:48) A gente quer conquistar mais, a gente quer ir mais além a gente quer ajudar. Então eu comecei assim... como uma simples menininha lá no meio da banda, tentando dar o meu máximo, né? Até que um dia minha mãe entrou também como coordenadora, como coreógrafa da comissão de frente.

(39:17) E ela entrou na batalha junto com o Marciel. Nisso eu fui crescendo na vida, descobri o meu dom de ensinar, o meu dom de ajudar e hoje me tornei professora de Educação Física. Estou trabalhando na rede municipal. Primeiro ano trabalhando na rede municipal. Fiquei 14 anos na rede estadual e agora estou aí na rede municipal amando também.

(39:55) A gente aprende a respeitar, a gente aprende limites, a gente aprende a crescer. Porque são tantas etapas que a gente passa, tantas responsabilidades que

a gente tem que ter, em poder viajar, em poder fazer o melhor... porque a gente não carrega o nosso nome, a gente carrega o nome da Banda e da escola. Então ali a gente tá pra poder apresentar o melhor. Então a gente vai crescendo. E hoje eu acredito que todos que entraram na banda, como filha da professora que ajudou nessa etapa, então eu via grandes momentos do Marciel da minha mãe, buscando alunos pra poder entrar na banda, pra poder participar. As vezes tirar até de algum mundo que as vezes a criança tava entrando e eles iam ali, resgatava pra dentro da banda, onde tinha que ter disciplina, onde eles cresciam. Já teve situações assim que a gente viveu, que é um aprendizado muito grande que hoje eu vejo. Então assim, eles estavam ali pra o que? Pra buscar, pra fazer esses alunos a crescerem na vida. E hoje muitos alunos que são da Banda eu vejo que cresceram. Que têm uma responsabilidade, que têm um compromisso e que leva a banda pelo resto da vida. Eu mesmo, até hoje se eu pudesse tá na banda lá na comissão de frente eu tava. Mas é como se diz: a gente tem que crescer, a gente tem que evoluir. Então eu evoluí. Então quem sabe daqui uns tempos meus filhos tá lá como Marciel pra poder aprender também.

(42:07) "Na última apresentação que eu ví da banda. A gente vai seguindo na vida e as vezes é complicado, a gente tem outras coisas, a gente tem outros afazeres. Mas eu lembro um dia que eu não tinha primeira aula e tinha apresentação da banda lá no chafariz. E eu falei assim: eu vou lá ver. Gente, a gente chora. A gente chora. A emoção é muito grande de ver aquele momento. Principalmente ver que tá continuando. A continuidade, ver os alunos ali esforçados. Principalmente na hora que eu vi, agora a banda, eu tive um momento lá esses tempos pra traz, quando eu vejo o Marciel acolhendo as crianças com deficiências, gente... é uma coisa muito grande...essa criança gente, ela tá sendo incluída onde ela é muito excluída no mundo, né? Então assim, quando eu vejo Marciel lá eu falo: Marciel como está sendo e ele fala: nada fácil, mas a conquista é maior. Mexer com a criança que a gente trabalha 24 horas quase com uma criança que tem uma necessidade especial não é fácil. Imagina numa banda.

(43:39) Como se diz né: o que o mundo as vezes, muitos excluem, ele vivendo uma parte que não é excluída né? Até uma criança que não consegue no dia lá da apresentação, ele era cadeirante e tava lá... cadeirante na sua apresentação linda, maravilhosa, fazendo os movimentos, fazendo tudo. Então assim... a banda é uma conquista. É uma conquista. É um aprendizado pra cada um que entra. Ele vai carregar pro resto da vida. Quando ele entra ele vai aprender uma coisa e essa coisa ele vai levar até o resto da sua vida.

Willian Timóteo (mora em Campos Belos)

(45:01) "Meu nome é Willian, hoje eu estou residindo em Campos Belos, Goiás. E falar disso aí é até complicado é meio complexo pra mim, porque toda vida eu nunca consegui sair da música na verdade."

(45:25) A gente fica até emocionado. Igual eu falo, porque nunca, não é só na minha vida não, na minha família inteirinha. Hoje com meus filhos, com a Joice que era, tocava prato na banda também. Então minha mãe, que toda vida teve presente. É um laço que foi divisor de água na minha vida e eu tenho certeza eu o dia que eu ver eu choro, eu quero tocar, acho que viro menino de novo. Eu só não tinha tamanho, mas quem tinha pulmão era eu na época. E eu gostava, era apaixonado. Não tinha hora não. A hora nossa era 24 hora música. Quando não era na escola que nós era proibido, nós ia na casa um do outro tocar. Eu era trompetista.

(46:30) Não tem explicação não, chefe. É fora da curva. Nós tocava mais que todo mundo. Não tinha explicação o que acontecia não. Era vontade, era garra, era de Deus mesmo aquilo lá...

Gabriel de Castro.

(48:52) Até hoje, tem quase um ano que a banda não toca, o Marciel me chama. E já tem 6 anos que eu saí do colégio, no caso. Toda vez, sempre é aquela mesma emoção, sempre aquele arrepio, não importa. Qualquer lugar, viagem, aniversário da cidade principalmente.

Perguntas

1. Você percebe algum envolvimento com a música, em sua vida pessoal e profissional, adquirido por meio de sua participação na banda? Relate um pouco sobre para nós...

Franciele

(52:24) Eu dentro da Educação Física, eu sou apaixonada. Como eu trabalhei na Banda com coreografia, eu sou apaixonada em coreografias. Então eu trabalho muito e já ganhei até com os alunos da escola Antônio Campos no festival de dança, música. Do Américo Antunes a turma ganhou em primeiro lugar com dança. Então eu sou apaixonada nessa questão. Eu busquei aonde? Através da banda, com ajuda do Marciel para montagem de coreografias na parte do corpo coreográfico da Linha de Frente.

Marciel (53:35) " para mim também foi a banda viu Vinícius, influenciou profissionalmente. Eu era pequeno, aí eu conheci a banda da igreja, aí eu pensava assim: eu quero crescer, eu quero ser professor e quero ser maestro. Em seguida, quando eu entrei já na segunda fase do ensino fundamental ingressei na banda da escola. Hoje sou professor da banda, comecei lá como aluno e se eu não tivesse ingressado como aluno não seria Professor. E também sou um dos maestros da banda da orquestra da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Então assim para mim a banda influenciou praticamente tudo, a base.

(54:48) desde 2000 também sou um dos maestros da banda evangélica Assembleia de Deus. Não um maestro titular, mas um maestro auxiliar.

Clautamir.

(55:18) o primeiro instrumento que eu toquei na vida foi na banda. A partir desse, eu toco com um pouquinho de tudo e veio por causa da banda, porque eu aprendi o meu primeiro instrumento lá porque na época o primeiro instrumento que eu comecei a tocar foi o trombone mesmo. Trombone de vara. Então meu primeiro contato com a música, como instrumentista foi na Banda. Porém eu já tinha um ouvido muito bom, porque desde pequeno eu já ouvi a música, meu pai gosta muito de música e meu pai gostava de música no som do carro, som alto e eu sempre fui envolvido com isso, ouvia muito Michael Jackson então gostava de ouvir música. Meu pai e minha mãe me motivou a participar da banda. Até então eu não acreditava que poderia ser capaz e minha mãe falou: é muito bonito meu filho, vai lá participar. Foi aí que eu comecei, fiz o teste passei e nunca mais eu me desliguei da música na questão de instrumento mesmo. Agora atualmente eu não toco na igreja, mas eu toquei muitos anos na igreja, 8 a 9 anos direto.

Willian (57:35)

“Rapaz eu é a mesma pegada. Eu nunca consegui sair da música não. Até aqui mesmo na banda da igreja eu toquei. Tive o privilégio de tocar trompete de novo e depois de muitos anos eu consegui. E é bom demais. Eu não dou conta de ficar sem. E outra coisa que eu carrego até hoje é a questão da disciplina que o Willian era muito severo em relação a isso aí. Tinha que estudar, tirar nota boa e fazer parte da banda e obedecer ele. Como diz: era um segundo pai que nós tinha lá, porque ele punha regra mesmo, sabe? Então isso aí a gente leva até hoje e eu sigo ela.

“Foi uma mini banda que a gente montou lá, deve ter uns 2 anos atrás, depois dessa pandemia paramos e nunca mais voltou”.

2. Conte um pouco sobre sua relação com os demais membros da Banda, estou falando tanto do maestro, como dos colegas. Estou dizendo da organização e da disciplina.

Franciele

(59:26) Eu considero essa relação entre a banda e o maestro as pessoas que colocava tudo pra acontecer, uma família. Porque nós éramos uma família. A relação entre nós era o que? Era um grupo. Nós não estávamos ali individualmente. Nós estávamos como uma família para fazer o melhor um para o outro. Eu considero isso. Porque todos nós estávamos juntos, passávamos por momentos difíceis, passávamos por momentos maravilhosos, a gente passou por momentos de competição... assim que chegasse bem na hora, um instrumento estragava e nós tínhamos que mover céus e terra pra conseguir. E todo mundo tava junto né? E dentro da disciplina que o nossos professores passavam, a gente buscava o que? Atingir todos eles para estar na

banda, para fazer o melhor, para dar o melhor né? Com todo mundo. Por isso que eu resumo a banda como uma família.

Clautamir

(1:00:58) “na minha época a gente tinha aquela coisa assim: cada um fazendo sua parte. Eu preocupava com meu instrumento, eu dava o meu melhor e sabia também que as meninas da coreografia tinha que dar o melhor. Porque quando a gente tocava e ensaiava a gente tava pensando numa apresentação, a gente já tava pensando numa competição, num campeonato. A gente já tava pensando assim em coisa de que vai ser cobrado né? Então, quando a gente já foi pra Caldas Novas, tudo era cobrado, a sua roupa, como você vestido, se tá tudo acertadinho, se o chapéu tá torto, se você tá marchando direito. Se as meninas tá girando o bastão pro lado certo. Então eu tava aqui preocupado dando o melhor no meu e tava preocupado também com todos os alunos fazendo o mesmo. Dando o seu melhor lá. E dava certo. Cada um sabia mesmo as meninas da coreografia, confiava nos instrumento e nós confiava neles. Existia aquele compromisso de cada um dar o seu melhor porque no final a gente tivesse um negócio funcionando direitinho. Existia respeito. As vezes a gente começava a conversar lá, mas loguinho a gente caia a ficha: Vamos levar a sério. E assim a gente ia.

(1:03:08) “As vezes a gente ensaiava na banda, lá na quadra lá, com os instrumentos, via que não tava bom, nós levava os instrumentos pra casa e juntava dois companheiros lá e ia tocar pra ficar bom. A gente levava a sério mesmo.”

Willian

(1:04:08) “Pela época nossa aí, a pegada era assim mesmo. Praticamente era vida de atleta. O atleta se dedica totalmente a entregar 100% do que consegue e até mais pra aquilo ali né? Então era nossa vida era isso pra música.”

Franciele

(1:10:10) “Mas é uma que o Marciel falava que eu nunca esqueço. Nós tínhamos essa disciplina por quê? Porque quando os alunos faziam as coisas por malfeito, ele parava tudo e falava: O que vocês fazem aqui vocês vão apresentar lá. Se você fizer errado aqui não adianta você falar que vai fazer certo lá depois. Então quando a gente marchava que a gente tava errado, ele falava: Não é assim. O que a gente aprende a gente faz.

3. Você participou de apresentações e/ou campeonato com a banda? Se sim, pode nos relatar um pouco desses momentos?

4. Para você, qual a importância do ensino de música na escola para o desenvolvimento do processo de aprendizagem e das relações interpessoais?

Eliene Britto

(1:26:17) “é um fator, a música e me remetendo à banda, para a escola eu vejo como disciplina e compromisso. Né? A partir desses dois fatores o menino, ele se interessa também pela sala de aula. Hoje na nossa banda nós temos alguns meninos que são tido como meninos problemas que estão lá e vão lá e dão um show. Talvez esse menino, ele não se sobressai na sala de aula, mas lá na música ele aprende a partir que ele começa a aprender a disciplina vem, o compromisso vem e essa influência vai lá na sala de aula. Então eu acredito que esses dois fatores: o compromisso que ele tem. Até mesmo a grandiosidade de ele ver esse instrumento, enche os olhos. A gente percebe assim... o brilho no olho do menino na hora que ele vê os instrumentos... eles sonham e a gente percebe lá que tem menino que sonha em tocar aquela tuba, mas infelizmente o físico não dá, o respiratório não dá, mas assim, esse desejo faz com que o menino dê resposta lá na sala de aula. Então acredito que é um fator muito importante, principalmente na nossa escola. Se passaram meninos excelentes pela banda, mas passaram meninos problemas que foram resgatados a partir desse ensino da música, desse gosto que esse menino começou a ter pela música. E hoje a gente percebe aí meninos fazendo sucesso através da música, nas igrejas, né? No local de trabalho. Então assim, a gente tem esse respaldo enquanto esse ensino de música dentro da escola. E faz a diferença.

Franciele

(1:28:31) “Outro ponto também é, muitos alunos que participam conseguem sobressair no mundo, saber conversar. Porque tem muitas crianças que entram dentro da banda que são tímidas, as vezes dentro da sala de aula não conseguem expor o que as vezes ele precisa. E dentro da banda ele vai buscar isso, porque? Porque dentro da música ele precisa procurar pra poder aprender. Então ele tem que dialogar, ele tem que perguntar. E nisso ele sobressai no mundo, porque ele vai conseguir procurar, ele vai saber conversar, ele vai saber tentar tirar suas dúvidas, onde as vezes ele não conseguia. Vencer a timidez. Porque tem muitas crianças que entram que são tímidas e conseguem vencer isso através da música.”

Clautamir

(1:29:55) “Eu tenho comigo que aprender um instrumento pra mim, ele foi aquele começo de eu me sentir capaz. Ele foi aquele start de falar assim: De agora em diante você sabe que você consegue se você correr atrás. Então pra mim foi muito importante. Tanto é que eu coloquei minhas filhas também numa aula de piano porque tudo que a gente aprender a música vai muito além do que a gente imagina. Então pra mim, eu aprender um instrumento foi a coisa essencial que me fez eu acreditar em mim mesmo. Eu nunca fui muito bom em escola, um jogador de bola, um esportista. Em nada eu era bom. Quando eu comecei a tocar eu vi que eu era bom.

Demorou eu entender que eu era bom, mas eu vi que meus companheiros contavam comigo e eu tinha aceitação deles, então isso aí me ajudou muito como pessoa até hoje né?”

Marciel

(1:31:35) “Hoje nós trabalhamos na escola como trazer essa oportunidade pra mais alunos. A gente sempre conversava. Se tem um instrumento, mas por exemplo, eu tinha 4 trompetes. Se 4 pegasse o trompete eu não tinha jeito de abrir vagas pra outros. Então a gente sempre tinha sempre essa dificuldade. O aluno tinha vontade. A gente via que pra ele a banda, a música, seria uma oportunidade que ele teria para um crescimento na vida. E hoje nós trazemos essa oportunidade.”

(1:33:32) “eu diria que a banda hoje a música dentro da escola São Sebastião ela é um marco, uma estrutura de oportunidade que nós temos. E é isso que nós fazemos hoje: trazemos oportunidades para os alunos lá do CEPI.”

Willian

(1:33:57) “É um divisor de água mesmo. Eu falo porque eu era o piolhinho lá. O mais miudinho o mais fraco, só apanhava, só sofria na escola mesmo. Aí eu pegava um instrumento daquele e me sentia 10 vezes o tamanho que eu era fisicamente e tanto espiritualmente. Parece que até minha alma se elevava tocando. Porque eu era muito miudinho. Não podia nem encostar que eu já chorava. Aquilo ali pra mim foi auto estima. Tanto é que hoje eu participo de competição de barco. Eu fiquei autocompetitivo. Eu não me sinto incapaz de realizar nada, não baixo minha cabeça pra mais nada na minha vida. Eu sei que se eu traçar aquele objetivo eu posso conseguir. Por mais que pode ser sofrido, dolorido, mas se eu quiser eu posso alcançar e tanto na minha vida profissional hoje também graças a Deus bem sucedido aqui. Então eu tenho que tudo foi através da música e se não fosse a música eu talvez tinha esse retardamento na minha vida de não ser capaz das coisas pelo que eu consegui tocando, apresentando porque só quem me conheceu quando pequeno mesmo, hoje se ver eu assusta. Mas antigamente dava dó...”

Gabriel

(1:36:52) “Como a Franciele falou né? Eu era muito introvertido e quando eu entrei na banda eu comecei a conversar com as pessoas mais, participar mais das coisas né? Até então eu não gostava de participar das apresentações que tinha, eu falo da parte escolar né?. E a parte de conseguir conversar mais com as pessoas que eu não conseguia mesmo. Hoje em dia eu converso de boa, trabalho em recepção, conversando com as pessoas, atendendo as pessoas e isso me ajudou bastante. Com certeza me ajudou.”

